

TIMOTHY KELLER

DEUSES FALSOS

**AS PROMESSAS VAZIAS
DO DINHEIRO, SEXO E PODER,
E A ÚNICA ESPERANÇA
QUE REALMENTE IMPORTA**


VIDA NOVA

**dEUSES
FALSOS**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Keller, Timothy

Deuses falsos: as promessas vazias do dinheiro, sexo e poder, e a única esperança que realmente importa / Timothy Keller; tradução de Jurandy Bravo -- São Paulo: Vida Nova, 2018.
192 p.

ISBN 978-85-275-0879-7

Título original: Counterfeit gods: the empty promises of money, sex, and power, and the only hope that matters

1. Idolatria 2. Vida cristã - Escritores presbiterianos I. Título II. Bravo, Jurandy

18-1770

CDD – 241.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Idolatria - Pecados

TIMOTHY KELLER

DEUSES FALSOS

AS PROMESSAS VAZIAS
DO DINHEIRO, SEXO E PODER,
E A ÚNICA ESPERANÇA
QUE REALMENTE IMPORTA

Tradução
Jurandy Bravo



©2009, de Timothy Keller

Título do original: *Counterfeit gods: the empty promises of money, sex, and power, and the only hope that matters*, edição publicada por PENGUIN BOOKS,
uma divisão de PENGUIN RANDOM HOUSE LLC (New York, New York, EUA).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1ª edição: 2018

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação de fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida
Século_21. As citações com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da New
International Version (NIV). Citações bíblicas com a sigla TA se referem a traduções feitas pelo autor
a partir do original grego/hebraico.

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Tiago Abdalla T. Neto

Aldo Menezes

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Cristina Portella

Marcia B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS

Guilherme Lorenzetti

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Luciana Di Iorio

CAPA

Souto Crescimento de Marca

A meus filhos, DAVID, MICHAEL e JONATHAN, que conseguem detectar as falsificações.

SUMÁRIO

Agradecimentos

Introdução: a fábrica de ídolos

UM

Tudo o que você sempre quis

DOIS

O amor não é tudo de que você precisa

TRÊS

O dinheiro muda tudo

QUATRO

A sedução do sucesso

CINCO

O poder e a glória

SEIS

Os ídolos ocultos em nossa vida

SETE

O fim dos deuses falsos

Epílogo: descobrindo e substituindo seus ídolos

Bibliografia

AGRADECIMENTOS

Mais uma vez, agradeço a Jill Lamar, David McCormick e Brian Tart, equipe literária dos meus sonhos que sempre me incentiva e encoraja na produção de textos. Obrigado também a Janice Worth e Lynn Land, que me ajudam a sair para escrever todo verão.

Este livro analisa nossa cultura. Na minha idade, as pessoas costumam perder a sensibilidade por ela e, conseqüentemente, deixam de entendê-la. Meus filhos — David, Michael e Jonathan — me fazem feliz em mais sentidos do que sou capaz de enumerar. O que mais tem ligação com este livro é a observação sábia e perceptiva que eles têm dos ídolos dos universos em que estão inseridos e a disposição com que conversam comigo sobre eles, sem pressa e de maneira intensa. Rapazes, obrigado pelas caminhadas, jantares e pelo tempo em que apenas ficamos juntos. Respeito o fato de terem crescido amando a cidade e se tornado homens íntegros.

Quero agradecer à Kathy, que se empenhou trabalhando comigo no livro durante meses e nas ideias por trás dele durante anos. Devo lhe dizer o que John Newton escreveu para a esposa, Polly: não é de admirar que tantos anos, tantos gestos de carinho, tantos compromissos tenham produzido esse efeito incomum, em que, para mim, por um hábito de muito tempo, é quase impossível respirar sem que isso envolva você.

INTRODUÇÃO

A FÁBRICA DE ÍDOLOS

No mundo, existem mais ídolos que realidades.
FRIEDRICH NIETZSCHE, *Twilight of the idols*¹

Uma estranha melancolia

Depois do início da crise econômica global, em meados de 2008, houve uma série trágica de suicídios de pessoas outrora ricas e bem relacionadas. O diretor financeiro interino da Federal Home Loan Mortgage Corporation, empresa de crédito imobiliário também conhecida como Freddie Mac, enforcou-se no porão de sua casa. O dirigente executivo da Sheldon Good, uma das maiores empresas de auditoria imobiliária dos Estados Unidos, disparou uma arma contra a própria cabeça ao volante de seu Jaguar vermelho. Um gerente financeiro francês, responsável pelo investimento do patrimônio de muitas das famílias reais e importantes da Europa, que perdeu 1,4 bilhão de dólares dos clientes no esquema de pirâmide de Bernard Madoff, cortou os pulsos e morreu em seu escritório da avenida Madison. Um executivo sênior dinamarquês do banco HSBC enforcou-se dentro do guarda-roupa de sua suíte, cuja diária custava 500 libras, em Knightsbridge, Londres. Quando um executivo do banco Bear Stearns soube que não seria contratado pelo JPMorgan Chase, comprador de sua empresa falida, ingeriu uma overdose de drogas e pulou do 29.º andar de seu prédio. Um amigo comentou: “O que aconteceu com o Bear Stearns [...] acabou com ele”.² Casos como esses tinham uma terrível

semelhança com os suicídios após a queda estrepitosa da bolsa de valores em 1929.

Na década de 1830, quando Alexis de Tocqueville registrou suas famosas observações sobre a América, notou “uma estranha melancolia a assombrar os habitantes [...] em meio à abundância”.³ Os americanos acreditavam que a prosperidade poderia saciar-lhes o anseio por felicidade, mas era uma esperança ilusória, porque, acrescentou Tocqueville, “as alegrias imperfeitas deste mundo jamais satisfarão o coração [humano]”.⁴ Essa estranha melancolia se manifesta de diversas maneiras, mas sempre leva ao mesmo desespero de não encontrar o que se busca.

Há uma diferença entre tristeza e desespero. Tristeza é a dor para a qual existem fontes de consolação. Ela resulta da perda de algo bom entre várias coisas, de modo que, se você experimentar um revés profissional, poderá achar consolo na família para atravessar a dor. O desespero, por sua vez, é inconsolável, pois provém da perda de algo *essencial*. Quando você perde a fonte suprema de seu significado ou esperança, não existem fontes alternativas às quais se voltar. Isso acaba com você.

Qual é a causa dessa “estranha melancolia” que domina nossa sociedade mesmo em tempos de explosão de atividades frenéticas e que se converte em desespero absoluto quando a prosperidade diminui? Tocqueville diz que isso é consequência de obter uma “alegria imperfeita deste mundo” e de edificar toda a vida com base em tal alegria. Essa é a definição de idolatria.

Uma cultura repleta de ídolos

Para pessoas contemporâneas, a palavra *idolatria* remete a imagens de povos primitivos curvados diante de estátuas. O livro bíblico de Atos, no Novo Testamento, contém descrições vívidas de culturas do antigo mundo greco-romano. Cada cidade adorava suas divindades prediletas e construía santuários em torno das imagens delas para adoração. Quando foi para Atenas, Paulo viu uma cidade literalmente repleta de imagens de divindades (At 17.16). O *Partenon* ateniense dominava a paisagem, mas outras

divindades estavam representadas em espaços públicos. Havia Afrodite, a deusa da beleza; Ares, o deus da guerra; Ártemis, a deusa da fertilidade e da prosperidade; Hefesto, o deus da arte.

Nossa sociedade contemporânea não difere muito dessas antigas. Cada cultura é dominada por um conjunto próprio de ídolos. Cada uma tem seu “sacerdócio”, seus totens e rituais. Cada uma tem seus santuários — sejam torres de escritórios, sejam *spas* e academias de ginásticas, sejam estúdios, sejam estádios — onde sacrifícios devem ser oferecidos com o intuito de alcançar as bênçãos de uma boa vida e evitar desastres. O que são os deuses da beleza, do poder, do dinheiro e da realização, senão as mesmas coisas que assumiram dimensões míticas em nossa vida individual e em nossa sociedade? Talvez não dobremos os joelhos diante da estátua de Afrodite, mas muitas jovens hoje entram em depressão e enfrentam transtornos alimentares por causa de uma preocupação obsessiva com a imagem corporal. Podemos não queimar incenso a Ártemis, mas quando o dinheiro e a carreira profissional são elevados a proporções cósmicas, realizamos uma espécie de sacrifício de crianças, negligenciando a família e a comunidade para alcançar posição mais elevada nos negócios e obter mais riqueza e prestígio.

Depois que Eliot Spitzer, governador de Nova York, destruiu a carreira por seu envolvimento em um prostíbulo de luxo, David Brooks observou que nossa cultura tem produzido uma categoria de grandes empreendedores com sério “desequilíbrio relacionado à posição que ocupam”. Eles têm habilidades sociais para relacionamentos verticais, para melhorar sua posição diante de mentores e chefes, mas nenhuma habilidade para criar laços em relacionamentos horizontais com cônjuges, amigos e família. “Inúmeros candidatos à presidência dizem concorrer para defender a família, embora passem a vida inteira correndo atrás da campanha, longe da própria família.” À medida que os anos passam, chegam à constatação enfadonha de que “a grandiosidade que atingiram não basta e que se sentem solitários”.⁵ Muitos de seus filhos e cônjuges estão distantes deles. Assim, esses líderes buscam curar a ferida. Envolvem-se em casos amorosos

ou tomam outras medidas desesperadas para remediar o vazio interior. Então, ocorre a desintegração da família ou o escândalo, ou ambos.

Eles sacrificaram tudo ao deus do sucesso, mas não foi suficiente. Na Antiguidade, as divindades tinham sede de sangue e eram difíceis de apaziguar. E continuam assim.

Ídolos do coração

Seria difícil defender essa ideia de maneira convincente na era da explosão das empresas “ponto com” e das bolhas imobiliárias e de ações dos últimos vinte anos. Todavia, o grande fiasco econômico ocorrido entre 2008 e 2009 expôs o que hoje é chamado de “cultura da ganância”. Muito tempo atrás, Paulo escreveu que a ganância não era um mau comportamento apenas. “Ganância [...] é idolatria” (Cl 3.5, NIV), escreveu ele. O dinheiro, conforme advertiu, pode assumir atributos divinos, e nossa relação com ele se aproxima então da adoração e da reverência.

O dinheiro pode se tornar um vício espiritual, e, como todos os vícios, ele esconde de suas vítimas as reais proporções que tem. Corremos mais e maiores riscos de alcançar uma satisfação cada vez menor com o que almejamos, até que venha o colapso. Quando começamos a nos recuperar, perguntamos: “O que estávamos pensando? Como pudemos ser tão cegos?”. Acordamos como alguém de ressaca que mal consegue se lembrar da noite anterior. Mas por quê? Por que agimos de maneira tão irracional? Por que perdemos completamente de vista o que é certo?

A resposta bíblica é que o coração humano é uma “fábrica de ídolos”.⁶

A maioria das pessoas, quando pensa em “ídolos”, tem em mente estátuas em sentido literal — ou o próximo astro *pop* ungido por Simon Cowell. Todavia, embora a adoração tradicional a ídolos ainda ocorra em muitos lugares do mundo, a adoração interna a eles, que ocorre no coração, é universal. Em Ezequiel 14.3, Deus diz sobre os anciãos de Israel: “... estes homens deram lugar no *coração* aos seus ídolos...” (grifo do autor). Como nós, os anciãos devem ter respondido à acusação: “Ídolos? Que ídolos? Eu

não tenho ídolo nenhum.” Deus estava dizendo que o coração humano toma coisas boas, como uma carreira profissional bem-sucedida, o amor, os bens materiais e até a família e os converte em coisas essenciais. Nosso coração as endeusa como o centro de nossa vida, porque, conforme pensamos, elas são capazes de nos dar significado e segurança, proteção e realização, se as alcançarmos.⁷

O enredo central de *O senhor dos anéis* concentra-se no Anel de Poder do senhor das trevas Sauron, capaz de corromper qualquer um que tente usá-lo, ainda que sejam boas as suas intenções. O anel é o que o professor Tom Shippey chama de “amplificador psíquico”, tomando os desejos mais ternos do coração e os ampliando a proporções idolátricas.⁸ Alguns personagens bons do livro querem libertar escravos, preservar a terra do seu povo ou impor justo castigo aos malfeitores. São todos objetivos positivos. Mas o anel os torna dispostos a *qualquer* coisa para consegui-los, qualquer coisa mesmo. Ele converte algo bom em um absoluto que subverte qualquer outra lealdade ou valor. O portador do anel torna-se cada vez mais escravizado e viciado nele, pois o ídolo é algo sem o qual não conseguimos viver. Precisamos tê-lo e, por consequência, ele nos leva a infringir regras que honramos, prejudicar outros e até a nós mesmos a fim de obter esse ídolo. Os ídolos são vícios espirituais que levam ao mal terrível no romance de Tolkien e na vida real.

Qualquer coisa pode ser um ídolo

Momentos culturais como o que vivemos nos oferecem uma oportunidade. Hoje há muita gente mais aberta à advertência bíblica de que o dinheiro pode vir a ser bem mais do que dinheiro. Ele pode se tornar um deus poderoso a transformar nossa vida e a influenciar a cultura, um ídolo que despedaça o coração de seus adoradores. A má notícia é que estamos de tal forma concentrados no problema da ganância, que temos a tendência de vê-lo “naquela gente rica logo ali”, a ponto de não percebermos a verdade mais fundamental. Qualquer coisa pode ser um ídolo, e tudo tem sido ídolo.

O código moral mais famoso do mundo é o Decálogo, os Dez Mandamentos. O primeiro mandamento é “Eu sou o SENHOR teu Deus [...]. Não terás outros deuses além de mim” (Êx 20.2,3). Essa ordem leva a uma pergunta natural: “O que você quer dizer com ‘outros deuses?’”. Uma resposta aparece de imediato: “Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te curvarás diante delas, nem as cultuarás...” (Êx 20.4,5). Isso abrange tudo o que há no mundo! A maioria das pessoas sabe que é possível fazer do dinheiro um deus. A maioria sabe que é possível fazer do sexo um deus. No entanto, *qualquer* coisa na vida pode servir de ídolo, um deus alternativo, um deus falso.

Há pouco tempo, ouvi o relato de um oficial do exército que buscava a disciplina física e militar de suas tropas de maneira tão excessiva que acabava com o moral dos soldados. Isso gerou um colapso na comunicação em combate e resultou em fatalidades. Conheci uma mulher que havia experimentado períodos de pobreza na infância. Quando adulta, tornou-se tão ávida por segurança financeira que deixou passar muitos bons relacionamentos em potencial para casar-se com um homem rico que não amava de verdade. Isso levou ao divórcio prematuro e a todas as dificuldades econômicas que tanto temia. Parece que alguns jogadores do Major League Baseball tomam esteroides e outras drogas não só para jogarem bem, mas para jogarem no nível do *hall da fama*. Por consequência, eles têm o corpo mais debilitado e a reputação mais manchada do que se estivessem dispostos a serem bons e não ótimos. Justo aquilo sobre o que essas pessoas edificavam toda sua felicidade se transformou em pó nas mãos delas *porque* construíram toda sua felicidade com base nessas coisas. Em cada um dos casos, algo bom entre tantas coisas boas se converteu em algo supremo, a fim de impor exigências que anularam todos os valores concorrentes.² Mas os deuses falsos sempre decepcionam, e, com frequência, de maneira destrutiva.

É errado desejar soldados disciplinados, segurança financeira ou façanha esportiva? De forma alguma. Mas essas histórias indicam um erro comum que as pessoas cometem quando ouvem falar no conceito bíblico de

idolatria. Achamos que ídolos são coisas ruins, mas quase nunca isso é verdade. Quanto maior o bem, mais provável é que esperemos dele a satisfação das nossas necessidades e esperanças mais profundas. Qualquer coisa serve de deus falso, especialmente as melhores coisas da vida.

Como criar um deus

O que é o ídolo? Qualquer coisa mais importante que Deus para você, que domine seu coração e sua imaginação mais do que Deus. Qualquer coisa que você busque a fim de receber o que só Deus pode dar.¹⁰

Qualquer coisa que seja tão central e essencial para sua vida é um deus falso, e, caso você o perca, sua vida dificilmente parecerá digna de ser vivida. O ídolo tem uma posição de controle em seu coração a ponto de você ser capaz de investir nele a maior parte de sua paixão e energia, de seus recursos emocionais e financeiros, sem pensar duas vezes. Pode ser família e filhos, ou carreira profissional e enriquecimento, ou conquistas e aplauso da crítica, ou manter as “aparências” e a posição social. Pode ser um relacionamento romântico, a aprovação dos colegas, competência e habilidade, circunstâncias seguras e confortáveis, sua beleza ou seu cérebro, uma grande causa política ou social, sua moralidade e virtude, ou mesmo o sucesso no ministério cristão. Quando seu sentido na vida é consertar a vida de outra pessoa, podemos chamar isso de “codependência”, mas, na verdade, trata-se de idolatria. Ídolo é qualquer coisa que você observe e diga, no fundo do coração: “Se tiver isso, então sentirei que minha vida faz sentido, então saberei que tenho valor, então me sentirei importante e seguro”. Há muitas maneiras de descrever esse tipo de relacionamento com algo específico, mas talvez a melhor seja *adoração*.

Os antigos pagãos não estavam sendo fantasiosos ao representar quase tudo como um deus. Tinham deuses do sexo, do trabalho, da guerra, do dinheiro, da nação — pelo simples fato de que qualquer coisa pode ser um deus a governar e servir de divindade no coração de uma pessoa ou na vida de um povo. Por exemplo, a beleza física é algo agradável, mas, se for

“endeusada” e transformada na coisa mais importante da vida de uma pessoa ou cultura, então haverá Afrodite, não apenas a beleza. Existem pessoas, e uma cultura inteira, angustiadas o tempo todo por causa de aparência, gastando quantidades excessivas de tempo e dinheiro com isso e avaliando o caráter com base na aparência, uma prática bastante tola. Se qualquer coisa torna-se mais fundamental do que Deus para sua felicidade, sentido na vida e identidade, então essa coisa é um ídolo.

O conceito bíblico de idolatria é uma ideia extremamente sofisticada, integrando as categorias intelectual, psicológica, social, cultural e espiritual. Há ídolos pessoais como o amor romântico e a família; ou o dinheiro, o poder e a conquista; ou o acesso a determinados círculos sociais; ou a dependência emocional de outras pessoas em relação a você; ou a saúde, o preparo físico e a beleza física. Muitos se voltam para essas coisas em busca da esperança, do sentido e da realização que só Deus pode dar.

Há ídolos culturais como o poder militar, o progresso tecnológico e a prosperidade econômica. Os ídolos das sociedades tradicionais envolvem família, trabalho duro, obrigações e virtude moral, ao passo que nas culturas ocidentais eles são a liberdade individual, o autoconhecimento, a riqueza pessoal e a realização. Todas essas coisas boas podem adquirir dimensão e força desproporcionais na sociedade, e de fato é o que acontece. Prometemos segurança, paz e felicidade, desde que nossa vida se fundamente nelas.

Também pode haver ídolos intelectuais, com frequência chamados de *ideologias*. Por exemplo, os intelectuais europeus do fim do século 19 e início do século 20 tornaram-se convencidos, em grande medida, acerca da visão de Rousseau da bondade inata à natureza humana e de que todos os nossos problemas sociais eram o resultado de educação e socialização deficientes. A Segunda Guerra Mundial destruiu essa ilusão. Beatrice Webb, a quem muitos consideram a arquiteta do estado de bem-estar social da moderna Grã-Bretanha, escreveu:

Em algum lugar do meu diário — 1890? —, escrevi: “Apostei tudo na bondade essencial da natureza humana...”. [Agora, 35 anos depois, percebo] quão permanentes são os impulsos e instintos perversos no homem, quão pouco se pode esperar a mudança de alguns deles — por exemplo, a atração da riqueza e do poder — por meio de qualquer alteração no mecanismo [social].

[...] Não há quantidade de conhecimento ou ciência que seja útil, a menos que sejamos capazes de refrear o impulso ruim.¹¹

Em 1920, no livro *Outline of history*,¹² H. G. Wells elogiou a crença no progresso humano. Em 1933, em *The shape of things to come*,¹³ assustado com o egoísmo e a violência das nações europeias, Wells acreditava que a única esperança era os intelectuais assumirem o controle e implementarem um programa educacional compulsório enfatizando a paz, a justiça e a equidade. Em 1945, em *A mind at the end of its tether* [Uma mente sem forças], ele escreveu: “O *homo sapiens*, como tem gostado de chamar a si próprio, [...] exauriu-se”. O que aconteceu com Wells e com Webb? Ambos tomaram uma verdade parcial e a transformaram em verdade universal, segundo a qual tudo podia ser explicado e aperfeiçoado. “Apostar tudo” na bondade humana consistia em colocá-la no lugar de Deus.

Também há ídolos, valores absolutos inegociáveis, em todo campo vocacional. No mundo dos negócios, a expressão do eu é suprimida pelo valor supremo, o lucro. No mundo da arte, entretanto, ocorre o contrário. Tudo é sacrificado à expressão do eu, e isso se faz em nome da redenção. Acredita-se que a raça humana necessita disso acima de tudo. Os ídolos estão em toda parte.

Ame, confie e obedeça

A Bíblia usa três metáforas básicas para descrever como as pessoas se relacionam com os ídolos em seu coração. Elas *amam* os ídolos, *confiam* neles e lhes *obedecem*.¹⁴

As Escrituras às vezes falam de ídolos usando uma metáfora conjugal. Deus deveria ser nosso verdadeiro cônjuge, mas quando desejamos outras coisas mais do que Deus e nelas nos deleitamos mais do que em Deus, cometemos adultério espiritual.¹⁵ O romance e o sucesso podem tornar-se “falsos amantes” que prometem fazer com que nos sintamos amados e valorizados. Os ídolos conquistam nossa imaginação, e podemos identificá-los ao observar nossos devaneios. O que gostamos de imaginar? Quais são

nossos sonhos favoritos? Voltamo-nos para nossos ídolos para que nos amem, deem-nos valor e um senso de beleza, importância e mérito.

A Bíblia costuma falar dos ídolos por meio da metáfora da religião. Deus deveria ser nosso verdadeiro salvador, mas recorremos à realização pessoal ou à prosperidade financeira para obtermos a segurança de que precisamos.¹⁶ Os ídolos dão a impressão de que estamos no controle, e podemos identificá-los ao observar nossos pesadelos. O que mais tememos? O que, se perdermos, tornaria a vida indigna de ser vivida? Fazemos “sacrifícios” com o intuito de apaziguar e agradar nossos deuses, crendo que eles nos protegerão. Voltamo-nos para nossos ídolos a fim de que nos forneçam um senso de confiança e segurança.

A Bíblia também fala de ídolos ao usar uma metáfora política. Deus deveria ser nosso único senhor e mestre, mas o que quer que amemos e no que quer que confiemos, a isso também servimos. Qualquer coisa que se torne mais importante e inegociável do que Deus para nós torna-se um ídolo a nos escravizar.¹⁷ Nesse paradigma, podemos identificar os ídolos ao observar nossas emoções mais persistentes. O que nos deixa irados, ansiosos ou desesperançados de forma descontrolada? O que nos atormenta com uma culpa da qual não conseguimos nos livrar? Os ídolos nos dominam, uma vez que sentimos a necessidade de tê-los a fim de que a vida faça sentido.

O que nos controla é nosso senhor. A pessoa que busca poder é controlada pelo poder. A pessoa que busca aceitação é controlada por quem ela deseja agradar. Não controlamos a nós mesmos. Somos controlados pelo senhor da nossa vida.¹⁸

O que muita gente chama de “problemas psicológicos” são simples questões de idolatria. Perfeccionismo, alcoolismo, indecisão crônica, a necessidade de controlar a vida alheia — tudo isso origina-se do processo de tornar coisas boas em ídolos, que, depois, nos consomem à medida que tentamos apaziguá-los. Os ídolos dominam nossa vida.

A oportunidade do desencantamento

Conforme estudamos, há grande diferença entre tristeza e desespero, uma vez que o desespero é a tristeza insuportável. Na maioria dos casos, a diferença entre os dois é a idolatria. Um homem de negócios coreano se matou depois de perder a maior parte de um investimento de 370 milhões de dólares. “Quando o índice da bolsa de valores do país caiu abaixo de 1.000, ele parou de comer e se entregou a uma bebedeira durante dias, até resolver se matar”, a esposa relatou à polícia.¹⁹ No meio da grande crise financeira entre 2008 e 2009, ouvi um homem chamado Bill contar que havia se tornado cristão três anos antes e que sua segurança suprema se transferira do dinheiro para seu relacionamento com Deus por meio de Cristo.²⁰ “Se a atual dissolução econômica tivesse ocorrido há mais de três anos, bem, não sei se teria conseguido encará-la ou como faria para seguir em frente. Hoje, posso lhe dizer com toda sinceridade que nunca estive mais feliz em minha vida.”

Embora pensemos que vivemos em um mundo secular, os ídolos, deuses resplandecentes da nossa era, mantêm o direito de propriedade da confiança funcional do nosso coração. Com a economia global em grande confusão, muitos ídolos que temos adorado há anos ruíram à nossa volta. Essa é uma excelente oportunidade. Experimentamos por breves instantes um “desencantamento”. Nas histórias antigas, isso significava que o feitiço lançado pela bruxa má havia se quebrado e surgido uma oportunidade de fuga. Momentos como esse chegam a nós, indivíduos, quando alguma grande iniciativa, busca ou pessoa em que edificamos nossa esperança deixa de cumprir o que (pensávamos que) tinha prometido. Raramente, essas oportunidades sobrevêm a uma sociedade inteira.

O caminho a seguir para superar o desespero consiste em discernir os ídolos do nosso coração e da nossa cultura. Mas isso não será o suficiente. O único modo de nos libertarmos da influência destrutiva dos deuses falsos é nos voltarmos para o Deus verdadeiro. O Deus vivo, que se revelou tanto no monte Sinai quanto na cruz, é o único Senhor que, quando encontrado, pode de fato satisfazê-lo e, caso você falhe, pode e fato lhe perdor.

1 Edição em português: *O crepúsculo dos ídolos*, tradução de Paulo César de Souza (São Paulo: Companhia das Letras, 2006).

2 Todos esses suicídios ocorreram entre maio de 2008 e abril de 2009. Foram compilados no post de um blog disponível em: <http://copycateffect.blogspot.com/2009/04/recess-x.html>.

3 *Democracy in America*, tradução para o inglês de George Lawrence (New York: Harper, 1998), p. 296 [edição em português: *A democracia na América*, tradução de Eduardo Brandão (São Paulo: Martins Fontes, 2000)], citado em Andrew Delbanco, *The real American dream: a meditation on hope* (Cambridge: Harvard University Press, 1999), p. 3.

4 Ibidem.

5 “The rank-link imbalance”, *New York Times*, March 14, 2008.

6 O uso da idolatria como uma categoria importante para a análise psicológica e sociocultural ganhou importância de novo nos últimos quinze anos no mundo acadêmico. Primeiro houve o apogeu de Feuerbach, Marx e Nietzsche, que usaram o vocabulário da “idolatria” para criticar a religião e o próprio cristianismo, dizendo que a igreja criara Deus a sua própria imagem de modo a promover os próprios interesses. Veja Merold Westphal, *Suspicion and faith: the religious uses of modern atheism* (The Bronx: Fordham, 1999). Antes negligenciado, o conceito tem recebido análise acadêmica séria e inovadora de dois eminentes filósofos judeus, Moshe Halbertal e Avishai Margalit, em *Idolatry* (Cambridge: Harvard University Press, 1992). A partir desse trabalho, houve uma onda recente de estudos sérios sobre o assunto. Por exemplo, veja Stephen C. Barton, org., *Idolatry: false worship in the Bible, early Judaism, and Christianity* (London/New York: T&T Clark, 2007); G. K. Beale, *We become what we worship: a biblical theology of idolatry* (Downers Grove: InterVarsity, 2008) [edição em português: *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*, tradução de Marcus Throup (São Paulo: Vida Nova, 2014)]; Edward P. Meadors, *Idolatry and the hardening of the heart: a study in biblical theology* (London/New York: T&T Clark, 2006); Brian S. Rosner, *Greed as idolatry: the origin and meaning of a Pauline metaphor* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007).

7 Na Bíblia, a idolatria envolve, sem dúvida, o ritual de adoração a deuses que não são o verdadeiro Deus de Israel. Ela significa curvar-se ou “beijar a mão”, ou fazer sacrifícios a deuses de outras religiões e nações (Êx 20.3; 23.13; Jó 31.26-28; Sl 44.20,21). Qualquer um que faça isso perde o direito à salvação divina (Jn 2.8). Mas a Bíblia deixa claro que não podemos restringir a idolatria à reverência diante da imagem de deuses falsos. Ela pode ser praticada internamente, na alma e no coração, sem ser exteriorizada (Ez 14.3ss.). Consiste em substituir Deus por alguma coisa criada no coração, no centro da vida. Por exemplo, o profeta Habacuque fala dos babilônios, “cujo deus é o próprio poder” (Hc 1.11) e de seu poderio militar, ao qual sacrificam e queimam incenso (veja Hc 1.16). Em Ezequiel 16 e Jeremias 2 e 3, os profetas acusam a nação de Israel de idolatria por ela ter firmado tratados de defesa com o Egito e a Assíria. Esses tratados ofereciam o pagamento de altas taxas e sujeição política em troca de proteção militar. Os profetas consideraram isso uma idolatria porque Israel estava confiando no Egito e na Assíria para lhes dar a segurança que só Deus podia lhes conceder (Halbertal; Margalit, *Idolatry*, p. 5-6). Quando o rei Saul desobedeceu à palavra do Senhor anunciada pelo profeta Samuel e começou a fazer negócios e a tratar de política externa de modo típico dos poderes imperialistas, Samuel lhe disse que a desobediência arrogante ao Senhor era idolatria (1Sm 15.23). Na Bíblia, portanto, idolatria é voltar-se para a própria sabedoria e competência ou para alguma outra coisa criada, a fim de alcançar o poder, a aprovação, o consolo e a segurança que só Deus pode dar. Uma das interpretações protestantes clássicas da idolatria está no sermão do puritano David Clarkson, “Soul idolatry excludes men out of heaven”, in: *The works of David Clarkson* (Edinburgh: James Nichols, 1864), vol. II. Clarkson distingue a idolatria “externa”, que consiste em se curvar literalmente diante

de uma imagem física, da idolatria “interna”, um ato da alma. “Quando a mente se ocupa muito com um objeto, e o coração e os afetos se concentram muito nele, ocorre a adoração de *alma*; e essa é [...] uma honra devida somente ao Senhor, a de ter o primeiro lugar, o mais elevado, tanto em nossa mente quanto em nosso coração e esforços” (p. 300).

8 *J. R. R. Tolkien: author of the century* (New York: Houghton Mifflin, 2000), p. 36.

9 Quase no fim do livro magistral *Idolatry*, os autores Moshe Halbertal e Avishai Margalit resumem a natureza da idolatria da seguinte forma: “Atribuir a alguma coisa valor supremo não significa necessariamente conferir-lhe um conjunto de atributos divinos metafísicos; o ato de atribuir valor supremo envolve uma vida de plena devoção e máximo compromisso com algo ou alguém. O valor absoluto pode ser conferido a muita coisa. [...] Nessa *extensão* da adoração, a atitude religiosa não é percebida como parte da metafísica, ou como expressão de rituais habituais, mas como forma de devoção absoluta, uma atitude que transforma algo em um ser divino. O que torna algo um absoluto é o fato de ele ser dominante e exigente. Ele pretende ser superior a qualquer pretensão concorrente. [...] Qualquer valor não absoluto que seja convertido em absoluto e exija ser o centro da vida devotada é idolatria” (Cambridge: Harvard University Press, 1992, p. 245-6).

10 “Quando um valor finito [...] [se torna] um *núcleo de valor* pelo qual outros valores são julgados [...] [e] tem sido elevado à centralidade e imaginado como fonte suprema de significado, então quem o fez escolheu o que judeus e cristãos chamam de um *deus*. [...] Para ser adorado como um deus, algo deve ser suficientemente bom para que seja possível considerá-lo como o núcleo legítimo de valorização dessa pessoa. [...] Tem-se um deus quando um valor finito é adorado e venerado e visto como aquilo sem o qual uma pessoa não pode receber vida com alegria” (Thomas C. Oden, *Two worlds: notes on the death of modernity in America and Russia* [Downers Grove: InterVarsity, 1992], p. 95).

11 Margaret I. Cole, ed., *Beatrice Webb's diaries, 1924-1932* (London: Longmans, Green, and Co., 1956), p. 65.

12 Edição em português: *História universal*, 7. ed., tradução de Anísio Teixeira (São Paulo: Nacional, 1968), 3 vols.

13 Edição em português: *História do futuro*, tradução de Anísio Teixeira (São Paulo: Nacional, 1966).

14 Brian Rosner é quem faz o melhor trabalho em demonstrar a base para cada um desses três modelos em exegese bíblica e na história da interpretação. Veja Brian S. Rosner, *Greed as idolatry: the origin and meaning of a Pauline metaphor* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), cap. 10, esp. p. 43-6. Ele baseia grande parte da análise no trabalho de Moshe Halbertal; Avishai Margalit, *Idolatry* (Cambridge: Harvard University Press, 1992). A maioria dos livros sobre idolatria tende a enfatizar apenas um dos três modelos.

15 Textos bíblicos que descrevem a idolatria como adultério contra Deus, o nosso verdadeiro cônjuge, são: Jeremias 2.1—4.4; Ezequiel 16.1-63; Oseias 1—4; Isaías 54.5-8; 62.5. Veja tb. Halbertal; Margalit, “Idolatry and betrayal”, in: *Idolatry*, cap. 1.

16 Textos bíblicos que descrevem a idolatria como autossalvação, rejeitando Deus como nosso verdadeiro salvador, são aqueles em que Deus pergunta a seu povo: “Mas onde estão os teus deuses que fizeste para ti? Que se levantem e te salvem no tempo da tua aflição...” (Jr 2.28). Cf. tb. Juízes 10.13,14, Isaías 45.20, Deuteronômio 32.37,38. Veja ainda 1Samuel 15.23, em que a autossuficiência arrogante é considerada idolatria.

17 Os textos bíblicos que apresentam a idolatria como deslealdade espiritual, como traição ao nosso verdadeiro Rei, são: 1Samuel 8.6-8; 12.12; Juízes 8.23. Em Romanos 1.25,26 ensina-se que, não importa o que adoremos e em que focalizemos nossa vida, a esse objeto “servir[emos]” e obedeceremos (v. 25). O versículo 26 prossegue dizendo que isso significa que o coração se deixa controlar por ímpetos e desejos desmedidos e dominantes. No restante do Novo Testamento, esses desejos idólatras e escravizantes (em grego, *epithymia*) são mencionados sempre que a necessidade de transformação pessoal é abordada. Veja Gálatas 5.16ss.; Efésios 2.3; 4.22; 1Pedro 2.11; 4.2; 1João 2.16; Tiago 1.14ss. Veja tb. o capítulo “Idolatry and political authority” em Halbertal; Margalit, *Idolatry*, cap. 8.

18 Rebecca Pippert, *Out of the saltshaker* (Downers Grove: InterVarsity, 1979), p. 53.

19 O suicídio foi descrito na postagem do blog citado anteriormente, disponível em: <http://copycateffect.blogspot.com/2009/04/recess-x.html>.

20 Ao longo do livro, alterei o nome dele e das pessoas cuja vida usei como exemplo dos princípios que estamos abordando.

UM

TUDO O QUE VOCÊ SEMPRE QUIS

A pior coisa que pode acontecer

A maioria das pessoas passa a vida tentando transformar em realidade os sonhos mais caros a seu coração. Mas a vida não é isso, “a busca pela felicidade”? Procuramos incessantemente modos de adquirir tudo o que desejamos e nos dispomos a sacrificar muito para alcançá-las. Nunca imaginamos que concretizar os desejos mais profundos do nosso coração talvez seja a pior coisa que poderia nos acontecer.

Minha esposa e eu certa vez conhecemos uma mulher solteira, Anna, desesperada por ter filhos. Ela, finalmente, casou-se e, ao contrário das expectativas dos médicos, conseguiu ter dois filhos saudáveis apesar de sua idade. No entanto, seus sonhos não se tornaram realidade. Sua compulsão esmagadora para dar aos filhos uma vida perfeita impossibilitou que desfrutasse deles de verdade. A superproteção, os temores e ansiedades e a necessidade de controlar cada detalhe da vida dos filhos tornaram a família infeliz. O filho mais velho tinha um mau desempenho na escola e dava sinais de problemas emocionais sérios. O mais novo vivia com raiva. Há uma grande possibilidade de que o ímpeto de Anna em dar uma vida maravilhosa aos filhos fosse, na verdade, o que os arruinara. Concretizar o desejo mais profundo do seu coração talvez acabe tornando-se a pior coisa que poderia lhe acontecer.

No fim da década de 1980, Cynthia Heimel escreveu: “O instante em que alguém se torna uma celebridade é o mesmo em que se torna um monstro”, e em seguida citou o nome de três estrelas de Hollywood famosas que ela havia conhecido antes da fama. Aquelas pessoas que um dia tinham

sido “seres humanos perfeitamente agradáveis [...] agora se tornaram seres supremos dotados de uma fúria terrível”. Cynthia prosseguiu dizendo que, sob a pressão da fama e do sucesso, o caráter de todos nós torna-se defeituoso e as desgraças ficam duas vezes piores que antes.¹ Você talvez fique curioso em saber quem eram essas estrelas dos anos 1980, mas não precisa. Neste exato momento, as primeiras páginas dos jornais exibem todo tipo de “nomes em negrito” vivendo os mesmos padrões. Os nomes mudam, mas o padrão é constante.

A inevitabilidade da idolatria

Por que, com tanta frequência, a concretização do desejo mais profundo do seu coração costuma ser um desastre? No livro de Romanos, Paulo escreveu que uma das piores coisas que Deus pode fazer às pessoas é “[entregá-las] ao desejo ardente de seus corações” (Rm 1.24). Por que o maior castigo imaginável seria permitir a alguém concretizar seu maior sonho? Porque nosso coração converte esses desejos em ídolos. No mesmo capítulo, Paulo resumiu a história da raça humana em uma frase: “... adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador...” (v. 25). Todo ser humano precisa viver em torno de alguma coisa. Algo tem de cativar nossa imaginação, a aliança e a esperança mais fundamentais do nosso coração. No entanto, como nos diz a Bíblia, sem a intervenção do Espírito Santo, esse objeto jamais será o próprio Deus.

Se nos voltarmos para uma criatura a fim de obter o sentido, a esperança e a felicidade que só Deus pode dar, ela acabará não correspondendo às nossas expectativas e partirá nosso coração. Anna, a mulher que estava arruinando a vida dos filhos, não “os amou demais”, mas amou Deus de menos no relacionamento com os filhos. Conseqüentemente, seus “filhos-deuses” foram esmagados sob o peso das expectativas dela.

Dois filósofos judeus que conheciam as Escrituras de modo profundo concluíram: “O princípio [...] central da Bíblia [é] a rejeição da idolatria”.² Ou seja, a Bíblia está repleta de histórias retratando as inúmeras formas de

adoração a ídolos e seus efeitos devastadores. Todo falso deus que o coração pode escolher — amor, dinheiro, sucesso ou poder — tem uma narrativa bíblica poderosa para explicar como esse tipo específico de idolatria atua em nossa vida.

Um dos personagens centrais da Bíblia é Abraão. Como a maioria dos homens da Antiguidade, ele ansiava por um filho e herdeiro que desse continuidade a seu nome. No caso de Abraão, porém, esse desejo havia se tornado o mais profundo do seu coração. No fim, contrariando toda esperança, um filho lhe nasceu. Ele agora tinha tudo o que sempre quisera. Então Deus lhe pediu para abrir mão de tudo.

O chamado de Abraão

De acordo com a Bíblia, Deus apareceu para Abraão e lhe fez uma promessa surpreendente. Caso Abraão lhe obedecesse fielmente, Deus abençoaria todas as nações da terra por meio dele e de seus descendentes. Para isso acontecer, no entanto, Abraão tinha de *ir*. “... Sai da tua terra, do meio dos teus parentes e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei” (Gn 12.1-3). Deus chamou Abraão para deixar tudo o que lhe era familiar — os amigos, a maior parte da família e tudo o que ele acreditava significar segurança, prosperidade e paz — e sair para o deserto, sem conhecer seu destino. Foi-lhe pedido para abrir mão, por causa de Deus, de quase toda esperança e bens terrenos que um coração humano almeja.

E ele assim o fez. Chamado a “ir”, ele assim o fez “sem saber para onde ia” (Hb 11.8).

Contudo, apesar de o chamado divino exigir que ele abrisse mãos de suas várias esperanças, também lhe havia concedido uma nova. A profecia era que as nações da terra seriam abençoadas por meio de sua família, “tua descendência” (Gn 12.7). Isso significava que Abraão teria de ter um filho. Sara, sua esposa, sempre fora incapaz de conceber. Da perspectiva biológica, gerar filhos parecia impossível. Mas Deus prometeu que Abraão teria um filho.

No entanto, à medida que os anos se transformaram em décadas, tornou-se cada vez mais difícil acreditar na promessa divina. Por fim, quando Abraão tinha mais de cem anos de idade, e Sara já passava dos noventa anos (Gn 17.17; 21.5), ela deu à luz um filho, Isaque. Essa foi uma clara intervenção divina, por isso, o nome de Isaque significava “riso”, uma referência tanto à alegria dos pais quanto à dificuldade deles para crer que Deus algum dia lhes daria o que havia prometido.

Os anos de espera agonizante cobraram seu preço, como pode atestar qualquer casal em luta contra a infertilidade. As protelações quase infinitas refinaram a fé de Abraão, o que teve importância fundamental. Contudo, os anos de infertilidade também tiveram outro efeito. Nenhum homem ansiou por um filho mais que Abraão. Ele tinha aberto mão de tudo por essa promessa. Quando seu filho chegou, Abraão sentiu que, enfim, sua comunidade veria que ele não fora tolo ao desistir de tudo para confiar na palavra de Deus. Finalmente, ele teria um herdeiro, um filho à sua semelhança, o que todos os patriarcas antigos do Oriente Médio desejavam. Ele tinha aguardado e se sacrificado, e, por fim, sua esposa teve um bebê, um menino!

Mas a questão agora era — ele havia esperado e se sacrificado por Deus ou pelo menino? Deus havia sido apenas um meio para um fim? A quem Abraão entregara o coração, em última análise? Ele tinha a paz, a humildade, a ousadia e o equilíbrio que sobrevêm aos que confiam em Deus e não nas circunstâncias, na opinião pública ou na própria competência? Abraão aprendeu a confiar em Deus *somente*, a amar a Deus por quem ele é, e não apenas por aquilo que poderia obter desse Deus? Não, ainda não.

O segundo chamado de Abraão

Quando nossa amiga Anna, a mulher que ansiava ter filhos, afinal engravidou, ela pensou que viveria “feliz para sempre”. Infelizmente, isso não aconteceu, e raras vezes acontece. Muitos casais com esse anseio acreditam que ter um filho resolveria todos os seus problemas, mas esse

nunca é o caso. De modo semelhante, os leitores de Gênesis 12—21 poderiam pensar que o nascimento de Isaque foi o ápice e o último capítulo da vida de Abraão. Sua fé havia triunfado. Agora, ele poderia morrer feliz, tendo cumprido o chamado de Deus para sua vida ao deixar a terra natal e aguardar o nascimento de um filho. Mas então, para nossa surpresa, Abraão recebe outro chamado de Deus. Um chamado que não poderia ser mais surpreendente.

Toma agora teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas; vai à terra de Moriá e oferece-o ali em holocausto sobre um dos montes que te mostrarei (Gn 22.2).

Seria o teste supremo. Isaque agora era *tudo* para Abraão, como o chamado de Deus deixa claro. Ele não se refere ao menino como “Isaque”, mas como “teu filho, teu único filho [...] a quem amas”. A paixão de Abraão se convertera em adoração. Antes, o significado de sua vida dependia da palavra de Deus. Agora estava dependendo do amor e do bem-estar de Isaque. O centro da vida de Abraão estava mudando. Deus não estava dizendo que não se pode amar o filho, mas que não se deve transformar um ser amado em falso deus. Se alguém coloca um filho no lugar do Deus verdadeiro, cria um amor idólatra que sufocará a criança e estrangulará o relacionamento.

O horror do mandamento

No decorrer dos anos, muitos leitores têm feito objeções compreensíveis a esse relato. Interpretam a “moral” da história como se não houvesse problema em fazer coisas cruéis e violentas, desde que acredite ser essa a vontade de Deus. Ninguém falou de maneira mais vívida sobre essa narrativa do que Søren Kierkegaard, cujo livro *Fear and trembling*³ se baseia na história de Abraão e Isaque. Kierkegaard conclui, em última análise, que a fé é irracional e absurda. Abraão achou que a ordem recebida não fazia o menor sentido e contradizia tudo o mais que Deus havia declarado, mas a obedeceu.

Será que essa ordem teria parecido totalmente irracional para Abraão? A interpretação de Kierkegaard sobre a história não leva em consideração o significado do filho primogênito no pensamento e simbolismo judeus. Jon Levenson, estudioso judeu e professor de Harvard, escreveu *The death and resurrection of the beloved son: the transformation of child sacrifice in Judaism and Christianity* [Morte e ressurreição do filho amado: a transformação do sacrifício infantil no judaísmo e no cristianismo]. Nessa obra, ele nos lembra de que as culturas antigas não eram individualistas como a nossa. As esperanças e os sonhos das pessoas nunca focalizavam o próprio êxito, prosperidade ou proeminência pessoal. Como todos faziam parte de uma família e ninguém vivia isolado, essas coisas só eram buscadas em favor de todo o clã. Devemos nos lembrar também da antiga lei de primogenitura. O filho mais velho ficava com a maior parte das propriedades e da riqueza para que a família não perdesse o lugar na sociedade.⁴

Em uma cultura individualista como a nossa, a identidade e o senso de valor do adulto costumam estar relacionados com habilidades e realizações, mas, na antiguidade, todas as esperanças e sonhos de um homem e de sua família repousavam sobre o primogênito.⁵ O chamado para entregar o primogênito seria semelhante ao de um cirurgião que abdica do uso das próprias mãos ou ao de um artista visual que perde a visão.

Levenson argumenta que só podemos entender a ordem de Deus para Abraão à luz desse contexto cultural. A Bíblia declara repetidas vezes que, por causa do pecado de Israel, a vida dos primogênitos da nação se perde automaticamente, embora pudessem ser redimidos por um sacrifício regular (Êx 22.29; 34.20), pelo serviço no Tabernáculo, no caso dos levitas (Nm 3.40,41), ou ainda pelo pagamento de resgate ao Tabernáculo e aos sacerdotes (Nm 3.46-48). Quando Deus manifestou seu juízo contra o Egito por escravizar os israelitas, seu castigo final consistiu em tirar a vida dos primogênitos. A vida deles foi tirada por causa dos pecados das famílias e da nação. Por quê? Porque o filho primogênito *era* a família. Assim, quando Deus declarou aos israelitas que a vida do primogênito lhe pertencia, a menos que fosse resgatada, estava dizendo da maneira mais

vívida possível naquelas culturas que toda família na terra tinha uma dívida para com a justiça eterna — a dívida do pecado.

Tudo isso é fundamental para interpretar a ordem de Deus a Abraão. Se Abraão ouvisse uma voz, parecida com a de Deus, mandando: “Levante-se e mate Sara”, é provável que jamais a atendesse. Presumiria corretamente que estava delirando, pois Deus não lhe pediria para fazer algo que contradizia tudo o que já havia dito sobre justiça e retidão. Entretanto, quando Deus afirmou que a vida do seu único filho estava confiscada, isso *não* foi uma declaração irracional, contraditória. Observe-se bem, Deus não estava lhe pedindo para entrar na tenda de Isaque e simplesmente assassiná-lo. Ele pediu que Abraão lhe apresentasse uma oferta queimada. Estava cobrando a dívida de Abraão. Seu filho morreria pelos pecados da família.

A jornada até o monte

Embora a ordem fosse compreensível, isso não a tornava menos terrível. Abraão deparou com a questão suprema: “Deus é santo. Nosso pecado significa que a vida de Isaque será tomada. No entanto, ele também é um Deus de graça. Disse que deseja abençoar o mundo por meio de Isaque. Como pode Deus ser santo e justo e ainda cumprir graciosamente sua promessa de salvação?” Abraão não sabia. Mas obedeceu. Agiu em conformidade com outro personagem do Antigo Testamento, Jó, a quem foram enviadas inúmeras aflições sem explicação alguma. Entretanto, Jó afirma a respeito do Senhor: “Ele sabe o que está fazendo comigo, e quando me testar, sairei puro como ouro” (Jó 23.10, TA).⁶

De que forma Abraão decidiu subir o monte, em obediência ao chamado divino? A narrativa magistral do texto hebraico nos fornece dicas muito interessantes. Disse ele a seus servos: “... *Voltaremos*” (Gn 22.5, grifo do autor). É improvável que tivesse alguma ideia concreta do que Deus faria. Mas Abraão não subiu o monte dizendo: “Eu *consigo*”, cheio de força de vontade e pensamento positivo. Ao contrário, ele subiu declarando: “Deus o

fará [...] só não sei como”. Fará o quê? De algum modo, Deus eliminaria a dívida que exigia a vida do primogênito e ainda cumpriria a promessa de conceder graça.

Abraão não estava apenas exercitando uma “fé cega”. Não estava dizendo: “Que loucura, isso é assassinato, mas vou fazê-lo mesmo assim”. Ao contrário, ele dizia: “Sei que Deus é *tanto* santo *quanto* gracioso. Não sei como fará para manifestar esses dois atributos — mas sei que os manifestará.” Se não acreditasse que estava em dívida com um Deus santo, ficaria bravo demais para ir até ao monte. Mas se também não acreditasse que Deus era um Deus de graça, teria se sentido esmagado, desesperado demais para ir. Teria simplesmente se deitado e morrido. Somente por saber que Deus era santo e amoroso, Abraão foi então capaz de pôr um pé na frente do outro e subir a montanha.

Por fim, Abraão e o filho conseguiriam ver o local do sacrifício.

Tendo eles chegado ao lugar que Deus havia mostrado a Abraão, este edificou o altar e arrumou a lenha; depois amarrou seu filho Isaque e o colocou em cima do altar, sobre a lenha. E, estendendo a mão, pegou a faca para imolar o filho (Gn 22.9,10).

Naquele exato momento, porém, a voz de Deus chamou do céu:

— Abraão, Abraão!

— Estou aqui — respondeu ele do precipício.

— “... Não estendas a mão contra o moço [...] pois agora sei que temes a Deus, visto que não me negaste teu filho, teu único filho” (v. 12).

E, naquele momento, Abraão viu um carneiro preso pelos chifres em uma moita. Desamarrou então Isaque e sacrificou o carneiro no lugar do filho.

O perigo das melhores coisas do mundo

Qual é o significado de todo esse incidente? Ele estava relacionado com duas coisas, uma que Abraão provavelmente identificava muito bem, e outra que ele não poderia ter entendido de modo claro.

O que Abraão conseguia ver era que o teste estava relacionado a amar a Deus sobre todas as coisas. No fim, o Senhor disse para ele: “Agora sei que temes a Deus”. Na Bíblia, isso se refere menos a “ter medo” de Deus do que a estar comprometido com ele de todo o coração. Em Salmos 130.4, por exemplo, vemos que o temor a Deus aumenta por meio da experiência da graça e do perdão divinos. O salmista descreve um sentimento de admiração e assombro em amor e alegria diante da grandiosidade de Deus. O Senhor diz: “Agora sei que me amas mais que qualquer coisa no mundo”. É isso que “o temor do SENHOR” significa.

Isso não significa que Deus estivesse tentando descobrir se Abraão o amava. O Deus que tudo vê conhece a condição de cada coração. Antes, ele estava fazendo Abraão passar pela fornalha a fim de que seu amor por Deus pudesse, enfim, tornar-se “puro como ouro”. Não é difícil perceber por que Deus usou Isaque como meio para esse propósito. Se Deus não interviesse, com certeza Abraão passaria a amar o filho mais do que qualquer coisa no mundo, se é que já não o amava. Isso seria idolatria, e toda idolatria é destrutiva.

Com base nessa perspectiva, vemos que o modo extremamente rígido de Deus tratar Abraão foi, na verdade, misericordioso. Isaque havia sido um presente maravilhoso para o pai, mas não era seguro tê-lo e apegar-se a ele enquanto Abraão não se dispusesse a colocar Deus em primeiro lugar. Enquanto Abraão não precisasse escolher entre o filho e a obediência a Deus, não conseguiria entender que seu amor estava se tornando ídolo. De modo semelhante, podemos não perceber como nossa carreira profissional tem se tornado um ídolo para nós, até sermos confrontados com uma situação em que dizer a verdade ou agir com integridade significaria um sério golpe em nosso progresso profissional. Se não estivermos dispostos a prejudicar a carreira a fim de fazer a vontade de Deus, nosso trabalho se converterá em um falso deus.

Como Anna, a mulher apresentada no início deste capítulo, poderia dar a Deus o que ele pediu a Abraão? Terapeutas lhe diriam que ela precisa parar de obrigar os filhos a se envolverem com atividades e projetos para os

quais não têm a menor aptidão. Precisa parar de castigá-los emocionalmente pelas notas ruins. Precisa lhes dar a liberdade de fracassar. Tudo isso é verdade, mas há uma questão implícita que tem de ser confrontada. Anna precisa ser capaz de dizer em seu coração: “Meu desejo de ter filhos totalmente bem-sucedidos e felizes é egoísta. Está relacionado com minha necessidade de me sentir digna e dotada de valor. Se conhecesse de verdade o amor de Deus — então poderia aceitar filhos imperfeitos e não os estaria reprimindo. Se o amor de Deus significasse mais para mim do que meus filhos, eu conseguiria amá-los de maneira menos egoísta e mais sincera”. Anna precisa colocar seus “Isaques” no altar e dar a Deus a posição de suprema importância em sua vida.

O excesso de controle que Anna exercia sobre os filhos era a relutância em deixar Deus ser Deus não só na sua vida como na deles também. Ela não conseguia imaginar que Deus pudesse ter um plano mais sábio que os dela para a vida dos filhos. Planejava uma vida perfeita para eles, sem fracassos ou decepções. Mas isso é um projeto de vida imperfeito, e não a viagem cheia de dificuldades que Deus inevitavelmente planejou para nós. Pessoas que nunca sofreram na vida têm menos empatia pelos outros, pouco conhecimento dos próprios defeitos e limitações, nenhuma resistência diante da privação e expectativas irreais para a vida. Como o livro de Hebreus, no Novo Testamento, afirma: todo aquele a quem Deus ama passa por dificuldades (Hb 12.1-8).

O êxito e o amor dos filhos de Anna têm sido mais importantes para a autoimagem dela que para a glória e o amor de Deus. Embora ela acredite em Deus com a mente, a mais profunda satisfação do seu coração vem de ouvir um filho dizer: “Ó mamãe, eu devo tudo à senhora!”. Infelizmente, talvez ela jamais ouça as palavras que mais anseia, pois sua necessidade excessiva de aprovação dos filhos está afastando aqueles a quem ela mais ama. Anna precisa estar disposta a pôr Deus em primeiro lugar, a confiar em Deus em relação a seus filhos, permitindo que fracassem, e a encontrar sua paz no amor e na vontade do Senhor. Precisa seguir Abraão monte acima.

Abraão realizou aquela jornada e só depois disso pôde amar Isaque de modo adequado e com sabedoria. Se Isaque tivesse se tornado a principal esperança e alegria da vida do pai, ou Abraão exageraria ao discipliná-lo (por achar necessário que o filho se mostrasse “perfeito”) ou não o disciplinaria o suficiente (por não conseguir suportar o descontentamento do filho), ou as duas coisas. Ele o mimaria, mas também seria excessivamente bravo e cruel, talvez até violento, quando o filho o decepcionasse. Por quê? Os ídolos escravizam. O amor e o sucesso de Isaque se tornariam a única identidade e alegria de Abraão. Ele viveria bravo, ansioso e deprimido em excesso se Isaque, em algum momento, deixasse de obedecê-lo ou amá-lo. E Isaque fracassaria, uma vez que não há filho capaz de sustentar o peso total da natureza divina. As expectativas de Abraão o afastariam ou distorceriam e desfigurariam seu espírito.

Portanto, a caminhada angustiante de Abraão para o alto do monte foi a etapa final de uma longa jornada em que Deus o transformava de um homem medíocre em um dos maiores personagens da história. As três grandes religiões monoteístas do mundo atual — judaísmo, islamismo e cristianismo — consideram-no seu fundador. Mais da metade das pessoas do mundo todo o chamam de pai espiritual. Isso jamais aconteceria se Deus não tivesse lidado com o ídolo do coração de Abraão.

O substituto

Esse episódio bastante conhecido também estava relacionado com algo que Abraão não poderia ver; ao menos, não em seu tempo de vida. Por que Isaque não havia sido sacrificado? Os pecados de Abraão e de sua família persistiam. Como um Deus santo e justo poderia ignorá-los? Bem, um substituto foi oferecido, um carneiro. Mas foi o sangue do carneiro que saldou a dívida do primogênito? Não.

Muitos anos depois, naquela mesma região montanhosa,⁷ outro primogênito foi estendido sobre um madeiro para morrer. Mas então, no monte Calvário, quando o amado filho de Deus clamou: “Deus meu, Deus

meu, por que me desamparaste?”, não houve voz alguma do céu anunciando o livramento. Em vez disso, Deus, o Pai, pagou o preço em silêncio. Por quê? O verdadeiro substituto para o filho de Abraão foi o único Filho de Deus, Jesus, que morreu a fim de levar sobre si nosso castigo. “Porque [...] Cristo morreu uma única vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus...” (1Pe 3.18). Paulo entendeu o real significado da história de Isaque ao aplicar deliberadamente a linguagem da narrativa de Isaque a Jesus: “Aquele que não poupou nem o próprio Filho, mas, pelo contrário, o entregou por todos nós, não nos dará também com ele todas as coisas?” (Rm 8.32).

Ou seja, temos aqui a resposta prática a nossas idolatrias pessoais, aos “Isaques” de nossa vida, em que tê-los e apegar-se a eles não oferece segurança espiritual alguma. Precisamos imolá-los. Precisamos descobrir um modo de não os agarrar demais nem sermos escravizados por eles. Jamais o faremos repetindo abstrações sobre quão grande Deus é. Temos de conhecê-lo, estarmos convictos de que Deus cuida de nós, ama e se deleita em nós a ponto de podermos descansar nosso coração nele para encontrarmos nosso valor e segurança e para lidarmos com qualquer coisa que aconteça na vida.

Mas como?

Deus viu o sacrifício de Abraão e disse: “Agora sei que me amas, pois não me negaste teu único filho”. Mas até que ponto conseguimos olhar para o sacrifício *divino* na cruz e dizer a Deus: “Agora *nós* sabemos que *nos* amas. Pois não nos negaste teu filho, teu único filho, a quem amas”. Quando a importância do que ele fez começa a ficar clara para nós, torna-se possível, enfim, descansar o coração nele e não em alguma outra coisa.

Somente Jesus dá sentido a essa história. A única maneira de Deus ser tanto “justo” (exigindo pagamento por nossa dívida de pecado) *quanto* “justificador” (Rm 3.26) (oferecendo salvação e graça) é porque, anos mais tarde, outro Pai subiu outro “monte”, chamado Calvário, com seu primogênito e o ofereceu naquele lugar por todos nós. Você nunca será tão grande e tão seguro em Deus nem se tornar tão corajoso como Abraão se

tornou pelo simples fato de se esforçar muito, mas apenas ao crer no Salvador, para quem esse acontecimento aponta. Somente se Jesus tiver vivido e morrido por nós, você pode ter um Deus de amor e santidade infinitos ao mesmo tempo. Então pode ter certeza absoluta de que ele o ama.

Sua jornada para o monte

Pense nas várias decepções e problemas que nos sobrevêm. Observe-os bem de perto e constatará que o mais angustiante deles está relacionado com nossos “Isaques” pessoais. Em nossa vida, há sempre algumas coisas em que investimos para alcançar um nível de alegria e realização que só Deus pode dar. Os períodos mais dolorosos de nossa vida são aqueles em que nossos “Isaques”, nossos ídolos, estão sendo ameaçados ou removidos. Quando isso ocorre, podemos reagir de duas maneiras. Podemos escolher a amargura e o desespero. Achando-nos no direito de chafurdar nesses sentimentos, diremos: “Trabalhei a vida inteira para chegar a essa posição na minha carreira, e agora tudo se perdeu!”, ou: “Fui uma escrava a vida toda para proporcionar uma vida boa para essa menina, e agora é assim que ela me retribui!”. Podemos nos sentir livres para mentir, trair, vingarmo-nos ou jogar fora nossos princípios a fim de obter algum alívio; ou podemos simplesmente viver em permanente desalento.

Outra possibilidade seria, assim como Abraão, fazer uma caminhada até o alto do monte. Você poderia dizer: “Entendo que talvez o Senhor esteja me chamando para viver destituído de algo sem o qual jamais pensei ser capaz de viver. Todavia, se tenho o Senhor, tenho a única riqueza, saúde, amor, honra e segurança de que realmente preciso e tudo isso não pode ser tirado de mim.” Como muitos aprenderam para depois ensinar, ninguém percebe que Jesus é tudo de que se necessita até ele ser tudo o que se tem.

Muitos desses deuses falsos, se não a maioria, podem permanecer em nossa vida a partir do momento em que os “rebaixamos” a uma posição inferior à de Deus. Nesse caso, não nos controlarão nem nos atormentarão

com ansiedade, orgulho, raiva e compulsão. Entretanto, não devemos cometer o erro de pensar que isso signifique que só precisamos estar *dispostos* a renunciar a nossos ídolos, em vez de deixá-los de fato para trás. Se Abraão subisse o monte pensando: “Tudo o que preciso fazer é depositar Isaque em cima do altar, sem entregá-lo realmente”, ele teria fracassado no teste! Manter algo em nossa vida só é seguro se isso realmente deixar de ser um ídolo, o que só pode acontecer quando nos dispomos de verdade a viver sem esse ídolo, quando dizemos com sinceridade de coração: “Por ter Deus, posso viver sem você”.

Às vezes, Deus parece estar nos matando quando, na verdade, está nos salvando. Em Gênesis 22, ele estava transformando Abraão em um grande homem — embora, por fora, parecesse agir com crueldade. Seguir Deus nessas circunstâncias parece uma “fé cega” para alguns, mas, na verdade, é a fé vigorosa e grata. A Bíblia está cheia de relatos de personagens, como José, Moisés e Davi, vivendo momentos em que Deus parecia abandoná-los, mas depois ficou claro que estava lidando com os ídolos destrutivos na vida deles e que isso só poderia acontecer quando experimentassem a dificuldade.

Assim como Abraão, Jesus teve um conflito intenso com o chamado divino. No jardim do Getsêmani, perguntou ao Pai se haveria outra maneira, mas, no fim, subiu obediente o monte Calvário até a cruz. Não temos como saber todas as razões pelas quais nosso Pai está permitindo que coisas ruins nos aconteçam, mas, como Jesus, podemos confiar nele nesses tempos difíceis. Ao olharmos para ele e nos regozijarmos no que fez em nosso favor, teremos a alegria e a esperança necessárias — além de estarmos livres dos deuses falsos — para seguir o chamado de Deus quando os tempos parecerem os mais obscuros e difíceis possíveis.

¹*If you can't live without me, why aren't you dead yet?* (New York: Grove, 2002), p. 13. A citação apareceu primeiro em *The Village Voice*.

² Habertal; Margalit, *Idolatry*, p. 10.

³ Edição em português: *Temor e tremor*, 3. ed. (São Paulo: Hemus, 2001).

⁴ Ismael, apesar de mais velho, nasceu não da esposa de Abraão, mas da serva de sua mulher. Se Isaque não tivesse nascido de Sara, Ismael teria sido o herdeiro de Abraão.

5 Jon Levenson, *The death and resurrection of the beloved son: the transformation of child sacrifice in Judaism and Christianity* (New Haven: Yale University Press, 1995).

6 Sobre essa versão do versículo, veja Francis I. Anderson, *Job: an introduction and commentary* (Downers Grove: InterVarsity, 1976), p. 230 [edição em português: *Jó: introdução e comentário*, tradução Gordon Chown (São Paulo: Vida Nova, 1984)].

7 Veja 2Crônicas 3.1. Moriá é o nome dado aos montes e colinas que rodeiam Jerusalém. Em uma dessas colinas, Jesus Cristo foi executado.

DOIS

O AMOR NÃO É TUDO DE QUE VOCÊ PRECISA

A busca pelo amor

O anseio humano pelo amor verdadeiro sempre foi celebrado em canções e narrativas, mas em nossa cultura contemporânea, ele tem sido ampliado em um grau assombroso. O teatro musical está repleto de canções de um amor feliz e realizado, mas algumas revelam o lado obscuro dessa busca moderna. Em *Being alive*, do musical *Company*, um homem se apaixona por uma mulher e canta que ela “precisará demais de mim [...] me conhecerá bem demais [...] me fará parar de repente e tornará minha vida um inferno”. Ele insiste, no entanto, que só o romance “me servirá de apoio para estar vivo, me dará vida”. Esse homem tem de passar de um relacionamento exaustivo para o próximo, pois é o único modo de sentir-se vivo. Na canção *Bewitched*, uma mulher reconhece que o homem pelo qual se apaixonou é um idiota e a decepcionará, mas diz: “Desvairada de novo, fascinada de novo, sou uma criança novamente com um sorriso bobo a choramingar”. Os cantores dependem demais de se sentirem apaixonados. Sem algum tipo de relação romântica, mesmo que da espécie errada, a vida lhes parece não ter sentido.

Nos primeiros dias de meu ministério pastoral, conheci uma mulher chamada Sally que tivera a infelicidade de nascer bela. Já na infância ela percebia o poder que era capaz de exercer com sua atratividade física. A princípio, usava a beleza para manipular pessoas, mas, no fim, as pessoas a usaram para manipulá-la. Passou a sentir-se impotente e invisível, a menos que algum homem estivesse apaixonado por ela. Não suportava ficar só. Em

consequência disso, dispunha-se a permanecer em relacionamentos com homens abusivos.

Por que suportava esse tratamento? Ela começou a procurar nos homens o tipo de afirmação e aceitação profundas que só Deus poderia oferecer. O resultado foi que tornou-se escrava do amor. Hoje em dia, ouvimos alguém dizer: “Ó, meu chefe é um feitor de escravos”, mas isso é apenas uma metáfora vaga. Alguns chefes conseguem dificultar as coisas para você, mas os verdadeiros feitores de escravos desconhecem limites. São capazes de fazer literalmente qualquer coisa que quiserem com você — surrá-lo, estuprá-lo ou até matá-lo. De igual modo, sabemos que algo bom se tornou um deus falso quando as exigências que impõe a você ultrapassam os limites apropriados. Fazer do trabalho um ídolo pode significar trabalhar até arruinar a saúde ou infringir as leis a fim de seguir em frente. Fazer do amor um ídolo pode significar permitir que o ser amado explore e abuse de você ou talvez cause uma terrível cegueira para as patologias no relacionamento. Uma ligação idolátrica pode levá-lo a quebrar promessas, a racionalizar indiscrições ou a trair outras alianças a fim de se manter agarrado a ela. Pode motivá-lo a violar todos os limites justos e adequados. Praticar a idolatria é ser um escravo.

Há um relato na Bíblia que ilustra como a busca do amor pode tornar-se uma forma de escravidão. Trata-se da história de Jacó e Leia (Lia) em Gênesis 29. Embora muito antiga, nunca foi tão relevante. Sempre tem sido possível converter o amor romântico e o casamento em um deus falso, mas a cultura em que vivemos torna ainda mais fácil o erro de transformar o amor em Deus ou de sermos arrastados por esse amor e depositar toda nossa esperança de felicidade nele.

A promessa do Messias

Conforme estudamos no último capítulo, Deus veio até Abraão e prometeu redimir o mundo por meio de sua família, mediante uma linhagem de descendentes. Portanto, a cada geração, um filho seria escolhido como

representante da linhagem, para andar com Deus como líder da família e transmitir a fé para a geração seguinte. Assim, haveria outro filho que daria sequência, e mais outro, até o dia em que um dos descendentes de Abraão seria o próprio Messias.

Abraão gerou Isaque. Anos mais tarde, a esposa de Isaque, Rebeca, engravidou de gêmeos, e Deus falou por meio de uma profecia: "... O mais velho servirá ao mais moço" (Gn 25.23). Significava que o segundo filho gêmeo havia sido escolhido para levar adiante a linhagem messiânica. Apesar da profecia, o coração de Isaque se inclinava para o filho mais velho Esaú, preferindo-o ao mais jovem, Jacó. De modo irônico, esse foi o mesmo erro trágico que Deus havia poupado Abraão de cometer quando o chamara para oferecer seu único filho em sacrifício. Por causa do favoritismo de Isaque, Esaú cresceu orgulhoso, mimado, voluntarioso e impulsivo, ao passo que Jacó cresceu cínico e amargurado.

Chegou a hora de Isaque, já idoso, dar a bênção para o chefe do clã, que, em rebeldia à profecia divina, ele pretendia que fosse Esaú. No entanto, Jacó se vestiu como o irmão mais velho, aproximou-se do pai, este quase cego, e recebeu a bênção de Isaque sem levantar suspeitas. Quando Esaú descobriu o que havia acontecido, jurou matar Jacó, que precisou fugir para o deserto a fim de salvar a própria pele.

A vida de Jacó estava em frangalhos. Ele havia perdido a família e a herança. Nunca mais veria a mãe e o pai com vida. Jacó se dirigiu então ao outro lado do Crescente Fértil, onde muitos parentes de sua mãe e de seu pai ainda viviam. Ali esperava ao menos sobreviver.

O anseio de Jacó

Jacó fugiu para junto da família da mãe, que o acolheu. Seu tio Labão o contratou como pastor de alguns de seus rebanhos. Ao perceber que Jacó tinha de fato habilidade como administrador, Labão lhe ofereceu o emprego de administrador. "Trabalharás de graça para mim, por ser meu parente?"

Diga-me qual será o teu salário”, perguntou o tio. A resposta de Jacó foi uma palavra: Raquel.

Labão tinha duas filhas; o nome da mais velha era Leia, e o da mais moça, Raquel. Leia tinha os olhos sem brilho, ao passo que Raquel era bonita de porte e de rosto. Porque amava Raquel, Jacó disse: Por Raquel, tua filha mais moça, trabalharei sete anos para ti. Labão respondeu: É melhor dá-la a ti do que a outro; fica comigo. Assim Jacó trabalhou sete anos por causa de Raquel; e estes lhe pareceram poucos dias, pelo muito que a amava (Gn 29.16-20).

O texto hebraico diz, literalmente, que Raquel tinha um corpo magnífico e ainda por cima era lindíssima. Jacó ficou mais do que encantado por ela. Robert Alter, o grande estudioso de literatura hebraica em Berkeley, enfatiza os muitos sinais no texto que demonstram o quanto Jacó ficou perdido de amores e dominado por Raquel.¹ Jacó ofereceu o salário de sete anos por ela, o que, em moeda da época, era preço altíssimo por uma noiva. “... e estes lhe pareceram poucos dias, pelo muito que a amava” (v. 20). Então Jacó disse a Labão: “Dá-me minha mulher, porque o tempo já se completou; quero unir-me a ela” (v. 21). Alter diz que a frase hebraica é extraordinariamente direta, explícita e sexual para um discurso da antiguidade, geralmente discreto. Imagine dizer a um pai, mesmo hoje: “Mal posso esperar para fazer sexo com sua filha. Passe ela para mim agora!”. O narrador está nos mostrando um homem dominado por um desejo ardente, emocional e sexual, por uma mulher.

Qual era a razão disso? Jacó tinha uma vida vazia. Jamais tivera o amor do pai, havia perdido o amor da mãe querida e, com certeza, não tinha nenhuma ideia do amor e cuidado divinos. De repente, avistou a mais bela mulher em que já pusera os olhos e deve ter pensado: “Se eu a tiver, finalmente alguma coisa dará certo em minha vida miserável. Possuí-la consertaria tudo”. Todos os anseios do seu coração por sentido e afirmação se fixaram em Raquel.

Jacó era incomum para o seu tempo. Historiadores culturais nos contam que, na antiguidade, as pessoas geralmente não se casavam por amor, mas por status. No entanto, Jacó não seria tão fora do comum hoje. Ernest Becker, ganhador do prêmio Pulitzer pelo livro *The denial of death*, explicou as diversas maneiras que as pessoas seculares têm lidado com a perda da

crença em Deus. Agora que pensamos estar aqui por acidente e não por termos sido criados com um propósito, de que modo conferimos um senso de significado em nossa vida? Um dos modos principais é pelo que Becker chamou de “romance apocalíptico”. Voltamo-nos para o sexo e o romance a fim de que nos deem a transcendência e o significado que costumávamos obter da fé em Deus. Discorrendo sobre o homem secular moderno, ele escreveu:

Ele ainda precisava sentir-se heroico, saber que sua vida tinha importância. [...] Ainda tinha de unir-se a algum sentido superior, que o absorvesse por completo, em confiança e gratidão. [...] Se não tinha mais Deus, como faria isso? Uma das primeiras possibilidades que lhe ocorreu, como observou [Otto] Rank, foi a “solução romântica”. [...] A autoglorificação de que necessitava em sua natureza mais íntima, agora buscava no parceiro amoroso. O parceiro amoroso se torna o ideal divino em que preencher a vida. Todas as necessidades espirituais e morais agora passam a se concentrar em um indivíduo. [...] Em poucas palavras, o objeto do amor é Deus. [...] O homem estendeu a mão para alcançar um “Tu” quando a concepção de mundo da grande comunidade religiosa supervisionada por Deus morreu [...].² No final das contas, o que desejamos ao elevar o parceiro amoroso à posição de Deus? Redenção — nada menos que isso.³

Foi exatamente o que Jacó fez, e, como Becker ressalta, é o que milhões de pessoas estão fazendo em nossa cultura. A música popular e a arte de nossa sociedade nos convidam a continuarmos agindo assim, a satisfazermos todas as necessidades mais profundas de significado e transcendência do nosso coração com o romance e o amor. “Você é ninguém até que alguém o ame”, dizia a canção popular, e somos uma cultura inteira que interpretou essas palavras no sentido literal. Cultivamos a fantasia de que se encontrarmos nosso verdadeiro parceiro de alma, tudo o que há de errado conosco será curado. Mas quando nossas expectativas e esperanças atingem essa dimensão, como diz Becker, “o objeto do amor é Deus”. Amante nenhum, ser humano nenhum, está qualificado para o papel. Ninguém pode viver a altura disso. O resultado inevitável é a amarga decepção.

O poder do amor

Alguns dizem que a análise cultural de Becker está ultrapassada. Vivemos hoje “a cultura da conexão virtual”, em que os jovens converteram o sexo em algo comum, fortuito e isento de compromisso. Menos homens e mulheres namoram de fato ou têm namorados e namoradas. Atendendo ao interesse da igualdade de gênero, as mulheres começaram a dizer: “Merecemos nos divertir com nossa sexualidade tanto quanto os homens”. Há uma pressão crescente entre colegas para o envolvimento sexual e sem grande compromisso emocional.⁴ Então, certamente, nossa cultura está se distanciando de uma esperança no “romance apocalíptico”. No momento em que superarmos nosso puritanismo remanescente, argumenta-se, o sexo não terá grande importância.

Não aposte nisso.

Laura Sessions Stepp, no livro *Unhooked* [Sem amarras], descobriu que os encontros casuais deixavam insatisfeitas a maioria das mulheres jovens, embora elas não estivessem dispostas a reconhecer isso perante suas colegas. E a enorme ênfase que nossa cultura dá à beleza física e sexual desmente qualquer noção de que o sexo não tem muita importância. Na década de 1940, C. S. Lewis ouviu de muitos dos seus pares na academia britânica que o sexo não passava de um apetite, como o apetite por comida. A partir do momento que reconhecêssemos esse fato, diziam eles, e começássemos a simplesmente fazer sexo sempre que nos desse vontade, as pessoas parariam de “ficar enlouquecidas” pelo desejo por amor e sexo. Lewis duvidou disso e propôs um exercício intelectual.

Imagine que você fosse para um país onde pudesse encher um teatro apenas levando um prato coberto para o palco e então, bem devagar, erguesse a tampa a fim de permitir que todos vissem, antes do apagar das luzes, que ele continha uma costeleta de carneiro ou um pouco de bacon. Você não acharia que alguma coisa deu errado nesse país em relação ao apetite por comida? [...] Um crítico comentou que, se encontrasse um país em que espetáculos de *striptease* desse tipo, envolvendo um prato de comida, fossem populares, concluiria que seus habitantes estavam morrendo de fome.⁵

No entanto, Lewis continua em sua argumentação, não estamos famintos de sexo; há mais disponível do que nunca antes. Mas a pornografia, o equivalente aos espetáculos de *striptease*, é hoje uma indústria

de um trilhão de dólares. Portanto, sexo e amor romântico não são “apenas um apetite” como no caso da comida. São muito mais significativos para nós. Os biólogos evolucionários explicam que isso é inculcado em nosso cérebro. Os cristãos explicam que nossa capacidade para o amor romântico origina-se do fato de sermos à imagem de Deus (Gn 1.27-29; Ef 5.25-31). Talvez seja possível dizer que as duas coisas são verdadeiras.

De qualquer forma, o amor romântico é um objeto de enorme poder para o coração e a imaginação humanos, por isso consegue dominar excessivamente nossa vida. Até quem evita por completo o amor romântico, em razão de amargura ou medo, na verdade está sendo controlado por seu poder. Certa vez, conheci um homem que dizia haver se decepcionado tanto com as mulheres que agora só se envolvia em encontros sexuais sem compromisso. Deixaria de ser manipulado pelo amor, vangloriava-se. Em resposta, argumentei que, se ele tinha tanto medo do amor a ponto de *não poder* tê-lo, significava que era tão escravizado por ele quanto se *precisasse* tê-lo. Quem não pode tê-lo evitará pessoas que seriam parceiras maravilhosas. Quem precisa tê-lo escolherá parceiros que não são adequados ou são abusivos. Se você tem medo demais *ou* se enamora demais do amor, ele assumiu um poder comparável ao divino, distorcendo suas percepções e vida.

A trapaça

O vazio interior de Jacó o tornara vulnerável à idolatria do amor romântico. Quando ele se ofereceu para trabalhar sete anos por Raquel, quase quatro vezes mais que o preço comum de uma noiva, o inescrupuloso Labão percebeu como o sobrinho estava perdido de amor. Assim, resolveu tirar vantagem da situação. Quando Jacó perguntou se podia se casar com Raquel, a resposta de Labão foi propositalmente vaga. Na verdade, em momento algum ele disse “Sim, negócio fechado”, mas, sim: “... É melhor dá-la a ti do que a outro...” (Gn 29.19). Jacó queria um “sim” como resposta

e foi o que ouviu. Mas a resposta não era um “sim”. Labão só estava dizendo: “Acho uma boa ideia você se casar com Raquel”.

Sete anos se passaram e Jacó procurou Labão para cobrar: “Dá-me minha mulher”. Como de costume, houve uma grande festa de casamento. No meio da celebração, Labão levou a esposa de Jacó até ele, toda coberta de véus. Já inebriado pelas festividades, Jacó se deitou com ela e tiveram relações sexuais. Mas “Quando amanheceu, lá estava Leia” (Gn 29.25). À plena luz do dia, Jacó olhou e viu que a mulher com quem consumara o casamento era Leia, a desinteressante irmã mais velha de Raquel. Tremendo de ódio, ele procurou Labão e disse: “Que é isto que me fizeste?”. De modo tranquilo, Labão respondeu que Jacó deveria saber ser o costume daquela terra a filha mais velha casar-se antes da mais nova. Se Jacó se comprometesse em trabalhar mais sete anos, acrescentou, ele ficaria feliz em incluir Raquel como parte do negócio. Sentindo-se trapaceado e preso em uma cilada, Jacó sujeitou-se a mais sete anos a fim de se casar com Raquel, bem como com Leia.⁶

A devastação da idolatria

Talvez nos perguntemos como Jacó pôde ser tão crédulo, mas seu comportamento foi o de um viciado. São várias as maneiras em que o amor romântico pode funcionar como uma espécie de droga para nos ajudar a fugir da realidade da vida. Sally, a linda mulher enredada em relacionamentos abusivos, certa vez me disse: “Os homens eram meu álcool. Somente se estivesse nos braços de um deles eu conseguia encarar a vida e me sentir bem.” Outro exemplo é o homem mais velho que abandona a esposa por uma mulher bem mais nova, no esforço desesperado de esconder a realidade de que está envelhecendo. E existe o rapaz que considera uma mulher desejável apenas até levá-la para a cama algumas vezes, perdendo o interesse em seguida. Para ele, as mulheres são só uma mercadoria necessária para o ajudar a se sentir desejável e poderoso. Nossos temores e

esterilidade interiores fazem do amor um narcótico, um modo de nos automedicarmos, e viciados sempre fazem escolhas tolas e destrutivas.

Foi o que aconteceu com Jacó. Raquel não era apenas sua esposa, mas sua “salvadora”. Ele a desejava e precisava dela tão profundamente que só ouvia e via o que queria ouvir e ver. Por isso, tornou-se vulnerável ao engano de Labão. Mais tarde, a idolatria de Jacó por Raquel produziu décadas de sofrimento em sua família. Ele adorava e privilegiava os filhos de Raquel em detrimento dos de Leia, destruindo e afligindo o coração de todos, ao mesmo tempo que envenenava o universo familiar. Temos uma expressão para descrever alguém apaixonado: “Ele adora o chão em que ela pisa”. Como isso pode ser destrutivo quando descreve uma verdade literal.

Vemos como a idolatria devastou a vida de Jacó, mas talvez o maior desastre de todos seja o que ocorreu com Leia. Ela é a filha mais velha, e o narrador só nos dá um detalhe importante a seu respeito. O texto conta que ela tinha “os olhos sem brilho”. Alguns presumem que sua visão era ruim. Mas a passagem não diz “Leia tinha os olhos sem brilho, mas Raquel conseguia enxergar muito bem”. Diz que Leia tinha olhos sem brilho, mas Raquel era linda. Assim, é provável que “sem brilho” significasse que ela era vesga ou de má aparência por alguma razão. A ideia é clara. Leia era pouco atraente e precisou passar a vida inteira à sombra da irmã, uma mulher absolutamente deslumbrante.

Em consequência, seu pai, Labão, sabia que homem nenhum jamais se casaria com ela ou ofereceria dinheiro por ela. Durante anos, ele havia se perguntado como se livraria de Leia para que Raquel, que alcançaria excelente preço, pudesse se casar. Em Jacó, Labão encontrou a solução de seus problemas financeiros. Identificou uma oportunidade e tirou partido dela. Mas veja o que isso significou para Leia — a filha a quem o pai não queria era agora a esposa a quem o marido não desejava. “... Jacó [...] amava [Raquel] muito mais do que a Leia...” (Gn 29.30). Ela era a moça que ninguém queria.⁷

Leia tinha então um vazio no coração tão grande quanto o existente no coração de Jacó. E agora ela começava a reagir ao problema do mesmo jeito

que o marido. Fez com ele o que Jacó fizera com Raquel, e Isaque, com Esaú. Colocou a esperança do seu coração em conquistar o amor de Jacó. Os versículos finais da passagem estão entre os mais tristes da Bíblia.

O SENHOR viu que Leia era desprezada e tornou-lhe o ventre fértil; Raquel, porém, era estéril. E Leia engravidou e deu à luz um filho, a quem deu o nome de Rúben; pois disse: Porque o SENHOR viu a minha aflição; agora meu marido me amará. Ela engravidou outra vez e deu à luz um filho, e disse: Porque o SENHOR ouviu que eu era desprezada, deu-me também este. E deu-lhe o nome de Simeão. Engravidou ainda outra vez e deu à luz um filho e disse: Agora desta vez meu marido se unirá a mim, porque lhe dei três filhos. Por isso, deu-lhe o nome de Levi. De novo engravidou e deu à luz um filho, e disse: Desta vez louvarei o SENHOR. Por isso, deu-lhe o nome de Judá. E parou de ter filhos (Gn 29.31-35).⁸

O que ela estava fazendo? Tentando encontrar a felicidade e uma identidade por meio de valores familiares tradicionais. Ter filhos, em especial naquela época, era o melhor meio para isso; mas não estava funcionando. Leia havia apoiado todas as suas esperanças e sonhos no marido. “Se tiver filhos, então meu marido virá a me amar, e enfim minha vida infeliz será transformada”, pensava. Em vez disso, cada nascimento empurrou-a mais para dentro de um inferno de solidão. Dia após dia, Leia estava condenada a ver o homem por quem mais anelava nos braços daquela em cuja sombra vivera toda a vida. Dia após dia, recebia uma nova facada no coração.

Desilusão cósmica

Nessa parte da narrativa, muitos leitores contemporâneos se perguntarão: “Onde estão os heróis espirituais nessa história? A quem devo imitar? Qual é a moral da história?”.

O motivo da nossa confusão é que geralmente lemos a Bíblia como uma série de relatos desconexos, cada um com sua “moral” explicando como deveríamos viver. Não é assim que acontece. Ao contrário, a Bíblia consiste em uma única história, revelando-nos como a raça humana chegou à condição atual e como Deus, por meio de Jesus Cristo, veio e virá para consertar tudo. Em outras palavras, a Bíblia não nos oferece um deus no

topo de uma escada moral dizendo: “Se você se esforçar muito para reunir toda sua força e viver corretamente, pode ser que consiga!”. Em vez disso, a Bíblia repetidas vezes nos mostra pessoas fracas que não merecem a graça de Deus, não a buscam nem lhe dão valor mesmo depois de recebê-la. Se assim é a grande sucessão de acontecimentos históricos em que se encaixa cada narrativa bíblica individual, então o que aprendemos com essa história?

Aprendemos que a desilusão cósmica predomina ao longo de toda a vida. Você jamais viverá com sabedoria enquanto não entender esse fato. Jacó declarou: “Basta eu conseguir Raquel e tudo ficará bem”. E vai para a cama com aquela que pensa ser Raquel, porém, o texto hebraico diz, literalmente: “pela manhã, pasmem!, era Leia” (Gn 29.25). Um comentarista observou acerca desse versículo: “Temos aqui nossa desilusão em miniatura, vivenciada desde o Éden”.² Qual é o significado disso? Com todo o respeito a essa mulher (de quem temos muito a aprender), significa que não importa em que depositemos nossas esperanças, pela manhã, *é sempre Leia, nunca Raquel*. Ninguém jamais declarou isso melhor que C. S. Lewis, em *Mere Christianity*:

A maioria das pessoas, se de fato aprendesse a olhar dentro do próprio coração, saberia que deseja muito, e intensamente, algo que não se pode ter neste mundo. Há todo tipo de coisa neste mundo que se oferece para concedê-lo a você, mas nunca cumpre a promessa. Os anseios que surgem em nós quando nos apaixonamos pela primeira vez, ou pensamos em um país estrangeiro pela primeira vez, ou tratamos de um assunto que nos arrebatou pela primeira vez, são anseios que nenhum casamento, nenhuma viagem, nenhum aprendizado consegue satisfazer de verdade. Não estou me referindo agora ao que comumente se chamaria de férias, profissões ou casamentos malsucedidos. Falo dos melhores possíveis. Houve algo a que nos agarramos, no primeiro instante do nosso anseio, que logo se desvanece na realidade. Creio que todos saibam a que me refiro. A esposa pode ser fantástica, e os hotéis e a vista, excelentes, e a química pode render um emprego muito interessante: todavia, alguma coisa nos escapa.¹⁰

Caso se case como fez Jacó, ao apoiar o peso de todos os seus anseios e esperanças mais profundos em cima da pessoa com quem está se casando, você a esmagará com suas expectativas. Isso distorcerá sua vida e a vida do seu cônjuge de diversas maneiras. Ninguém, nem mesmo a melhor pessoa do mundo, tem como conceder à sua alma tudo de que ela necessita. Você pensará que foi para a cama com Raquel e se levantará e será sempre Leia.

Essa decepção, essa desilusão cósmica se faz presente a vida toda, mas nós a sentimos especialmente nas coisas em que mais apoiamos nossas esperanças.

Quando enfim se dá conta disso, há quatro coisas que você pode fazer. Uma delas é culpar tudo o que o decepciona e tentar passar para outras coisas melhores. Esse é o caminho da idolatria continuada e da dependência espiritual. A segunda coisa que você pode fazer é culpar-se e martirizar-se dizendo: “Tenho sido um fracasso por alguma razão. Vejo todo o mundo feliz. Não sei por que, mas eu não estou feliz. Tem alguma coisa errada comigo”. Esse é o caminho da autoaversão e da vergonha. Terceiro, é possível que você culpe o mundo. Talvez você diga: “Maldito seja todo o sexo oposto”. Nesse caso você se torna duro, cínico e vazio. Por fim, como diz C. S. Lewis ao término do excelente capítulo sobre a esperança, você pode reorientar completamente o foco de sua vida para Deus. Lewis conclui: “Se descubro em mim um desejo que nenhuma experiência neste mundo é capaz de satisfazer, a explicação mais provável é que fui feito para outro mundo [algo sobrenatural e eterno]”.¹¹

As idolatrias masculina e feminina

Jacó corre atrás do “sexo apocalíptico”. Leia, a conservadora, tem filhos e tenta encontrar sua identidade no fato de ser esposa. Mas ambos se frustram. Ernest Becker explica por quê:

O fracasso do amor romântico como solução para os problemas humanos tem relação com grande parte da frustração do homem moderno. [...] Nenhuma relação humana suporta o fardo da divindade. [...] Por mais que idealizemos e idolatremos [o parceiro amoroso], é inevitável que ele reflita a decadência e imperfeição terrenas. [...] Afinal, a que aspiramos ao elevar o parceiro amoroso a essa posição? Queremos nos livrar de nossos defeitos, de nossos sentimentos de nulidade. Queremos ser justificados, descobrir que nossa existência não foi vã. Queremos redenção — nada menos que isso. É desnecessário dizer que nossos parceiros humanos não podem nos dar essa redenção.¹²

As idolatrias masculina e feminina estereotipadas, no que diz respeito ao amor romântico, são becos sem saída. Costuma-se dizer que “homens usam

o amor para encontrar sexo, e mulheres usam o sexo para encontrar o amor”. Como em todos os estereótipos, há alguma verdade nisso, mas essa história revela que esses dois deuses falsos decepcionam. Ao buscar dar legitimidade à vida casando-se com uma mulher fisicamente bela, Jacó entregou o coração a uma mulher para cuja imaturidade e deficiências estava cego. O falso deus de Leia não era o sexo. Ela tinha acesso ao corpo do marido, é evidente, mas não a seu amor e compromisso. Queria tê-lo “apegado” a ela, a alma dele colada à sua. Mas não aconteceu. Ela ficou restrita a uma vida rasteira e miserável.

Em nossa cultura moderna, tem havido uma consciência crescente de que muitas mulheres são vítimas da “idolatria do compromisso”. Em uma resenha para o *New York Times* do filme *Ele não está tão a fim de você*, Manohla Dargis lamenta que Hollywood continue nos apresentando filmes sobre jovens mulheres “em que o desejo feminino parece em grande parte reservado a sapatos, sinos de casamento e bebês”. Uma das personagens femininas vai para seu primeiro encontro e, depois, telefona a uma amiga a fim de lhe contar que ela achava que a noite havia sido ótima. Nesse meio tempo, o rapaz está em casa ligando para outra mulher.¹³

A autora está certa em observar que as mulheres que transformaram em ídolo o romance e o grande casamento com o príncipe encantando acabaram escravizadas aos próprios desejos. Ela as aconselha a abandonarem a idolatria amorosa típica e a adotarem a versão masculina. Mas, como vimos, *todas* as idolatrias escravizam. As idolatrias amorosas masculinas viciam os homens em ser independentes, de modo que possam namorar à vontade, sem assumir compromissos. As idolatrias amorosas femininas, como a resenhista demonstra, tornam-nas viciadas e dependentes — vulneráveis e fáceis de manipular. As duas são formas de escravidão, elas nos cegam para que não sejamos capazes de fazer escolhas de vida sábias, as duas distorcem nossa vida. O que podemos fazer então?

O grande avanço de Leia

Nessa história triste, Leia é a única que passa por algum progresso espiritual, embora isso só ocorra no fim. Observe-se, primeiro, o que Deus faz nela. Uma das coisas que os estudiosos de hebraico notam é que, em todas as suas declarações, Leia apela para o SENHOR. Ou seja, ela o chama pelo nome de *Yahweh*. “... O SENHOR [Yahweh] viu a minha aflição...” (grifo do autor), diz ela no versículo 32. Como ela conhecia Yahweh?

Elohim era a palavra hebraica genérica para Deus. Todas as culturas da época tinham alguma ideia geral de Deus ou de deuses, mas *Yahweh* era o nome do Deus que se revelara a Abraão e mais tarde a Moisés. Ele havia prometido a Abraão abençoar a terra por meio de sua descendência. O único jeito de Leia saber sobre *Yahweh* era se Jacó lhe tivesse contado acerca da promessa dirigida ao avô dele. Portanto, apesar de seus conflitos e confusão, ainda assim ela buscava um Deus pessoal de graça.

Após anos dando à luz filhos, enfim houve um avanço. Quando deu à luz seu quarto filho, Judá, Leia disse: “*Desta vez, louvarei o SENHOR*” (grifo do autor). Havia um tom de desafio nessa afirmação. Ela era diferente das que Leia havia feito depois de outros partos. Não há menção alguma a marido ou filhos. Parece que finalmente ela tinha removido as esperanças mais profundas do seu coração de sobre o marido e os filhos e as colocado no Senhor. Jacó e Labão tinham lhe roubado a vida, mas quando Leia entregou o coração para o Senhor, teve a própria vida de volta.

O noivo verdadeiro

Não deveríamos olhar apenas para o que Deus fez na vida de Leia. Temos de olhar também para o que Deus fez *por* ela. Talvez ela tivesse uma ideia de que havia algo de especial naquela criança. Talvez uma intuição de que Deus havia feito algo em seu benefício. E foi isso mesmo. Com certeza o autor de Gênesis sabia disso. A criança em questão era Judá, e em Gênesis 49 somos informados de que será por meio dele que o Rei verdadeiro, o Messias, um dia virá. Deus havia vindo ao encontro da menina que ninguém queria, a mal-amada, e a tornado mãe ancestral de Jesus. A

salvação veio ao mundo não pela bela Raquel, mas pela desprezada, a mal-amada.

Deus gosta de tomar partido dos desfavorecidos? Não, esse presente maravilhoso concedido a Leia significou bem mais que isso. O texto diz que ao ver que ela não era amada, o *SENHOR* a amou. “Sou eu o noivo verdadeiro. Sou o marido das destituídas de marido. Sou o pai das destituídas de pai”. Esse é o Deus que salva por graça. Os deuses das religiões moralistas favorecem os bem-sucedidos e os que superam expectativas. Aqueles que sobem a escada moral até o céu. Já o Deus da Bíblia é aquele que desce a este mundo para efetuar uma salvação e conceder-nos uma graça que jamais obteríamos por nós mesmos. Ele ama o indesejado, o fraco e o mal-amado. Ele não é apenas um rei, e nós, seus súditos; não é apenas um pastor, e nós, as ovelhas. É um marido, e nós, sua esposa. Sente-se encantado conosco — incluindo aqueles dentre nós que mais ninguém nota.

Eis o poder para vencermos nossas idolatrias. Muita gente no mundo não encontrou um parceiro romântico e precisa ouvir o Senhor dizer: “Sou o noivo verdadeiro. Só existe um par de braços que lhe dará todo o desejo do seu coração e esperará por você no fim dos tempos. Basta você se voltar para mim. E saber que o amo agora”. Todavia, não é somente quem não tem um cônjuge que necessita enxergar em Deus o nosso cônjuge perfeito, mas também quem o *tem*. Essas pessoas precisam disso a fim de salvar seu casamento do peso esmagador das próprias expectativas divinas. Se você se casar com alguém esperando que ele seja um deus, é inevitável que esse alguém o decepcione. Não que você deva tentar amar menos seu cônjuge; apenas deveria conhecer e amar mais a Deus. Como conhecer o amor de Deus com tamanha profundidade a ponto de liberar nossos amados e cônjuges das expectativas com que os sufocamos? Olhando para aquele a quem a vida de Leia aponta.

O homem que ninguém queria

Quando Deus veio à terra em Jesus Cristo, ele era mesmo filho de Leia. Tornou-se o homem que ninguém queria. Nasceu em uma manjedoura. Não tinha beleza para que o desejássemos (Is 53.2). Veio para os seus e os seus não o receberam (Jo 1.11). E, no fim, todos o abandonaram. Jesus clamou até para seu Pai: “Por que me desamparaste?”.

Por que ele se tornou filho de Leia? Por que se tornou o homem que ninguém desejava? Por você e por mim. Ele tomou sobre si nossos pecados e morreu em nosso lugar. Se nos comovemos profundamente com a visão do amor dele por nós, nosso coração se afasta de outros pretensos salvadores. Paramos de tentar nos redimir por meio de atividades e relacionamentos, porque já fomos redimidos. Paramos de tentar transformar pessoas em salvadoras, pois temos um Salvador.

A única maneira de despojar o coração de uma antiga afeição é mediante o poder expulsivo de uma nova. [...] Assim [...] não basta [...] mostrar ao mundo o espelho de suas imperfeições. Não basta se apresentar com uma demonstração da natureza desvanecedora de seus prazeres [...] para falar à consciência [...] das loucuras que o mundo traz. [...] Em vez disso, busque todo meio legítimo para descobrir o acesso a seu coração pelo amor daquele que é maior que o mundo.¹⁴

Um dia, Sally me contou como recuperou sua vida. Encontrou um conselheiro que, de modo acertado, chamou sua atenção para o fato de que ela estava procurando sua identidade, sua “salvação”, em homens. Em vez disso, o conselheiro a orientou a dedicar-se a uma profissão e tornar-se economicamente independente como maneira de desenvolver sua autoestima. A mulher concordou plenamente que precisava alcançar independência financeira, mas rechaçou o conselho de buscar autoestima. “Eu estava sendo aconselhada a desistir de uma idolatria feminina comum e a adotar uma idolatria masculina comum”, ela disse. “Mas eu não queria tornar minha autoestima dependente do sucesso profissional mais do que dos homens. Queria ser livre.”

Como isso ocorreu na vida dela? Sally deparou com Colossenses 3, em que Paulo escreve: “... a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, também vos manifestareis com ele em glória” (v. 3,4). Ela percebeu que nem os homens nem a carreira profissional nem qualquer outra coisa deveria ser “sua vida” ou

identidade. O que importava não era o que os homens pensavam a seu respeito ou o sucesso profissional, mas o que Cristo havia feito por ela e como a amava. Portanto, quando visse um homem interessado nela, em seu coração Sally diria em relação a ele: “Você pode acabar se revelando um excelente sujeito, e talvez até meu marido, mas jamais poderá ser *minha vida*. Só Cristo é a minha vida”. Quando começou a agir assim, como Leia, ela recuperou a própria vida. Essa disciplina espiritual lhe deu a capacidade para estabelecer limites e fazer boas escolhas e, por fim, para amar um homem pelo que ele é, não apenas para usar os homens com o intuito de sustentar a autoimagem.

Sally havia respondido à pergunta que todos precisamos encarar para viver da forma correta: A quem posso buscar que seja tão belo para me capacitar a fugir de todos os deuses falsos? Só existe uma resposta para essa questão. Como escreveu o poeta George Herbert, olhando para Jesus na cruz: “És meu encanto, minha vida, minha luz, beleza única para mim”.¹⁵

¹ *Genesis: translation and commentary* (New York: W. W. Norton, 1996), p. 151-7.

² New York: Free, 1973, p. 160 [edição em português: *A negação da morte*, tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva (Rio de Janeiro: Record, 2007)].

³ *Ibidem*, p. 167.

⁴ Tem havido uma onda de artigos e livros sobre essa pequena mudança cultural. Veja o artigo de Barbara F. Meltz, “Hooking up is the rage, but is it healthy?”, *The Boston Globe* (February 13, 2007). Veja tb. Laura Sessions Stepp, *Unhooked: how young women pursue sex, delay love, and lose at both* (New York: Riverhead, 2007).

⁵ *Mere Christianity*, livro 3, cap. 5, “Sexual morality” [edição em português: *Cristianismo puro e simples*, tradução de Álvaro Oppermann; Marcelo Brandão Cipolla (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009)].

⁶ Por que Jacó não se recusou simplesmente a aceitar essa falcatura descarada? De novo, as observações de Robert Alter são preciosas. Quando Jacó pergunta: “Por que você me *enganou?*”, o termo hebraico é o mesmo usado no capítulo 27 para descrever o que ele havia feito com Isaque. Alter cita então um antigo comentarista rabínico que imagina a conversa no dia seguinte entre Jacó e Leia. Jacó diz para ela: “Chamei ‘Raquel’ no escuro e você respondeu. Por que fez isso comigo?”. Ao que Leia retruca: “Seu pai chamou ‘Esaú’ no escuro e você respondeu. Por que fez isso com ele?”. A fúria de Jacó morre em seus lábios. Ele percebe, então, como é ser manipulado e enganado, e concorda mansamente com a oferta de Labão.

⁷ Uma vez que a maior parte dos casamentos era arranjada dessa forma, é provável que muitas mulheres se sentissem desprezadas pelo marido, de modo que muitos leitores da antiguidade se identificassem com essa história. Se o leitor moderno achar ofensivo o relato de mulheres sendo

compradas e vendidas por homens, seria importante ter em mente que a ênfase geral da narrativa de Gênesis visa a destruir a prática descrevendo-a de uma perspectiva bastante negativa. Robert Alter, em *The art of biblical narrative* [edição em português: *A arte da narrativa bíblica*, tradução Vera Pereira (São Paulo: Companhia das Letras, 2007)], diz que ler o livro de Gênesis e achar que ele faz vista grossa para as questões da primogenitura, da poligamia e da compra de noivas significa que você não o está compreendendo adequadamente. Ao longo do livro, a poligamia sempre produz devastação. Nunca dá certo. Tudo o que se vê é a miséria que as instituições patriarcais causam nas famílias. Alter conclui que todas as narrativas de Gênesis são *subversivas* em relação às antigas práticas patriarcais.

8 A maioria das versões em inglês traz notas para explicar o significado dos nomes. Leia deu à luz o primeiro filho, um menino, e o chamou de Rúben, que significa “ver”, pois ela pensou: “Talvez agora meu marido me enxergue; não mais serei invisível para ele”. Não aconteceu. Ela então teve o segundo filho e o chamou de Simeão, nome relacionado à raiz verbal “ouvir”: “Agora talvez meu marido me ouça afinal”. De novo, ele não o fez. Leia então teve o terceiro filho e o chamou de Levi, que significa “estar afeiçoado a” e disse: “Finalmente, agora que lhe dei *três* filhos, o coração do meu marido se afeiçoará a mim”.

9 Derek Kidner, *Genesis: an introduction and commentary* (Downers Grove: Inter Varsity, 1967), p. 160 [edição em português: *Gênesis: introdução e comentário*, tradução de Odayr Olivetti (São Paulo: Vida Nova, 1979)].

10 *Mere Christianity* (diversas edições), livro 3, cap. 10, “Hope”.

11 *Ibidem*.

12 Ernest Becker, *The denial of death*, p. 166-7.

13 O que aconteceu, pergunta Manohla Dargis, com *Thelma & Louise*, o filme de 1991 em que as mulheres “usavam o bom e velho *jeans*, tentavam seduzir os homens cheias de confiança [...] e não tinham planos de se casar?” (“Young women forever stuck at square one in the dating game”, *New York Times* [February 6, 2009]).

14 Thomas Chalmers, *The expulsive power of a new affection*. Esse é um sermão clássico de um ministro presbiteriano e estadista. O sermão está disponível em vários lugares na internet.

15 “Dulness”, in: *The complete English poems*, edição de James Tobin (London: Penguin, 1991), p. 107.

TRÊS

O DINHEIRO MUDA TUDO

Pura ganância

Em 2005, o banco de investimentos Credit Suisse promoveu uma campanha intensa de empréstimos para *resorts*. Esses empréstimos ofereciam lucro pessoal instantâneo para os tomadores e alta rentabilidade para investidores institucionais. Em resposta, o fundador e maior acionista do Yellowstone Club, um resort particular para esquiadores milionários nas montanhas de Montana, contratou um empréstimo de 375 milhões de dólares. De imediato, foram para sua conta pessoal 295 milhões, como permitia o contrato assinado. O Credit Suisse pouco se esforçou para avaliar a capacidade de reembolso desse tomador, uma vez que não tinha recursos próprios em jogo. O empréstimo era embalado e vendido como parte de um “contrato de empréstimo suplementar”, transferindo todos os problemas potenciais para investidores institucionais, como fundos de pensão que estivessem adquirindo produtos desse gênero, cujos riscos eram extremamente subestimados pelos vendedores. O Credit Suisse realizou cerca de seis transações desse tipo com *resorts*, de 2002 a 2006, totalizando cerca de três bilhões de dólares.

Em 2007, no entanto, o Yellowstone Club se viu em sérios problemas financeiros. A rotina de gestão ineficiente se agravou com a dívida muito elevada do empréstimo feito com o Credit Suisse. Quando chegou a recessão e os valores imobiliários caíram, o clube pediu falência. O Credit Suisse, que tinha direitos “de primeira penhora”, propôs um planejamento de capital provisório para suspender as operações do clube, o que causaria a demissão de centenas de funcionários de seu emprego. Promotores de

vendas, garçons, jardineiros e ascensoristas das pequenas cidades de Montana, com poucas opções de trabalho em outros lugares, estavam prestes a sofrer um terrível prejuízo econômico.

Felizmente, o juiz responsável por processos de falência de Montana percebeu o que havia acontecido. Ele criticou com vigor o Credit Suisse e o proprietário do clube por “ganância pura” e pelo “empréstimo predatório” que os deixara ricos ao mesmo tempo que depositava todo o risco e as consequências sobre a classe trabalhadora da região. Ele tirou o Credit Suisse da posição de “primeira penhora”, gesto raro em julgamentos de falência. As decisões do juiz possibilitaram que outro comprador adquirisse o clube, e muitos empregos foram salvos.¹

Um jornalista que cobria essa história chamou-a de retrato do “espírito econômico da nossa época”. A nova explosão de salários de executivos, a ênfase elevada em artigos de luxo, as negociações gananciosas rendendo milhões para os envolvidos à custa de milhares de trabalhadores comuns, a falta de preocupação com dívidas exorbitantes — tudo isso representa profundas mudanças sociais em nossa sociedade. Paul Krugman escreve sobre essas mudanças de atitude:

Não deveríamos pensar no assunto como uma tendência de mercado, como uma elevação do valor de propriedades de frente para o mar, mas como algo mais parecido com a revolução sexual da década de 1960 — um relaxamento de antigas restrições, uma nova permissividade, com a diferença de que, neste caso, a permissividade é financeira e não sexual. Claro, John Kenneth Galbraith descreveu o executivo honesto de 1967 como alguém que “evita a mulher adorável, disponível e até mesmo nua por quem está intimamente rodeado. [...] A gestão não age de maneira impiedosa para recompensar a si mesma...”. Próximo ao fim da década de 1990, o lema do executivo poderia bem ser “Se a sensação for boa, faça”.²

Não conseguimos enxergar a própria ganância

Ernest Becker escreveu que nossa cultura substituiria Deus pelo sexo e pelo romance. Antes dele, Friedrich Nietzsche tinha uma teoria diferente. Ele escreveu que, com a ausência crescente de Deus na cultura ocidental, haveríamos de substituí-lo pelo dinheiro.

O que leva um homem a usar pesos adulterados, outro, a atear fogo na própria casa depois de tê-la segurado acima de seu valor real, enquanto três quartos da nossa classe alta faz vistas grossas à fraude legalizada [...] o que provoca tudo isso? Não é o desejo real — pois sua existência não é, de modo algum, precária [...] mas são incentivados dia e noite por uma impaciência terrível ao ver a própria riqueza se acumular muito devagar e por um anseio e um amor igualmente terríveis por essas pilhas de dinheiro. [...] O que antes era feito “pelo amor a Deus” hoje é feito por amor ao dinheiro, isto é, por amor ao que, no presente, permite-nos o mais elevado sentimento de poder e uma boa consciência.³

Em resumo, Nietzsche profetizou que, na cultura ocidental, o dinheiro talvez se tornaria o principal deus falso.

Inúmeros escritores e pensadores têm chamado nossa atenção para “a cultura da ganância” que vem corroendo nossa alma e produzido colapso econômico. Entretanto, ninguém imagina que a transformação esteja logo ali. Por quê? Porque é particularmente difícil enxergar a ganância e a avareza em nós mesmos.

Alguns anos atrás, ministrei uma série de sete palestras sobre os sete pecados capitais durante um café da manhã para homens. Minha esposa, Kathy, disse-me: “Sou capaz de apostar que, na semana em que tratar da ganância, você terá o menor número de participantes”. Ela tinha razão. O lugar ficou abarrotado de pessoas para ouvir sobre “luxúria” e “ira”, até mesmo sobre “orgulho”. Mas ninguém se considera ganancioso. Como pastor, as pessoas vêm a mim para confessar que lutam contra quase todo tipo de pecado. Quase tudo. Não consigo me lembrar de alguém me procurar e dizer: “Gasto dinheiro demais comigo. Creio que minha cobiça gananciosa por dinheiro é prejudicial para minha família, minha alma e às pessoas que me rodeiam”. A ganância se esconde da própria vítima. O *modus operandi* do deus dinheiro inclui a cegueira em nosso próprio coração.

Por que ninguém que vive dominado pela ganância consegue enxergá-la? O deus falso do dinheiro usa dinâmicas sociológicas e psicológicas muito efetivas. Todo o mundo vive em determinada categoria socioeconômica. A partir do momento que tiver condições financeiras para morar em certo bairro, mandar os filhos para as escolas da vizinhança e participar da vida social dela, você se descobrirá cercado por um bom número de pessoas com mais dinheiro do que você. Ninguém se compara ao restante do mundo,

mas às pessoas com as quais compartilha a categoria socioeconômica. O coração humano sempre quer se justificar e essa é uma das maneiras mais fáceis. Você diz: “Não vivo tão bem quanto ele ou ela ou eles. Meus meios são modestos comparados com os deles”. Você pode argumentar e pensar assim, não importa quão prodigamente viva. O resultado disso é que a maioria dos americanos se considera de classe média, e só 2% se consideram “classe alta”.⁴ Mas o restante do mundo não se deixou enganar. Quando pessoas de outras partes do globo nos visitam, ficam chocadas ao constatar o nível de conforto material que a maioria dos americanos aprendeu a considerar uma necessidade.

Jesus adverte as pessoas com bem mais frequência contra a ganância do que contra o sexo. Contudo, quase ninguém se considera culpado por ser ganancioso. Portanto, todos deveríamos começar com a hipótese de que “isso poderia facilmente ser um problema para mim”. Se a ganância se esconde em recessos tão profundos, ninguém deveria se sentir confiante de que ela não seja um problema em sua vida. Como reconhecemos o poder que o dinheiro tem para nos cegar e nos libertarmos dele?

O poder sedutor do dinheiro

Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. Havia ali um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe de publicanos (Lc 19.1,2).

Com pinceladas breves, mas reveladoras, o Evangelho de Lucas nos apresenta Zaqueu. Ele era um cobrador de impostos marginalizado pela sociedade. Até hoje, pessoas que trabalham para a Receita Federal não fazem propaganda disso nas festas, mas precisamos compreender o que isso significava naquela época e lugar. Israel era uma nação conquistada, sob ocupação militar. Seus conquistadores, os romanos, arrecadavam impostos opressivos de cada colônia como forma de transferir a maior parte da riqueza e do capital da nação para Roma e seus cidadãos. Isso empobrecia as nações conquistadas, o que as mantinha subjugadas. As únicas pessoas que viviam com conforto e bem-estar em Israel eram os governantes romanos e

seus colaboradores locais, os coletores de impostos. O sistema tributário dependia de oficiais encarregados de extrair, para os senhores romanos, a receita dos tributos de cada região designada para arrecadação. Todo o mundo os desprezava. As pessoas chamavam Zaqueu de “pecador” (Lc 19.7), que significava apóstata ou pária. Se quiser ter uma noção de como esses funcionários eram vistos, imagine o que as pessoas pensavam dos colaboradores que, sob as ordens dos nazistas, oprimiam o próprio povo durante a Segunda Guerra Mundial; pense nos líderes dos cartéis de drogas que enriquecem escravizando milhares das pessoas mais frágeis das regiões mais carentes das cidades; pense nos magnatas corruptos dos dias atuais que adquirem empresas e depois as destroem, ou vendem hipotecas a pessoas simples que não podem pagar, enquanto enchem os bolsos com milhões de dólares. Agora, você é capaz de entender a condição dos cobradores de impostos da época de Jesus.

Por que alguém aceitaria um emprego de cobrador de impostos? O que poderia seduzir um homem a trair a família e o país e viver como um pária da própria sociedade? A resposta? O dinheiro. O incentivo que os romanos ofereciam aos cobradores de impostos era quase irresistível. Auxiliados pela força militar, o cobrador de impostos tinha permissão de exigir muito mais dinheiro dos conterrâneos judeus do que havia se comprometido a pagar ao governo. Hoje damos a isso o nome de extorsão. Era uma prática extremamente lucrativa. Os cobradores de impostos eram as pessoas mais ricas da sociedade, bem como as mais odiadas.

Um dos motivos por que Lucas chamou nossa atenção para Zaqueu foi o fato de ele não ser apenas um cobrador de impostos comum. Ele era um *architelōnēs* (v. 2), literalmente, o *arqui*-cobrador. Não surpreende que o encontremos em Jericó, um grande centro alfandegário. Como um dos chefes de todo o sistema, ele seria um de seus membros mais ricos e odiados. Viveu em uma época diferente da nossa, em que havia um estigma associado ao consumo ostensivo e ao deleite na riqueza. Mas isso não tinha importância para ele. Zaqueu havia sacrificado tudo o mais a fim de ganhar dinheiro.

O dinheiro como senhor

Paulo diz que a avareza é uma forma de idolatria (Cl 3.5; Ef 5.5). Lucas nos ensina a mesma verdade em seu Evangelho.⁵ Em Lucas 12.15, Jesus diz aos ouvintes: “... Cuidado! Evitai todo tipo de cobiça; pois a vida do homem não consiste na grande quantidade de coisas que ele possui”. O que é cobiça? No contexto próximo de Lucas 11 e 12, Jesus advertiu o povo acerca da preocupação com suas posses. Para Jesus, a cobiça não é apenas o amor ao dinheiro, mas a ansiedade excessiva por causa dele. Jesus explica a razão de termos as emoções tão poderosamente controladas por nossa conta bancária — “a vida do homem não consiste na grande quantidade de coisas que ele possui”. “Consistir” em relação a bens é ser definido pelo que se tem e consome. O termo descreve a identidade pessoal com base em suas posses e consumo. Refere-se a pessoas que, se perderem o patrimônio, não lhes restará um “eu”, pois o valor pessoal delas se baseia em seu valor financeiro. Em uma passagem posterior, Jesus é mais direto e dá nome aos bois.

Nenhum servo pode servir a dois senhores, pois odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. Os fariseus, que eram gananciosos, ouviam todas essas coisas e zombavam dele. Mas Jesus lhes disse: Vós sois os que vos justificais diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração; pois o que é elevado entre os homens, perante Deus é abominação (Lc 16.13-15).

Jesus usa todas as metáforas bíblicas padrão para a idolatria e as aplica à ganância e ao dinheiro. De acordo com a Bíblia, os ídólatras fazem três coisas com seus ídolos. Amam-nos, confiam neles e lhes obedecem.⁶ Os que “amam o dinheiro” são aqueles que se acham sonhando acordados, fantasiando com novas maneiras de ganhar dinheiro e com novos bens para comprar e olhando com inveja para quem tem mais do que eles. Os que “confiam no dinheiro” sentem ter o controle da própria vida e estar seguros e garantidos por causa de sua fortuna.

A idolatria também nos torna “servos do dinheiro”. Como servimos reis e magistrados terrenos, assim “vendemos a alma” a nossos ídolos. Ao buscarmos neles significado (amor) e segurança (confiança), *precisamos* tê-los e, portanto, somos motivados a servi-los e, essencialmente, obedecer-

lhes. Quando Jesus afirma que “servimos” ao dinheiro, usa uma palavra que indica o serviço solene oferecido a um rei e fundamentado em uma aliança. Se você vive para o dinheiro, é um escravo dele. Se, no entanto, Deus se torna o centro de sua vida, isso destrona e rebaixa o dinheiro. Se sua identidade e segurança estão em Deus, as riquezas não podem controlá-lo por meio da preocupação e do desejo. É uma coisa ou outra. Ou você serve a Deus ou se entrega à escravidão a Mamom.

Em parte alguma essa escravidão é mais evidente que na cegueira de pessoas gananciosas para o próprio materialismo. Observe-se que em Lucas 12 Jesus diz: “... Cuidado! Evitai todo tipo de cobiça...”. Uma declaração notável. Pense em outro pecado tradicional contra o qual a Bíblia nos adverte — o adultério. Jesus não recomenda: “Cuidado! Evitai cometer adultério!”. Não precisa. Quando está na cama com o cônjuge de outra pessoa, você sabe o que está fazendo. No meio do caminho você não diz: “Oh, espere um pouco! Acho que isso é adultério!”. Você sabe que é. Todavia, apesar de ser claro que o mundo está cheio de ganância e materialismo, quase ninguém percebe que essas coisas se aplicam à própria vida. Negam a realidade.

Podemos continuar observando a história de Zaqueu e perguntar: “Como pôde ter traído e prejudicado tanta gente? Como foi capaz de dispor-se a ser tão odioso? Como pôde se deixar cegar pelo dinheiro a ponto de fazer tudo isso e viver dessa forma?”. Zaqueu é só um exemplo do que Jesus vem ensinando ao longo de todo o livro de Lucas. O dinheiro é um dos deuses falsos mais comuns que existe. Quando ele domina seu coração, cega-o para o que está acontecendo, controla-o por meio de ansiedades e cobiças e leva você a priorizá-lo acima de todas as outras coisas.

O princípio da graça

[Zaqueu] tentava ver quem era Jesus e não conseguia, por causa da multidão e porque era de pequena estatura. Correndo na frente, subiu num sicômoro a fim de vê-lo, pois Jesus tinha de passar por ali. Quando chegou àquele lugar, Jesus olhou para cima e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, porque hoje tenho de ficar em tua casa. Então ele desceu rapidamente e o recebeu com

alegria. Ao verem isso, todos criticavam, dizendo: Ele foi ser hóspede de um homem pecador (Lc 19.3-7).

Zaqueu era um homem baixo, mas por que um homem baixo não poderia ficar na rua à frente das pessoas mais altas? Evidentemente, o povo não lhe daria lugar. Em razão disso, Zaqueu tomou uma atitude surpreendente. Subiu em uma árvore. Precisamos avaliar com exatidão o significado disso. Em culturas tradicionais, não eram a liberdade e os direitos que importavam, mas honra e dignidade. Para qualquer homem adulto o ato de subir em uma árvore implicava ser alvo de grande zombaria. Com certeza, alguém como Zaqueu, já desprezado e ainda por cima baixinho, seria mais cuidadoso em se portar de maneira honrada. Então, por que ele agiu assim? Lucas nos revela: “Ele tentava ver quem era Jesus...”. Zaqueu estava ansioso para ter um relacionamento com Jesus. *Ansioso* pode ser uma palavra branda demais. A prontidão com que escalou a árvore indica algo mais próximo do desespero.

Jesus se aproximou e viu uma multidão formada em sua maioria de pessoas respeitáveis, religiosas, todas se sentindo superiores a prostitutas e cobradores de impostos (Lc 19.7; Mt 21.31). Em vez de dirigir a palavra a uma delas, ele escolheu o “pecador” mais notório em toda aquela multidão. Zaqueu era o *arquicobrador*, o pior de todos. Contudo, diante daquela multidão virtuosa, Jesus escolheu esse homem não só para lhe falar, mas também para comer em sua companhia. Naquela cultura, comer com alguém significava amizade. Todo o mundo ficou ofendido, mas Jesus não se importou. Disse: “Zaqueu, não quero ir para a casa deles, mas para a sua”. E Zaqueu o recebeu com alegria.

Esse intercâmbio simples não poderia ser mais elucidativo para nós. Zaqueu não se aproximou de Jesus com orgulho, mas com humildade. Não se valeu de sua dignidade e riqueza; antes, deixou de lado sua condição de vida e se dispôs a ser ridicularizado a fim de ter um vislumbre de Jesus. No fim, não foi Zaqueu que convidou Jesus a entrar em sua vida, mas Jesus que o convidou a entrar na sua. Quase se pode ouvir Jesus rindo ao dizer isso. “Zaqueu! Sim, você mesmo! É com *você* que vou para casa hoje!”. Ele sabia

quão escandaloso era seu gesto para a multidão, o quanto contradizia tudo o que as pessoas conheciam sobre religião e quão surpreendente era para o próprio homenzinho espantado no alto da árvore.

Quando Zaqueu viu que Jesus havia escolhido a pessoa menos virtuosa da multidão — ele próprio — para manter um relacionamento pessoal, todo o seu entendimento espiritual começou a mudar. Embora seja pouco provável que tivesse um entendimento claro e consciente disso, Zaqueu começou a perceber que a salvação de Deus era pela graça, não por meio de realização ou desempenho morais. Essa descoberta penetrou nele como um raio, e ele recebeu Jesus com alegria.

Graça e dinheiro

Zaqueu, porém, levantando-se, disse ao Senhor: Vê, Senhor, darei aos pobres metade dos meus bens, e, se prejudiquei alguém em alguma coisa, eu lhe restituirei quatro vezes mais. Disse-lhe Jesus: Hoje a salvação chegou a esta casa, pois este homem também é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido (Lc 19.8-10).

Zaqueu queria seguir Jesus e logo constatou que, se o fizesse, o dinheiro seria um problema. Por isso, fez duas promessas extraordinárias.

Prometeu dar 50% de sua renda aos pobres. Isso era muito mais que os 10% exigidos pela Lei mosaica. Hoje, mesmo a doação de 10% da nossa renda para a caridade parece uma quantia enorme, mesmo considerando que pessoas ricas poderiam fazer muito mais e ainda viver com conforto. Zaqueu sabia disso quando fez essa oferta. Seu coração havia sido impactado. Por saber que a salvação não era pela Lei, mas pela graça, não pretendia viver apenas satisfazendo a letra da Lei. Queria superá-la.

Há ocasiões em que as pessoas me procuram como seu pastor e me perguntam sobre “dizimar”, ou seja, ofertar um décimo da renda anual. Observam que no Antigo Testamento havia muitos mandamentos claros no sentido de que os crentes deveriam dar 10%. No Novo Testamento, contudo, as exigências específicas e quantitativas são menos evidentes. Costumam me perguntar: “Você não acha que hoje, de acordo com o Novo

Testamento, exige-se que os crentes contribuam com 10%, não é?” Balanço a cabeça, indicando que não, e eles soltam um suspiro de alívio. Mas logo acrescento: “Vou lhe contar por que você não vê a exigência do dízimo exposta com tanta clareza no Novo Testamento. Raciocine comigo. Nós recebemos mais ou menos revelação, verdade e graça que os crentes do Antigo Testamento?” Em geral, há um silêncio constrangedor nesse momento. “Estamos mais ‘em débito com a graça’ do que eles? Jesus deu 10% de sua vida e sangue para nos salvar ou deu tudo?”

O dízimo é o padrão mínimo para os crentes em Cristo. Com certeza, não gostaríamos de estar em posição de contribuir menos de nossa renda do que aqueles que tinham uma compreensão bem mais restrita do que Deus fez para salvá-los.

A segunda promessa de Zaqueu não estava relacionada com caridade e misericórdia, mas com justiça. Ele havia ganhado muito dinheiro trapaceando. Cobrara impostos exorbitantes de muita gente. Aqui, mais uma vez, a Lei mosaica estabeleceu uma prescrição. Levítico 5.16 e Números 5.7 instruíam que, se tivesse roubado alguma coisa, você precisaria fazer a restituição com juros. Tinha de devolver com 20% de juros. No entanto, Zaqueu quis ir muito além. Restituiria “quatro vezes mais” o que roubara. Isso são juros de 300%.

Em resposta a essas promessas, Jesus declarou: “A salvação chegou a tua casa”. Observe-se que ele não disse: “Se viver dessa maneira, a salvação chegará a tua casa”. Não, ela já *chegou*. A salvação de Deus não chega em resposta a uma vida transformada. A vida transformada chega em resposta à salvação, oferecida como um dom gratuito.

Essa era a razão do novo coração e da nova vida de Zaqueu. Se a salvação fosse merecida de acordo com a obediência ao código moral, então a pergunta de Zaqueu teria sido: “Quanto *sou obrigado a dar*?”. Contudo, essas promessas eram reações à graça superabundante, generosa, por isso a pergunta foi: “Quanto *posso dar*?”. Ele entendeu que apesar de ser rico no aspecto financeiro, estivera falido espiritualmente, mas Jesus despejara riquezas espirituais sobre ele com liberalidade. Zaqueu deixou de ser

opressor dos pobres para tornar-se defensor da justiça. Passou de acumulador de riqueza à custa de quem estivesse a seu redor para servo das pessoas a despeito da própria riqueza. Por quê? Jesus tinha substituído o dinheiro como salvador de Zaqueu, de modo que o dinheiro voltou a ser simplesmente dinheiro. Agora, ele era um instrumento para fazer o bem, para servir às pessoas. Agora que a identidade e segurança de Zaqueu estavam fundamentadas em Cristo, ele tinha mais dinheiro do que necessitava. A graça de Deus havia transformado sua atitude para com a própria riqueza.

Graça e ídolos profundos

Para entender como o coração de Zaqueu começou a mudar, temos de considerar que os deuses falsos se apresentam em grupo, tornando complexa a estrutura idolátrica do coração. Existem “ídolos profundos” no interior do coração por trás dos “ídolos superficiais” mais concretos e visíveis a que servimos.⁷

O pecado em nosso coração afeta nossos impulsos motivacionais básicos de modo que se tornam ídolas, “ídolos profundos”. Algumas pessoas são fortemente motivadas pelo desejo de influência e poder, ao passo que outras se entusiasmam mais com a aprovação e a estima. Algumas querem conforto emocional e físico mais do que qualquer outra coisa, ao passo que outras desejam segurança, o controle do próprio ambiente. Pessoas dominadas pelo ídolo profundo do poder não se importam em ser impopulares a fim de obter influência. As mais motivadas pela aprovação são o oposto — perdem poder e controle com alegria, desde que todo mundo pense o melhor a seu respeito. Cada ídolo profundo — poder, aprovação, conforto ou controle — gera um conjunto diferente de temores e um grupo distinto de esperanças.

“Ídolos superficiais” são coisas como dinheiro, nosso cônjuge ou filhos, pelos quais nossos ídolos profundos buscam satisfação. Em geral, não nos aprofundamos na análise de nossas estruturas de ídolos. Por exemplo, o

dinheiro pode ser um ídolo superficial que serve para satisfazer impulsos mais fundamentais. Algumas pessoas querem uma grande quantidade de dinheiro para controlar seu mundo e sua vida. Essas pessoas normalmente não gastam muito dinheiro e vivem de maneira bastante modesta. Mantêm tudo guardado e investido com segurança, assim podem se sentir absolutamente seguras no mundo. Outras querem dinheiro para ter acesso a círculos sociais e para se tornarem belas e atraentes. Essas pessoas *de fato* gastam consigo mesmas em abundância. Outras querem dinheiro porque lhes confere grande poder sobre os outros. Em todos os casos, o dinheiro funciona como ídolo e, no entanto, em virtude dos vários ídolos profundos, resulta em padrões muito diferentes de comportamento.

A pessoa que usa o dinheiro para servir a um ídolo profundo de controle muitas vezes se sentirá superior a todos que dele se servem para conquistar poder ou aprovação social. Em todos os casos, no entanto, a idolatria ao dinheiro escraviza e deforma vidas. Outro pastor de minha igreja certa vez aconselhou marido e mulher com sérios conflitos com respeito à maneira de administrar o dinheiro. A mulher considerava o marido um pão-duro. Um dia, o pastor conversou em particular com o marido, que reclamava amargurado de como sua mulher esbanjava.

— Ela é muito egoísta, gasta demais em roupas e aparência!

Ele percebia com clareza como a necessidade que ela tinha de parecer atraente para os outros influenciava o uso que fazia do dinheiro. O pastor então lhe apresentou o conceito de ídolos superficiais e profundos:

— Você consegue ver que *não* gastando ou doando nada, guardando cada centavo, está sendo tão egoísta quanto ela? Você “gasta” tudo em sua necessidade de se sentir seguro, protegido e no controle.

Para felicidade desse conselheiro, o homem ficou chocado e não bravo.

— Nunca tinha pensado no assunto por esse ângulo — confessou, e as coisas começaram a mudar no casamento.

Essa é a razão por que os ídolos não podem ser tratados pela simples eliminação dos ídolos superficiais como dinheiro ou sexo. Podemos olhar para eles e dizer: “Preciso tirar toda ênfase nisso de minha vida. Não posso

deixar que me controle. Vou dar um basta nisso.” Apelos diretos como esse não funcionarão porque é preciso lidar com os ídolos profundos no nível do coração. Só há uma maneira de mudar em nível de coração: mediante a fé no evangelho.

A pobreza de Cristo

Em 2Coríntios 8 e 9, Paulo pede à igreja que faça uma oferta aos pobres. Apesar de sua autoridade como apóstolo, ele escreve: “Não digo isso como quem dá ordens...” (8.8). Ou seja: “Não quero mandar que façam nada. Não quero que essa oferta seja apenas a resposta a uma determinação”. Ele não exerce pressão direta sobre a vontade alheia dizendo: “Sou apóstolo, portanto, façam o que digo”. Antes, prefere ver “a sinceridade do vosso amor”. E em seguida escreve as famosas palavras:

Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, tornou-se pobre por vossa causa, para que fôsseis enriquecidos por sua pobreza (2Co 8.9).

Jesus, o Deus-homem, era dono de uma fortuna infinita. Mas, caso se apegasse a ela, morreríamos em nossa pobreza espiritual. Essa era a opção — se permanecesse rico, morreríamos pobres. Se morresse pobre, nós nos tornaríamos ricos. Nossos pecados seriam perdoados, e seríamos admitidos à família de Deus. Paulo não estava transmitindo a essa igreja um mero preceito ético, exortando-os a pararem de amar tanto o dinheiro e a se tornarem mais generosos. Antes, ele apresentou um resumo do evangelho.

Eis o que Paulo estava dizendo. Jesus abriu mão de toda sua riqueza no céu a fim de fazer de você o seu tesouro — pois vocês são um povo valioso como um tesouro (1Pe 2.9,10). Quando você o vir morrendo para torná-lo o tesouro dele, então você se apropriará de Jesus. O dinheiro deixará de ser a moeda que lhe dá significado e segurança, e você desejará abençoar outras pessoas com o que tem. À medida que você compreender o evangelho, o dinheiro não terá domínio sobre sua vida. Pense na graça preciosa de Jesus até ela transformá-lo em uma pessoa generosa.

A solução para a mesquinhez é a reorientação para a generosidade de Cristo no evangelho, observando como ele derramou sua riqueza por você. Agora, você não precisa se preocupar com dinheiro — a cruz demonstra o cuidado de Deus por você e lhe dá segurança. Você não precisa mais invejar o dinheiro dos outros. O amor e a salvação de Jesus lhe concedem uma condição extraordinária que o dinheiro não pode lhe conceder. O dinheiro não pode poupá-lo da tragédia ou lhe dar o controle em um mundo caótico. Só Deus tem poder para isso. O que interrompe o poder do dinheiro sobre nós não é apenas o esforço redobrado de seguir o exemplo de Cristo. Antes, é o aprofundamento do seu entendimento da salvação de Cristo, do que você tem nele e, depois, a prática das mudanças que esse entendimento provoca em seu coração — o centro de sua mente, vontade e emoções. A fé no evangelho reestrutura nossas motivações, o entendimento acerca de nós mesmos e de nossa identidade, nossa cosmovisão. O consentimento comportamental com as regras sem uma transformação completa de coração será superficial e passageiro.

O homem precisa de um ídolo

Andrew Carnegie passou a ser contado entre os homens mais ricos do mundo quando sua siderúrgica, precursora da U. S. Steel, tornou-se a empresa mais lucrativa da face da terra. No início do seu sucesso, com apenas 33 anos de idade, Carnegie fez uma avaliação impiedosa do próprio coração e produziu um “recado para mim mesmo” como lembrete.

O homem precisa de um ídolo... O acúmulo de riquezas é uma das piores espécies de idolatria. Não existe ídolo mais degradante que a adoração ao dinheiro. No que quer que me envolva, tendo a investir de forma desordenada; portanto, preciso ser cuidadoso e escolher a vida que mais desenvolva o caráter. Com certeza, prosseguir por muito mais tempo sobrecarregado com preocupações em relação aos negócios e com a maioria dos pensamentos completamente voltada para como ganhar mais dinheiro em menos tempo me degradará a ponto de ficar sem esperança de recuperação permanente. Renunciarei aos negócios com 35 anos, mas durante os dois anos seguintes quero passar as tardes buscando instrução e lendo sistematicamente.⁸

A sinceridade e o autoconhecimento nesse bilhete são ex-traordinários, e um dos biógrafos do autor, Joseph Frazier, comentou: “Nem Rockefeller, nem Ford, nem Morgan poderiam ter escrito esse bilhete, nem teriam entendido o homem que o escreveu”.² Todavia, apesar da percepção aguçada que tinha do próprio coração, evidentemente Carnegie não “renunciou aos negócios” dois anos mais tarde, e muitos dos efeitos degradantes de caráter, temidos por ele, concretizaram-se em sua vida.

Apesar de Carnegie ter construído 2.059 bibliotecas [...] um operário de usina siderúrgica, falando por vários trabalhadores, contou a um repórter: “Não queríamos que ele construísse uma biblioteca para nós, preferiríamos salários maiores”. Na época, os operários cumpriam turnos de 12 horas sobre chão tão quente que eram obrigados a pregar plataformas de madeira sob os sapatos. A cada duas semanas exauriam-se em um turno desumano de 24 horas, e então tiravam o único dia de descanso. A melhor moradia que tinham condições de pagar era abarrotada de gente e imunda. A maioria morria com pouco mais de quarenta anos ou menos por causa de acidente ou enfermidade....¹⁰

Bill, que conhecemos na introdução, perdeu muito dinheiro na retração econômica entre 2008 e 2009, três anos depois de tornar-se cristão. “Se acontecesse antes de me converter, eu teria me odiado e o incidente me levaria de volta à bebida, talvez até ao suicídio”, disse ele. Houve época em que Bill só conseguia se sentir uma pessoa de valor se ganhasse dinheiro. Sabia que se estivesse envolvido nesse tipo de relacionamento espiritual com o dinheiro durante a crise financeira, teria perdido o senso de importância e sentido.¹¹ Mas sua identidade tinha mudado. Ele havia deixado de apoiar-se em seu sucesso e grande riqueza e passou a ter como fundamento a graça e o amor de Jesus Cristo. Por isso ele pôde dizer, apesar das perdas sofridas: “Hoje, com toda sinceridade, confesso que nunca fui mais feliz em toda a minha vida”.

Andrew Carnegie reconhecia que o dinheiro era um ídolo em seu coração, mas não soube como erradicá-lo. Esse ídolo não pode ser removido, apenas substituído. Deve ser suplantado por aquele que, embora rico, fez-se pobre, a fim de que pudéssemos ser verdadeiramente ricos.

¹ Relato extraído de Jonathan Weber, “Greed, bankruptcy, and the super rich”, publicado no site *Atlantic Unbound* da *Atlantic Monthly's*, disponível em:

<https://www.theatlantic.com/magazine/archive/2009/05/greed-bankruptcy-and-the-super-rich/307471/>.

2 “For richer”, *New York Times Magazine* (October 20, 2002). Krugman cita o livro de 1967 de John Kenneth Galbraith, *The new industrial state* [edição em português: *O novo estado industrial* (São Paulo: Nova Cultura, 1985)]: “A gestão não busca de forma impiedosa a recompensa para si — espera-se que uma gestão sadia exercite a contenção. [...] Com o poder de decisão, surge também a oportunidade de ganhar dinheiro. [...] Se todos buscassem agir assim [...] a empresa seria um caos de avareza competitiva. Mas não é esse o tipo de coisa que faz quem veste a camisa da empresa; um código extremamente eficaz elimina esse comportamento. A decisão em grupo assegura, além do mais, que os atos de todos, e até os pensamentos, sejam conhecidos das pessoas. Isso colabora com o cumprimento do código e, conseqüentemente, com um alto padrão de honestidade pessoal”.

3 *The dawn of day*, tradução para o inglês de J. M. Kennedy (London: Allen and Unwin, 1911), p. 209-10 [edição em português: *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais* (Petrópolis: Vozes, 2008)].

4 Veja o estudo de 2008 do instituto de pesquisas Pew Research Center. No relatório, 25% das pessoas se declararam “classe baixa” ou “classe média baixa”, 72%, “classe média” ou “classe média alta”, e só 2% se consideraram pertencentes à “classe alta”. Disponível em: <http://pewsocialtrends.org/2008/04/09/inside-the-middle-class-bad-times-hit-the-good-life/>.

5 Há muito mais material em Lucas e Atos sobre a relação do evangelho com a avareza e a idolatria do que podemos analisar aqui. De acordo com Lucas, a ganância é um sinal daqueles que rejeitam o chamado para seguir Jesus, seja ele Judas (At 1.17-20), seja Ananias e Safira (5.1-11), seja Simão, o mago (8.18-24). Mais impressionante ainda, há dois motins contra cristãos descritos no livro de Atos, e, nos dois casos, a oposição ao evangelho foi motivada pela avareza (16.19-24; 19.23-41). O tumulto em Éfeso, narrado em Atos 19, é particularmente elucidativo. O cristianismo estava se espalhando e fazendo com que as pessoas se afastassem dos ídolos. Isso afetou a economia, uma vez que o sistema bancário e os fabricantes de ídolos e santuários estavam todos inter-relacionados. O cristianismo mudou a maneira como as pessoas gastavam e usavam seu dinheiro, o que ameaçava o *status quo* cultural.

6 Veja Brian S. Rosner, *Greed as idolatry: the origin and meaning of a biblical metaphor* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), esp. caps. 9 e 10.

7 Richard Keyes fala de ídolos “próximos” e “distantes” em “The idol factory”, in: *No god but God: breaking with the idols of our age* (Chicago: Moody, 1992), p. 29ss. Estabeleço aqui um conceito semelhante, mas ele define “ídolos distantes” mais como sistemas cognitivos de falsas crenças, enquanto me refiro neste capítulo a “ídolos profundos” como impulsos motivacionais.

8 Joseph Frazier Wall, *Andrew Carnegie* (Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1989), p. 224-5. Citado no capítulo “Andrew Carnegie”, in: *The wise art of giving: private generosity and the good society* (Maclean: Trinity Forum, 1996), p. 5-25.

9 “Andrew Carnegie”, in: *The wise art of giving*, p. 5-26.

10 Annie Dillard, *An American childhood*, citado em *The wise art of giving*, p. 3-48.

11 A Bíblia identifica os ídolos não só como amantes falsos e pseudossalvadores, mas como senhores de escravos. Ela entende que todo relacionamento com governantes, divinos e humanos, é, por natureza, pactual. As pessoas estabelecem uma aliança ou contrato com seu governante e com seu Deus. Tanto elas quanto o governante estão obrigadas por juramento a cumprir os deveres estabelecidos nesse pacto. Há bênçãos e maldições associadas a cada aliança (veja o fim do livro de Deuteronômio). Quem observa a aliança recebe bênçãos específicas, ao passo que quem a viola recebe

maldições. Portanto, o homem que faz do centro da sua vida ganhar rios de dinheiro estabelece (inadvertidamente) uma aliança idolátrica com o lucro financeiro. Isso significa que o dinheiro se converte em seu senhor. Ele o levará a trabalhar em excesso e a tomar atalhos éticos com o intuito de enriquecer. E, se sua carreira profissional tornar-se incerta, esse homem se descobrirá com um profundo senso de fracasso e culpa, de que é incapaz de remediar. A razão para isso é a “maldição” lançada sobre ele por seu ídolo. Como desapontou seu “senhor” máximo, não pode fugir à sensação de absoluta inutilidade. A menos que obtenha um novo centro para sua vida e um novo “senhor”, não tem como fugir à percepção de estar amaldiçoado.

QUATRO

A SEDUÇÃO DO SUCESSO

O rápido declínio da satisfação

Madonna, a lenda *pop*, descreve a sedução do sucesso com as próprias palavras.

Tenho uma vontade intensa, e toda a minha vontade sempre foi vencer um sentimento horrível de inadequação. [...] Esforço-me ao máximo para superá-lo e me descubro um ser humano especial, então passo para outra etapa e me acho medíocre e desinteressante. [...] Isso ocorre vez após vez. Minha ambição na vida origina-se desse medo horroroso de ser medíocre. E isso está sempre me movendo, movendo-me adiante. Porque embora tenha me tornado alguém, ainda preciso provar que sou *alguém*. Minha luta nunca terminou e provavelmente jamais terminará.¹

Para Madonna, o sucesso é como uma droga que lhe dá um senso de importância e dignidade, mas a euforia acaba logo e ela precisa repetir a dose. Ela tem de provar seu valor a si mesma repetidas vezes. A força propulsora por trás disso não é a alegria, mas o medo.

No filme *Carruagens de fogo*, um dos personagens principais é um velocista que expressa com eloquência a mesma filosofia. Quando lhe perguntam por que corre, ele diz que não é por amor. “Estou mais para um viciado...”, responde. Mais tarde, antes de participar da corrida olímpica de cem metros, suspira: “Satisfação! Tenho 24 anos e jamais a conheci. Vivo eternamente em busca de algo, embora não saiba do que corro atrás. [...] Levantarei os olhos e olharei para a pista de 1,2 metro de largura, com dez solitários segundos para justificar minha existência inteira [...], mas será que conseguirei?”² Não muito antes da morte do diretor de cinema Sydney Pollack, foi publicado um artigo sobre sua incapacidade de diminuir o ritmo e desfrutar de seus anos derradeiros na companhia dos entes queridos.

Embora estivesse adoentado, e o penoso processo de filmagem o desgastasse, “não conseguiria justificar a própria existência se parasse”. Explicou: “Toda vez que termino um filme, sinto que fiz o que devia fazer no sentido de merecer minha permanência aqui por cerca de mais um ano”.³ Mas, depois, ele sentia a necessidade de começar tudo de novo.

“A realização é o álcool do nosso tempo”, diz Mary Bell, conselheira que trabalha com altos executivos. E continua:

Hoje em dia, pessoas de bem não abusam do álcool. Abusam da própria vida. [...] Você é bem-sucedido, então coisas boas acontecem. Você conclui um projeto e se sente fantástico. Essa sensação não dura para sempre e você volta ao normal. Então pensa: “Preciso iniciar um novo projeto” — o que ainda é normal. Mas você ama a sensação de euforia, então precisa experimentá-la de novo. O problema é que essa euforia não dura muito tempo. Digamos que esteja trabalhando em uma negociação e ela não é aprovada. Sua autoestima está em jogo, pois você tem adquirido valor próprio com base nas circunstâncias externas. Por fim, nesse ciclo, você desce ao nível da dor com frequência cada vez maior. Os êxtases não parecem mais tão empolgantes. Você pode acabar fechando um negócio ainda mais rentável do que aquele que lhe escapou, mas por alguma razão ele não o leva à euforia. Da próxima vez, você nem voltará ao normal, em razão do seu desespero para fechar o acordo seguinte. [...] O “vício em realização” em nada difere de qualquer outro tipo de dependência.⁴

No final, a realização não consegue responder verdadeiramente às grandes questões “Quem sou eu?”, “Qual é o meu verdadeiro valor?”, “Como enfrento a morte?”. Ela transmite a ilusão inicial de uma resposta. Uma torrente inicial de felicidade leva-nos a crer que alcançamos, sendo incluídos, aceitos e tendo provado quem somos. Contudo, a satisfação logo se dissipa.

A idolatria do sucesso

Mais que outros ídolos, o sucesso e a realização pessoais levam a uma percepção de que somos deuses, que nossa segurança e valor se baseiam em nossa própria sabedoria, força e também em nosso desempenho. Ser o melhor no que você faz, estar no auge significa não haver quem se compare a você. Você é o máximo.

Um sinal de que você fez do sucesso um ídolo é a falsa sensação de segurança que ele traz. O pobre e o marginalizado preveem o sofrimento, sabem que a vida nesta terra é “sórdida, brutal e curta”. Pessoas bem-sucedidas ficam muito mais chocadas e dominadas pelos problemas. Como pastor, sempre ouvi muita gente de alto escalão dizer o seguinte, ao enfrentar a tragédia: “Não é assim que a vida deveria ser”. Em meus anos de pastorado, nunca ouvi esse tipo de linguagem entre a classe trabalhadora e os pobres. A falsa sensação de segurança origina-se da deificação de nossa realização e da expectativa de que ela nos mantenha protegidos dos problemas da vida de um modo que só Deus consegue fazer.

Outro indicador de que você fez da realização um ídolo é que ela distorce sua visão de si mesmo. Quando suas realizações servem de base para seu valor como pessoa, elas podem levar a uma visão exagerada de suas habilidades. Certa vez, uma jornalista me contou que havia jantado com um homem de negócios muito bem-sucedido e rico. Ele dominou a conversa a noite inteira, mas a repórter percebeu que quase nada do que foi dito tinha relação com economia ou finanças, o único campo de especialização do seu interlocutor. Ao discorrer sobre *design* de interiores, escolas não mistas ou filosofia, ele agia como se suas opiniões fossem igualmente bem fundamentadas e imbuídas de autoridade. Se, para você, seu sucesso é mais do que apenas sucesso — se for a medida de seu valor — então a realização em uma área específica da vida o fará acreditar que é perito em todas as áreas. Sem dúvida, isso leva a todos os tipos de escolhas e decisões ruins. Essa visão distorcida de nós mesmos faz parte da cegueira da realidade que a Bíblia diz sempre acompanhar a idolatria (Sl 135.15-18; Ez 36.22-36).⁵

No entanto, o principal indicador de que estamos envolvidos com a idolatria do sucesso é acharmos que não conseguiremos manter nossa autoconfiança na vida a menos que permaneçamos no auge de nossa área de atuação. Chris Evert foi uma das principais tenistas das décadas de 1970 e 1980. Seu aproveitamento era o melhor entre todas as jogadoras da história. Mas pensar em aposentadoria a deixava paralisada. Ela disse o seguinte a um entrevistador:

Eu não fazia ideia de quem era ou do que poderia ser longe do tênis. Fiquei deprimida e com medo porque uma parte tão grande da minha vida havia sido definida como uma campeã do tênis. Fiquei completamente perdida. Vencer fazia-me sentir alguém. Fazia-me sentir bela. Era como depender de uma droga. Eu precisava das vitórias, do aplauso, para ter uma identidade.⁶

Um amigo meu tinha alcançado o auge da profissão, mas o vício em remédios controlados o obrigou a renunciar sua posição e ingressar em um período de reabilitação por uso excessivo de substância química. Havia se tornado dependente, em parte, por causa da expectativa de ser sempre produtivo, dinâmico, otimista e brilhante. Mas se recusava a culpar as exigências alheias por sua ruína. “Minha vida estava edificada sobre duas premissas”, disse. “A primeira era a de que eu poderia controlar sua aprovação e sua opinião sobre mim por meio de meu desempenho. A segunda era a de que *isso* era tudo o que importava na vida.”

Seria errado pensarmos que essa idolatria se aplica apenas a indivíduos. Também é possível que um grupo inteiro de profissionais se apaixone pelas próprias habilidades e programa de ação que as trate como forma de salvação. Será que cientistas, sociólogos, terapeutas e políticos reconhecem os limites do que são capazes de realizar ou se inclinam a reivindicações “messiânicas”? Deveria haver uma sóbria humildade em relação ao quanto uma política pública ou progresso tecnológico é capaz de produzir para solucionar os problemas da raça humana.

Uma cultura de competição

Nossa cultura contemporânea nos faz particularmente vulneráveis à transformação do sucesso em falso deus. Em seu livro *The homeless mind: modernization and consciousness* [A mente desprotegida: modernização e consciência], Peter L. Berger ressalta que, nas culturas tradicionais, o valor pessoal é mensurado da perspectiva da “honra”. Confere-se honra àqueles que satisfazem o papel que lhes é atribuído na comunidade, como cidadão, pai, mãe, professor ou governante. A sociedade moderna, entretanto, é individualista e fundamenta o valor na “dignidade”. Dignidade significa o

direito de cada indivíduo desenvolver a própria identidade e natureza, livre de qualquer papel ou categoria atribuídos pela sociedade.⁷ Portanto, a sociedade moderna exerce grande pressão sobre os indivíduos para que demonstrem seu valor mediante a realização pessoal. Não basta ser bom cidadão ou membro de família. Você precisa vencer, estar no topo, mostrar que é um dos melhores.

O livro de David Brooks, *On Paradise drive* [A caminho do Paraíso] descreve o que ele chama de “profissionalização da infância”. Desde os primeiros anos, uma aliança entre pais e escolas cria uma panela de pressão de competição, planejada para gerar alunos que sejam excelentes em tudo. Brooks chama isso de “mecanismo orgânico monstruoso [...] um poderoso *sucessotônico*”. A família não é mais o que Christopher Lasch um dia chamou de “refúgio em um mundo desalmado”, um contrapeso para as áreas da vida em que impera o “salve-se quem puder”.⁸ Em vez disso, ela se tornou o berçário onde o anseio por êxito começa a ser cultivado.

Essa ênfase profunda em grandes realizações está cobrando um preço alto dos jovens. Na primavera de 2009, Nathan O. Hatch, presidente da Wake Forest University, reconheceu o que muitos educadores percebem há anos: um número desproporcional de jovens adultos vem tentando ingressar nas áreas de finanças, consultoria, direito corporativo e medicina especializada em razão dos altos salários e da aura de sucesso dessas profissões. Os estudantes agiam assim sem muita informação a respeito de questões mais amplas como sentido e propósito, disse Hatch. Ou seja, escolhem profissões não em resposta à questão: “Que trabalho ajudará as pessoas a prosperar?”, mas, sim: “Que trabalho *me* ajudará a prosperar?”. Em consequência disso, há um alto grau de frustração manifesta por causa de um trabalho insatisfatório. Hatch esperava que a retração econômica entre 2008 e 2009 forçasse muitos estudantes a reconsiderar esse modo básico de escolher a profissão.⁹

Se nossa cultura inteira incentiva-nos com veemência a adotar esse deus falso, como fugir dele?

O defunto bem-sucedido

Um dos homens de mais êxito e poderosos no mundo da sua época foi Naamã, cuja história é contada na Bíblia em 2Reis 5. Ele tinha o que alguns poderiam chamar de “vida perfeita”. Comandava o exército de Arã, onde hoje fica a atual Síria. Também desempenhava a função equivalente à do primeiro-ministro da nação, já que o rei da Síria se *apoiava em sua mão* nas ocasiões formais do Estado (2Rs 5.18). Homem rico, soldado valente, era muito condecorado e honrado. No entanto, todos esses grandes feitos e habilidades esbarraram em fatores limitadores.

Naamã, comandante do exército do rei da Síria, era um homem importante e muito respeitado diante do seu senhor, porque o SENHOR havia livrado os sírios por intermédio dele. Era um guerreiro valente, porém leproso (2Rs 5.1).

Observe-se como o autor de 2Reis faz diversos elogios e menciona várias realizações, mas de repente acrescenta que, apesar de tudo isso, Naamã era um morto-vivo. A *lepra*, na Bíblia, abrangia uma diversidade de enfermidades dermatológicas fatais e devastadoras que aleijavam e desfiguravam devagar suas vítimas até matá-las. A palavra tinha a mesma gravidade que *câncer* tem hoje. O corpo de Naamã passava por uma explosão em câmera lenta. Ele inchava, sua pele e ossos se partiriam e se desprenderiam por etapas enquanto ele morria aos poucos. Naamã tinha tudo — riqueza, habilidade atlética, aclamação popular — mas sob todas essas coisas ele estava literalmente caindo aos pedaços.

Uma das principais motivações por trás do impulso pelo sucesso é a esperança de entrar na “roda interna”. C. S. Lewis foi perspicaz ao escrever sobre esse assunto em um de seus ensaios mais famosos.

Não creio que as motivações econômica e erótica sejam as únicas responsáveis pelo que ocorre no mundo. É um desejo ardente [...] um anseio por estar por dentro [que] assume várias formas. [...] Você quer [...] o conhecimento prazeroso que só nós quatro ou cinco temos — somos as pessoas que (realmente) *sabem*. [...] Enquanto for governado por esse desejo, jamais estará satisfeito. Até vencer o medo de ficar de fora, alguém de fora você será...

O que Lewis quer dizer com “alguém de fora você será”? Naamã tinha sucesso, dinheiro e poder, mas era leproso. Supõe-se que êxito, riqueza e poder tornem você uma pessoa totalmente de *dentro*, acolhida nos círculos sociais mais exclusivos e nas rodas internas. Contudo, a natureza contagiosa da doença de pele de Naamã fizera dele um forasteiro. Todo seu sucesso era inútil, uma vez que não podia superar sua alienação social e o desespero emocional.

Nesse sentido, a história de Naamã funciona como uma parábola. Muitas pessoas correm atrás do sucesso como forma de superar a impressão de ser, de algum modo, “de fora”. Se o alcançam, acreditam que o êxito lhes abrirá as portas dos clubes, dos ambientes sociais, dos relacionamentos com gente conectada e influente. Afinal, imaginam, serão acolhidas por todas as pessoas realmente importantes. O sucesso promete isso, mas, no fim, é incapaz de cumprir. A lepra de Naamã representa a realidade de que o sucesso não tem como entregar a satisfação que procuramos. Muitas das pessoas mais bem-sucedidas testificam ainda se sentirem “por fora” e de ter dúvidas em relação a si próprias.

Procurando nos lugares errados

Numa das suas investidas militares, os sírios haviam levado cativa uma menina da terra de Israel, que passou a servir à mulher de Naamã. Ela disse à sua senhora: Quem me dera o meu senhor procurasse o profeta que está em Samaria! Ele o curaria da sua lepra (2Rs 5.2,3).

A mulher de Naamã tinha uma escrava que falou com ele sobre um grande profeta em Israel. Desesperado o suficiente para apegar-se ao mínimo de esperança que lhe dessem, Naamã partiu para Israel, em busca da cura por meio de Eliseu. Levou consigo “dez talentos de prata, seis mil siclos de ouro e dez peças de roupas finas”, bem como uma carta de referência do rei da Síria para o rei de Israel que dizia: “Assim que esta carta chegar a ti, saberás que te enviei meu servo Naamã, para que o cures da lepra” (2Rs 5.5,6). Logo foi ao encontro do rei de Israel, entregando-lhe a carta e oferecendo dinheiro. Esperava que, por causa de sua riqueza e da carta, o rei de Israel

ordenaria ao profeta que o curasse, permitindo-lhe retornar para casa com saúde.

Naamã esperava obter a cura pelas cartas de máxima recomendação endereçadas de um rei a outro. Pensou que poderia usar o próprio sucesso para lidar com seus problemas. Não entendia que algumas coisas só Deus pode fazer. A escrava lhe dissera apenas para “ver o profeta em Israel”, indo diretamente ao profeta e suplicando pela cura. Isso não correspondia à visão que Naamã tinha do mundo. Em vez disso, ajuntou um valor enorme para pagamento, apresentou uma carta de recomendação da fonte mais elevada possível e procurou o homem mais poderoso de Israel, o rei. No entanto, o monarca israelita não ficou contente.

Quando o rei de Israel leu a carta, rasgou suas roupas e disse: Por acaso sou Deus, que pode matar ou dar vida, para que ele me envie um homem a fim de que eu o cure da lepra? Vede como busca um pretexto para me atacar (2Rs 5.7).

Naamã e o rei sírio acreditavam que a religião em Israel funcionava como em quase todas as nações da época e em muitas nações de hoje. Achavam que ela era uma espécie de controle social. O princípio em operação é o seguinte: se você vive de modo correto, os deuses ou Deus terão de abençoá-lo e lhe dar prosperidade. Nada mais natural, então, que presumir que as pessoas mais bem-sucedidas em uma sociedade fossem aquelas mais próximas de Deus. Seriam essas as pessoas que conseguiriam obter o que desejassem de Deus. Por isso, a religião tradicional sempre espera que os deuses atuem por meio do indivíduo bem-sucedido, e não por meio de quem está de fora, os fracassados. Essa é a razão por que Naamã foi diretamente ao rei.

O rei de Israel, contudo, rasga suas roupas quando lê a carta. Sabe que o rei sírio não entenderá que o Deus de Israel é diferente, e que ele, rei, não tem como ordenar a cura de Naamã. O Deus de Israel não se deixa controlar, não pode ser comprado nem apaziguado. Os deuses das religiões podem ser controlados. Se lhes oferecermos nosso trabalho duro e devoção, ficam em dívida conosco. Entretanto, o Deus de Israel não pode ser

abordado dessa maneira. Independente do que nos conceda, sempre é um dom da graça.

Quando o rei de Israel bradou: “Sou um deus? Posso matar e trazer à vida?”, ele tocou no cerne do problema de Naamã, que havia feito do sucesso um ídolo. Esperava que, com base em sua realização, pudesse aproximar-se das pessoas com seu “sucesso” todo e conseguir tudo o que necessitasse. Mas realização, dinheiro e poder não podem “matar ou dar vida”.

Quanto mais estudo esse texto ao longo dos anos, mais admiro Naamã. Ele era uma pessoa boa e talentosa de verdade. Mas isso só serve para mostrar que a melhor pessoa do mundo não tem a menor ideia de que maneira buscar a Deus. Não sejamos rígidos demais com ele. Naamã mexe seus pauzinhos, cita nomes, gasta um monte de dinheiro e alcança o auge. Se é assim que se lida com todos os seres humanos importantes, então, por que não lidar com Deus da mesma maneira? Mas o Deus da Bíblia não é assim. Naamã está à procura de um Deus domesticado, mas este é um Deus indomável. Ele busca um Deus que possa tornar seu devedor, mas este é um Deus de graça, a quem todos são devedores. Naamã está buscando um Deus particular, um Deus para você, mas não para todos. Mas esse é o Deus de todo o mundo, quer o reconheçamos, quer não.

Algo difícil

Quando Eliseu, o homem de Deus, ouviu que o rei de Israel havia rasgado as roupas, mandou dizer ao rei: Por que rasgaste as roupas? Envia-o a mim e saberás que há profeta em Israel. Naamã foi com os seus cavalos e com o seu carro e parou na entrada da casa de Eliseu (2Rs 5.8,9).

Naamã foi à casa de Eliseu e o que viu e ouviu ali o surpreendeu. Aparentemente insensível à honra prestada a ele, o profeta não foi até a porta. Limitou-se a mandar seu servo falar com Naamã. A segunda surpresa foi a própria mensagem.

Vai, lava-te sete vezes no Jordão. Tua pele será restaurada e ficarás purificado. Porém Naamã retirou-se indignado, dizendo: Eu tinha certeza de que ele viria me encontrar, invocaria em pé o

nome do SENHOR, seu Deus, colocaria a mão sobre as feridas e me curaria da lepra. Por acaso os rios Abana e Farpar de Damasco não são melhores do que todas as águas de Israel? Eu não poderia me lavar neles e ficar purificado? E foi embora indignado. Porém seus servos foram até ele e lhe disseram: Meu pai, se o profeta tivesse te mandado fazer algo difícil, não o terias feito? Quanto mais se ele apenas diz: Lava-te e ficarás purificado (2Rs 5.10-13).

Naamã esperava que Eliseu pegasse o dinheiro e realizasse algum ritual de magia. Ou, pensou ele, se Eliseu não aceitasse o dinheiro, ao menos exigiria que Naamã fizesse “algo difícil” para merecer a cura. Em vez disso, foi-lhe pedido para simplesmente ir e mergulhar sete vezes no rio Jordão. Diante disso, ele foi embora indignado.

Por quê? De novo, a cosmovisão inteira de Naamã consistia em ser desafiado. Ele acabara de descobrir que esse Deus não é uma extensão da cultura, mas alguém que a transformava; não um deus controlável, mas um Senhor soberano. Agora Naamã estava sendo confrontado por um Deus que só atua com base na graça em suas relações com os seres humanos. Ninguém pode controlar o verdadeiro Deus porque ninguém é capaz de conquistar, merecer ou alcançar a bênção e salvação concedidas por ele. Naamã indignou-se por achar que lhe seria pedido para fazer algo grandioso, por assim dizer, algo como trazer de volta a vassoura da Bruxa Má do Oeste ou devolver o anel do poder à Montanha da Perdição. Essas seriam exigências condizentes com sua autoimagem e cosmovisão. Mas a mensagem de Eliseu fora um insulto. “Qualquer idiota, qualquer criança, qualquer um pode descer e nadar cachorrinho no Jordão”, pensou Naamã. “Isso não requer *de forma alguma* habilidade ou realização!”. Exato. Isso é uma salvação para todos, bons ou maus, fracos ou fortes.

Até Naamã aprender que Deus era um Deus de graça, cuja salvação não pode ser obtida, apenas recebida, permaneceria escravo de seus ídolos. Continuaria a usá-los para conquistar segurança e significado que esses ídolos não podiam produzir. Somente se compreendesse a graça de Deus, Naamã veria que seus sucessos eram, em última análise, dons de Deus. Sim, Naamã despendera muita energia para alcançá-los, mas só conseguira graças aos talentos, às habilidades e às oportunidades que Deus lhe tinha

concedido. Dependera da graça de Deus a vida toda, mas não enxergava isso.

“Lava-te apenas”, portanto, era uma ordem difícil por ser fácil demais. Para executá-la, Naamã tinha de admitir sua impotência e fraqueza e receber sua salvação como um dom gratuito. Se você deseja a graça de Deus, tudo de que precisa é da necessidade, tudo de que necessita é nada. Mas esse tipo de humildade espiritual é difícil de expressar. Dirigimo-nos a Deus dizendo: “Veja tudo o que tenho feito”, ou talvez: “Veja tudo o que tenho sofrido”. Deus, no entanto, quer que olhemos para ele — somente para nos lavarmos.

Naamã precisava aprender a “abandonar seu feito mortal”. A expressão vem de um antigo hino:

Abandona teu “fazer” mortal
aos pés de Jesus.
Apoia-te nele, somente nele,
gloriosamente completo.

A pequena serva sofredora

Em cada parte da Bíblia, os escritores se esforçam para enfatizar que a graça e o perdão divinos, embora gratuitos para quem os recebe, sempre custam um alto preço para quem os concede. Desde as partes iniciais da Bíblia, entendia-se que Deus não podia perdoar sem sacrifício. Ninguém que sofre ofensa séria consegue “simplesmente perdoar” o ofensor. Se lhe roubaram dinheiro, oportunidade ou felicidade, você pode exigir que o malfeitor lhe restitua ou perdoá-lo. Mas quando perdoa, significa que *você* absorve a perda e o débito. Você mesmo os carrega. Por isso, todo perdão custa caro.¹⁰

É notável a frequência com que as narrativas bíblicas fazem referência a esse princípio básico. Essa história também teve alguém obrigado a suportar o sofrimento com paciência e amor, a fim de que Naamã recebesse a bênção. Refiro-me a uma personagem da narrativa que entrou e saiu tão rápido que mal se consegue percebê-la. No entanto, em certo sentido, ela

foi a personagem mais importante da história. Quem era? A escrava da esposa de Naamã, capturada durante um ataque militar dos sírios. Na melhor das hipóteses, isso significa que sua família havia sido feita cativa e todos tinham sido vendidos. Na pior, significa que eles tinham sido mortos diante dos olhos dela. Quando a encontramos nessa história, ela está no fundo do fundo da estrutura social síria. Trata-se de uma forasteira no que diz respeito à raça, de uma escrava, de uma mulher — e jovem, provavelmente entre doze e quatorze anos. Resumindo, sua vida está arruinada por completo. E quem é responsável por isso? O marechal de campo Naamã, comandante militar supremo. No entanto, como ela reage ao descobrir que seu maior inimigo foi acometido de lepra?

Se nos dispormos a alcançar o topo, mas, em vez disso, descobrimo-nos no primeiro degrau da escada, isso geralmente nos levará a grande ceticismo e amargura. Procuraremos desesperados a nossa volta pessoas a quem culpar por nossos fracassos. Podemos até nos deixar levar por fantasias de vingança. Todavia, a pequena escrava não caiu nessa armadilha. Por acaso ela disse: “Ah! Lepra! Vi mais um dedinho cair hoje! Oh, dançarei sobre seu túmulo!”? Não, nada disso. Veja as palavras que ela usou — “Quem me dera o meu senhor procurasse o profeta!”. Há empatia e preocupação nessas palavras. Devia ser sincera sua vontade de aliviar-lhe o sofrimento e salvá-lo. Não havia outra razão para lhe falar sobre o profeta. Pense bem. Naamã agora estava nas mãos dela. O que ela sabia podia salvá-lo, e, ao esconder a informação, poderia fazê-lo sofrer terrivelmente. Podia fazê-lo pagar por seus pecados. Fazer com que *ele* suportasse o preço por aquilo que lhe fizera. Naamã a maltratara, e agora ela tinha como maltratá-lo.

Contudo, não fez isso. Essa heroína bíblica desconhecida recusou-se a aliviar o próprio sofrimento fazendo Naamã pagar por ele. Ela agiu como a Bíblia inteira nos ordena. Não buscou vingança; confiou em Deus para ser o juiz de tudo aquilo. Perdoou Naamã e tornou-se veículo de sua cura e salvação. Confiou em Deus e suportou o sofrimento com paciência. Como Dick Lucas, pregador britânico, certa vez disse a seu respeito: “Ela pagou o

preço de ser útil”. Sofreu e perdoou sem saber o quanto Deus usaria seu sacrifício.¹¹

O grande Servo Sofredor

Esse tema bíblico, isto é, de que o perdão sempre exige um servo sofredor, tem seu clímax em Jesus, quando ele cumpre as profecias do Servo Sofredor que virá para salvar o mundo (Is 53). Apesar de ter vivido em alegria e glória com o Pai, perdera tudo. Tornou-se um ser humano, um servo, e sujeitou-se a açoites, prisão e morte. Ao olhar da cruz para baixo, para os supostos amigos, com alguns a negá-lo, alguns a traí-lo e outros a abandoná-lo, ele pagou o preço. Perdoou-os e morreu na cruz por eles. Na cruz vemos Deus fazendo, no plano cósmico, o que todos precisamos fazer ao perdoarmos. Nela, Deus absorveu o castigo e a dívida pelo pecado. Pagou-a de modo que não tivéssemos de fazê-lo.

Não escaparemos de nossa idolatria do sucesso simplesmente impondo-nos severa repreensão por isso. No fim da década de 1990, pouco antes do colapso da internet e de 11 de setembro de 2001, a ênfase excessiva no sucesso e no materialismo foi exposta em um artigo de Helen Rubin para a revista *Fast Company*.

De todos os assuntos pelos quais estamos obcecados [...] o sucesso é aquele sobre o qual mais mentimos — que o sucesso e seu primo dinheiro nos deixarão seguros, que o sucesso e seu primo poder nos farão importantes, que o sucesso e sua prima fama nos farão felizes. Chegou a hora da verdade: Por que as pessoas mais inteligentes, mais talentosas, mais bem-sucedidas da nossa geração estão flertando com o desastre em números recordes? As pessoas estão usando todos os seus meios para conseguir dinheiro, poder e glória — e depois se autodestroem. Talvez nunca tenham desejado nada disso em primeiro lugar! Ou não gostaram do que viram quando enfim o alcançaram.¹²

Não muito tempo depois que esse artigo foi escrito, à luz da leve recessão entre 2000 e 2001, houve muita choradeira semelhante relacionada à maneira que nossa cultura se tornara viciada em sucesso. Quando aprenderíamos que temos feito do sucesso e seus “primos” deuses da nossa sociedade? Então os ataques de 11 de setembro de 2001 aconteceram e a

mídia anunciou o “fim da ironia”. Agora, dizia-se, retornaremos aos valores mais tradicionais do trabalho duro, das expectativas modestas e da gratificação adiada. Nada parecido aconteceu. Entre 2008 e 2009, quando a economia global entrou em colapso; ficou claro que nossa cultura havia retornado a seu vício.

O ídolo do sucesso não pode ser simplesmente expulso; precisa ser substituído. O desejo do coração humano por um objeto particular de valor pode ser superado, mas a necessidade que o coração tem de possuir *algum* objeto assim é insuperável.¹³ Como podemos interromper a obsessão do nosso coração por fazer “algo difícil” a fim de nos curarmos do nosso senso de inadequação, a fim de dar sentido a nossa vida? Só quando virmos o que Jesus, nosso grande Servo Sofredor, fez por nós enfim entenderemos por que a salvação divina não exige “algo difícil” de nós. Não temos essa obrigação porque Jesus já a satisfaz. Por isso, podemos “simplesmente lavarmo-nos”. Jesus fez tudo por nós e nos ama — eis como sabemos que nossa existência está justificada. Quando cremos com a mente no que ele realizou em nosso favor e nos comovemos no coração pelo que ele fez por nós, o vício do sucesso a todo custo começa a ser destruído por completo.

O fim da idolatria

Naamã humilhou-se e entrou no Jordão. Os resultados foram impressionantes.

Então ele desceu e mergulhou no Jordão sete vezes, conforme a palavra do homem de Deus; e a sua pele tornou-se como a pele de um menino, e ficou purificado. Então ele voltou ao homem de Deus com toda a sua comitiva. Ao chegar diante dele, disse: Agora sei que em toda a terra não há Deus, a não ser em Israel; peço-te agora que recebas um presente do teu servo. Porém Eliseu respondeu: Tão certo como vive o SENHOR, a quem cultuo, não o receberei. Naamã insistiu com ele para que o recebesse, mas ele se recusou a recebê-lo (2Rs 5.14-16).

A história bíblica da salvação ataca nossa adoração ao sucesso do início ao fim. Para ser curado, Naamã teve de aceitar a palavra de uma serva e, mais tarde, de um servo de Eliseu e, por fim, dos próprios servos. Na época, essas

peças eram tratadas por indivíduos poderosos e de alta posição como um animal de estimação ou uma besta de carga. Deus, no entanto, enviou sua mensagem de salvação por meio deles. A resposta não veio do palácio, mas das acomodações dos escravos! Certamente, o exemplo supremo desse tema é o próprio Jesus Cristo. Ele veio não para Roma ou Alexandria ou China, mas para uma colônia atrasada. Nasceu não em um palácio, mas em uma manjedoura, dentro de um estábulo.

Busca não em cortes e em palácios,
nem recolhe as cortinas reais —
mas vasculha o estábulo e vê teu Deus
estendido sobre a palha.

— William Billings

Ao longo de todo o ministério de Jesus, os discípulos lhe perguntavam: “Quando o senhor tomará o poder? Quando vai parar de confraternizar-se com gente simples? Quando começará a estabelecer sua rede de contatos e a levantar fundos? Quando se candidatará a um cargo no governo? Quando serão as primárias? Quando será nossa primeira aparição na TV?”. Em vez disso, Jesus serviu humildemente e, depois, foi torturado e morto. Mesmo quando ressuscitou dos mortos, apareceu primeiro a mulheres, gente que na época não desfrutava de posição alguma. A salvação de Jesus é recebida não pela força, mas pela admissão de fraqueza e necessidade. E a salvação de Jesus foi alcançada não pela força, mas mediante entrega, serviço, sacrifício e morte. Essa é uma das grandes mensagens da Bíblia: Deus escolhe as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes, as tolas e desprezadas para envergonhar as sábias e até as que não são para reduzir a nada as que são (1Co 1.29-31). É assim que Deus faz.

¹ Lynn Hirshberg, “The misfit”, *Vanity Fair* (April 1991), vol. 54, n. 4, p. 160-9, 196-202.

² Ben Cross, ator que interpreta o medalhista de ouro de 1924 Harold Abrahams, enuncia essas palavras no filme. Não seria justo atribuir essas motivações ao próprio Harold Abrahams. Mas o autor do roteiro retratou com perfeição a vida interior de muita gente ambiciosa, orientada para o sucesso.

³ Artigo disponível em: <https://www.iol.co.za/entertainment/whats-on/cape-town/pollack-adds-gnitz-to-his-gravitas-928427>.

4 Harriet Rubin, “Success and excess”, disponível em: <http://www.fastcompany.com/node/35583>. Trata-se de edição online de versão impressa em 28 de março de 2009.

5 Veja o estudo extenso sobre esse assunto em formato de livro: Edward P. Meadors, *Idolatry and the hardening of the heart* (London/New York: T&T Clark, 2006).

6 *Good Housekeeping*, October 1990, p. 87-8.

7 Peter L. Berger; Brigitte Berger; Hansfield Kellner, *The homeless mind: modernization and consciousness* (New York: Penguin, 1974), p. 89.

8 As citações de David Brooks e Christopher Lasch são extraídas de Nathan O. Hatch, “Renewing the wellsprings of responsibility”, discurso proferido para o Council of Independent Colleges, Indianapolis, em 12 mar. 2009.

9 “Renewing the wellsprings of responsibility”.

10 Para uma análise mais aprofundada sobre esse assunto, veja o capítulo “The cross”, em *The reason for God* (New York: Dutton, 2007) [edição em português: *A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus*, tradução de Regina Lyra (São Paulo: Vida Nova, 2015)].

11 Não devemos concluir com base nessa história da escrava que perdoa seu senhor que temos de nos submeter à opressão e à injustiça em atitude passiva. O chamado bíblico ao perdão e à busca pela justiça não são mutuamente excludentes, mas complementares. Miroslav Volf, em seus livros *Exclusion and embrace* (Nashville: Abingdon, 1996) e *The end of memory: remembering rightly in a violent world* (Grand Rapids: Eedrmans, 2006) [edição em português: *O fim da memória: interrompendo o ciclo destrutivo das lembranças dolorosas*, tradução de Almiro Pissetta (São Paulo: Mundo Cristão, 2009)], apresenta uma argumentação robusta de que é necessário perdoar os opressores a fim de verdadeiramente buscar a justiça. Se você não for capaz de realizar o trabalho interior de perdoar, buscará vingança pessoal excessiva, e não justiça verdadeira, e, assim, de modo paradoxal, permanecerá oprimido. Será arrastado para o ciclo infinito das retribuições violentas. Mesmo nos relacionamentos que não envolvem violência física, mas são simplesmente injustos, você não fará um bom trabalho de confrontação e correção dos ofensores a menos que primeiro os perdoe em seu coração. Se não perdoar o ofensor, você se excederá na confrontação. Buscará não a justiça ou a mudança, mas apenas infligir dor. Suas exigências serão excessivas, e sua atitude, abusiva. O ofensor verá a confrontação como tendo o único propósito de causar dor. Um ciclo de retaliação se iniciará. Só quando tiver abandonado a necessidade interior de ver a outra pessoa sofrer, você terá alguma possibilidade de realmente produzir justiça, transformação e cura.

12 Extraído do parágrafo introdutório da versão impressa de “Success excess”, *Fast Company*, October, 1998. Versões atuais do artigo, agora online, passaram por revisão.

13 Resumo de um parágrafo do famoso sermão *The expulsive power of a new affection* (disponível em diversos endereços da internet), de Thomas Chalmers, ministro escocês do século 19. O parágrafo inteiro diz: “É desse modo que o menino deixa finalmente de ser escravo de seu apetite; mas isso ocorre porque uma inclinação mais varonil agora subjugou esse apetite e o jovem deixou de idolatrar o prazer, e porque o ídolo da riqueza tornou-se mais forte e alcançou supremacia; porém, até o amor ao dinheiro deixa de controlar o coração de muitos cidadãos prósperos, e isso ocorre porque, arrastado para dentro do turbilhão da constituição política da cidade, outro pendor foi forjado em seu sistema moral, e o indivíduo próspero agora é dominado pelo amor ao poder. Em nenhuma dessas transformações o coração permanece sem um objeto. Seu desejo por um objeto particular pode ser superado; mas quanto ao desejo de ter algum objeto, esse é insuperável”.

CINCO

O PODER E A GLÓRIA

Um mundo possuído

Pouco antes de a Europa mergulhar na Segunda Guerra Mundial, o historiador holandês Johan Huizinga escreveu: “Vivemos em um mundo possuído. E sabemos disso”.¹ Os nazistas alegavam fomentar um profundo amor pelo país e pelo povo. No entanto, de alguma forma, enquanto buscavam esse “amor pelo país”, seu patriotismo tornou-se demoníaco e destrutivo. No fim, o nazismo alcançou exatamente o oposto do que pretendia — vergonha sem fim, ao invés de honra nacional.

Em 1794, Maximilien de Robespierre, líder da Revolução Francesa, disse na Convenção Nacional: “Qual é o objetivo que buscamos? O desfrute pacífico da liberdade e da igualdade. [...] O terror nada mais é que a justiça célere, severa, inflexível”.² Todavia, seu “reinado do terror” foi de uma injustiça tão terrível que o próprio Robespierre tornou-se bode expiatório e foi guilhotinado sem julgamento. Evidentemente, “liberdade e igualdade” são grandes benefícios, mas, de novo, algo deu terrivelmente errado. Um princípio nobre ficou “possesso”, enlouquecido e, por fim, efetuou o oposto da justiça que os revolucionários buscavam.

O que aconteceu? Idolatria. Quando o amor por seu povo se torna um absoluto, ele se converte em racismo. Quando o amor à igualdade se torna algo supremo, isso pode resultar em ódio e violência contra qualquer um que tenha uma vida privilegiada. É a tendência consolidada nas sociedades humanas de transformar boas causas políticas em deuses falsos. Conforme mencionamos, Ernest Becker escreveu que, em uma sociedade que tem perdido a realidade de Deus, muita gente se voltará para o amor romântico

a fim de que ele lhes dê a satisfação um dia encontrada na experiência religiosa. Nietzsche, contudo, acreditava que o dinheiro substituiria Deus. Mas há outro candidato a preencher esse vazio espiritual. Também podemos nos voltar para a política. Podemos ver nossos líderes políticos como “redentores”, nossa orientação política como uma doutrina de salvação, e converter nosso ativismo político em uma espécie de religião.

Os indicadores de idolatria política

Um dos indicadores de que um objeto está funcionando como um ídolo é quando o medo se torna uma das principais características da vida. Se estabelecermos o ídolo no centro da nossa vida, nós nos tornaremos dependentes dele. Se nosso deus falso for ameaçado de alguma forma, nossa reação será o pânico total. Não diremos: “Que vergonha, como é difícil”, mas, sim: “É o fim! Não há esperança!”.

Essa pode ser a razão por que hoje tanta gente reage às tendências políticas nos EUA de maneira tão extremada. Se um dos dois partidos ganha uma eleição, certa porcentagem do lado perdedor fala claramente em deixar o país. Ficam ansiosos e temerosos em relação ao futuro. Depositaram em seus líderes políticos e na política o tipo de esperança que outrora havia sido depositado em Deus e na obra do evangelho. Quando seus líderes políticos ficam fora do poder, experimentam uma espécie de morte. Acreditam que, se a política *deles* e o *seu* pessoal não estiver no poder, tudo ruirá. Recusam-se a admitir o quanto têm em comum com o outro partido; em vez disso, concentram-se nos elementos de discordância. Os aspectos controversos ofuscam tudo o mais, e um ambiente tóxico é criado.

Outro indicador de idolatria em nossa política é que os oponentes nunca estão equivocados, mas são sempre maus. Após a última eleição presidencial, minha mãe, aos 84 anos, comentou: “Antigamente, quem quer que fosse eleito, mesmo não sendo aquele em quem votamos, ainda era nosso presidente. Esse parece não ser mais o caso”. Depois de cada eleição,

há agora um número significativo de pessoas que vê o novo presidente como alguém a quem falta legitimidade moral. As crescentes polarização e amargura políticas que hoje testemunhamos nos Estados Unidos são um sinal de que convertemos o ativismo político em uma forma de religião. Como a idolatria produz medo e demonização?

O filósofo holandês-canadense Al Wolters ensinou que, na visão bíblica das coisas, o principal problema na vida é o pecado, e a única solução, Deus e sua graça. A alternativa a essa visão consiste em identificar algo além do pecado como o principal problema do mundo e algo além de Deus como o principal remédio. Demoniza-se assim algo que não é completamente mau, e transforma-se em ídolo algo que não pode ser o bem supremo. Escreve Wolters:

O grande perigo é destacar algum aspecto ou fenômeno da criação perfeita de Deus e identificá-lo como o vilão no drama da vida humana, em lugar da intromissão hostil do pecado. [...] Esse “algo” tem sido identificado de diversas maneiras como [...] o corpo e suas paixões (Platão e grande parte da filosofia grega), a cultura em oposição à natureza (Rousseau e o Romantismo), a autoridade institucional, especialmente no Estado e na família (grande parte da psicologia profunda), a tecnologia e as técnicas administrativas (Heidegger e Ellul). [...] A Bíblia é singular em sua rejeição intransigente de todas as tentativas de [...] identificar parte da criação como a vilã ou a salvadora.³

Isso explica os constantes ciclos políticos de esperanças exageradas e desilusão, o discurso político cada vez mais tóxico e o medo e o desespero desproporcionais quando o partido político de um indivíduo perde o poder. Mas *por que* deificamos e demonizamos causas e ideias políticas? Reinhold Niebuhr respondeu que, na idolatria política, fazemos da obtenção do poder um deus.

A idolatria do poder

Reinhold Niebuhr foi um importante teólogo americano de meados do século 20. Ele acreditava que todos os seres humanos lutam contra um sentimento de dependência e impotência. A primeira tentação no jardim do Éden foi um ressentimento dos limites que Deus nos impusera (“... não

comerás da árvore...”, Gn 2.17) e a busca de sermos “como Deus” tomando o poder sobre nosso destino. Cedemos a essa tentação e agora ela faz parte da nossa natureza. Em vez de aceitarmos nossas finitude e dependência de Deus, procuramos desesperadamente maneiras de assegurar-nos de que ainda temos poder sobre nossa vida. Mas isso é uma ilusão. Niebuhr acreditava que essa insegurança cósmica cria um “desejo de poder” que domina nossas relações sociais e políticas.⁴ Ele observou duas maneiras em que isso acontece.

Primeiramente, disse Niebuhr, o orgulho de um povo é algo bom, mas quando o poder e a prosperidade da nação se transformam em absolutos incondicionais a deter todas as outras preocupações, então a violência e a injustiça podem ser perpetradas sem questionamentos.⁵ Quando isso acontece, o estudioso holandês Bob Goudzwaard escreve:

... o fim justifica indiscriminadamente todos os meios. [...] Desse modo, o objetivo de prosperidade material da nação se torna um ídolo quando o usamos para justificar a destruição do ambiente natural ou para permitir o abuso de indivíduos ou classes de pessoas. O objetivo de segurança militar da nação se torna um ídolo quando o utilizamos para justificar a remoção de direitos de livre expressão e processo judicial, ou o abuso de uma minoria étnica.⁶

Niebuhr acreditava que nações inteiras tinham “egos” corporativos e, como os indivíduos, as nações podiam ter complexos de superioridade e de inferioridade. Um exemplo do primeiro complexo seria a maneira que a autoimagem orgulhosa da América como “a terra dos livres” cegou a maioria das pessoas para seu racismo hipócrita direcionado contra os afro-americanos. Uma sociedade também pode desenvolver o senso de inferioridade e passar a ser agressiva e beligerante. Tendo escrito seu livro em 1941, nada mais fácil para Niebuhr que identificar a Alemanha nazista como exemplo dessa forma de idolatria do poder. A humilhação alemã depois da Primeira Guerra Mundial deixou toda a sociedade ávida por provar seu poder e superioridade ao mundo.⁷

Não é fácil estabelecer uma linha exata entre a atribuição de valor a alguma coisa e a atribuição a ela de valor absoluto. De igual modo, não há maneira exata de definir o momento em que o patriotismo torna-se racismo, opressão e imperialismo. Todavia, ninguém nega que nações têm

resvalado com frequência nessa ladeira escorregadia. Rir de todas as expressões de patriotismo, como se fossem malignas em si, não resolve. Como vimos até aqui, ídolos são coisas boas e necessárias que se tornam deuses. C. S. Lewis escreveu com sabedoria a esse respeito:

É um erro pensar que alguns dos nossos ímpetos — digamos, o amor maternal ou o patriotismo — são bons, e outros, como sexo ou o instinto de luta, maus. [...] Há situações em que é dever de um homem casado estimular o próprio impulso sexual e de um soldado incitar seu instinto de luta. Também há ocasiões em que o amor da mãe pelos filhos, ou o amor do homem por seu país, precisam ser reprimidos ou levarão à injustiça para com os filhos e os países alheios.⁸

Transformando uma filosofia em ídolo

Niebuhr reconheceu outra forma de “desejo de poder”. Você faz de sua filosofia política, não de seu povo, uma fé salvadora. Isso ocorre quando a política se torna “ideológica”.

A palavra *ideologia* pode ser empregada para fazer referência a um conjunto de ideias acerca de um assunto, mas também pode ter uma conotação negativa mais próxima de sua prima, a *idolatria*. Uma ideologia, como o ídolo, é uma explicação limitada e parcial da realidade que se eleva ao plano de última palavra sobre as coisas. Os ideólogos acreditam que sua escola ou seu partido tem a resposta verdadeira e completa para os problemas da sociedade. Acima de tudo, as ideologias ocultam de seus partidários a dependência que têm de Deus.⁹

O exemplo mais recente de uma ideologia importante que fracassou é o comunismo. Durante quase cem anos, um grande número de pensadores ocidentais depositou expectativas elevadas no que um dia foi chamado de “socialismo científico”. Mas, desde o fim da Segunda Guerra Mundial até a queda do Muro de Berlim, em 1989, essas crenças ruíram. C. E. M. Joad foi um influente filósofo agnóstico britânico que se voltou para o cristianismo após a Segunda Guerra Mundial. No livro *The recovery of belief* [A restauração da crença], ele escreveu:

A visão do mal implícita no marxismo, expressa por Shaw e sustentada pela psicoterapia moderna, que considera o mal como subproduto das circunstâncias, portanto capaz de ser alterado e até

eliminado pelas circunstâncias, acabou parecendo insuportavelmente superficial [à luz da Segunda Guerra Mundial e das atrocidades nazistas e stalinistas]. [...] Por termos rejeitado a doutrina do pecado original, nós, da esquerda, vivíamos sendo desapontados [...] pelo fracasso do socialismo verdadeiro em ser bem-sucedido, pelo comportamento de nações e políticos [...] acima de tudo, pelo fato recorrente da guerra.¹⁰

Uma das obras fundamentais que surgiu nessa época foi um livro escrito por vários comunistas e socialistas desiludidos, incluindo Arthur Koestler e André Gide, intitulado *The god that failed* [O deus que fracassou].¹¹ O título diz tudo, descrevendo como uma ideologia política pode fazer promessas absolutas e exigir total comprometimento de vida.

Na esteira do colapso do socialismo, o pêndulo oscilou rumo à adoção do capitalismo de livre mercado como a melhor solução para lidar com os problemas recorrentes da pobreza e da injustiça. Muitos diriam hoje que essa é a nova ideologia dominante. De fato, um dos documentos que constituem a fonte do capitalismo moderno, *A riqueza das nações*, de Adam Smith, parecia deificar o livre mercado ao argumentar que este é uma “mão invisível” que, ao ser deixado com as rédeas soltas, conduz de forma automática o comportamento humano em direção ao que é mais benéfico para a sociedade, sem nenhuma dependência de Deus ou de um código moral.¹² É cedo demais para ter certeza, mas pode ser que, à luz da enorme crise financeira entre 2008 e 2009, venha a ocorrer a mesma deslealdade para com o capitalismo que aconteceu com o socialismo uma geração antes. Uma onda de livros populares¹³ e acadêmicos,¹⁴ seculares¹⁵ e religiosos,¹⁶ tem surgido e revelado a natureza ideológica do capitalismo de mercado recente. Alguns apresentam até variações no título para “o deus que fracassou”, uma vez que se tem atribuído aos mercados livres poder semelhante ao de um deus para nos fazer felizes e livres.¹⁷

Niebuhr argumentou que o pensamento humano sempre eleva *algum* valor ou objeto finito à condição de “A Resposta”.¹⁸ Desse modo, sentimos que somos pessoas capazes de consertar coisas, que tudo o que se nos opõe é tolo ou maligno. Mas, como acontece com todas as idolatrias, isso também nos cega. No marxismo, o Estado poderoso se torna o salvador, e os capitalistas são demonizados. No pensamento econômico conservador, os

mercados livres e a competição resolverão nossos problemas, portanto os progressistas e o governo são os obstáculos a uma sociedade feliz.

A realidade é bem menos simplista. Estruturas tributárias muito progressistas podem produzir uma espécie de injustiça, em que as pessoas que trabalharam duro ficam sem recompensas e são penalizadas por impostos altos. Uma sociedade de impostos baixos e poucos benefícios, contudo, produz um tipo diferente de injustiça, em que filhos de famílias com condições de pagar um bom plano de saúde e uma educação de elite têm oportunidades imensamente melhores do que os que não têm. Resumindo, os ideólogos são incapazes de admitir que sempre há efeitos colaterais importantes para *qualquer* programa político. Eles não conseguem admitir que seus oponentes também têm boas ideias.

Em qualquer cultura em que Deus está em grande medida ausente, o sexo, o dinheiro e a política ocuparão a lacuna para diferentes pessoas. Essa é a razão por que nosso discurso político é cada vez mais ideológico e polarizado. Muitos descrevem o atual discurso público tóxico como falta de bipartidarismo, mas a causa primeira é bem mais profunda. Como ensinou Niebuhr, remonta ao início do mundo, ao nosso afastamento de Deus e a nossos esforços frenéticos para compensar nossos sentimentos de desamparo e impotência cósmicos. O único modo de lidar com todas essas coisas é curando nosso relacionamento com Deus.

A Bíblia nos oferece um exemplo dramático dessa cura. É a história de um homem cuja vontade de dominar levou-o a tornar-se o homem mais poderoso do mundo.

O rei inseguro

No século 6 a.C., o Império Babilônico ascendeu e substituiu a Assíria e o Egito como poderes dominantes mundiais. Logo, esse império invadiu Judá e capturou Jerusalém, exilando a classe profissional de Israel, o que incluía oficiais militares, artistas e estudiosos, na Babilônia. No fim, a maior parte do mundo conhecido estava sob a influência do rei e general babilônico,

Nabucodonosor. No texto de Daniel 2, contudo, ficamos sabendo que o homem mais poderoso da terra tinha um sono desconfortável.

No segundo ano do seu reinado, Nabucodonosor teve sonhos. Isso lhe perturbou muito o espírito, e ele perdeu o sono. Então o rei mandou chamar os magos, os adivinhos, os feiticeiros e os astrólogos, para que lhe dissessem os seus sonhos; eles vieram e se apresentaram diante do rei. E o rei lhes disse: Tive um sonho, e estou aflito para saber o que significa (Dn 2.1-3).

Nabucodonosor ficou profundamente perturbado com o sonho. Ele havia sonhado com uma estátua imensa, e pode ser que essa fosse a visão que ele desejava que o mundo tivesse dele — “um gigante invencível, elevando-se acima do mundo...”.¹⁹ Entretanto, a estátua tinha “pés de barro” e ruiu estrepitosamente. O rei acordou suando frio. Será que isso significava que seu império fracassaria? Ou que alguém viria e exploraria suas fragilidades ocultas?

Muita gente com grande ambição de poder vive ansiosa e apreensiva. Niebuhr acreditava que medo e ansiedade são a razão pela qual muitos buscam o poder político.²⁰ No entanto, mesmo que o medo não seja uma razão para a busca de poder, ele quase sempre a acompanha. Quem está no poder sabe que é objeto de inveja, além de estar na mira dos competidores. Quanto mais alto a pessoa sobe, maior a possibilidade de uma queda terrível, pois agora há muito que perder. Quando Bernard Madoff foi condenado a 150 anos de prisão por operar o esquema de pirâmide de 65 bilhões de dólares, ele culpou publicamente o próprio orgulho. Em algum momento do passado, havia enfrentado um ano em que deveria ter declarado perdas significativas, mas não conseguiu “admitir seus fracassos como administrador financeiro”.²¹ Não poderia aceitar a perda de poder e reputação que esse reconhecimento traria. Desde que começou a esconder sua fraqueza pelo esquema Ponzi, “não conseguiu admitir seu erro de julgamento enquanto o esquema crescia”, sempre pensando que poderia “dar um jeito de sair dessa”.²²

Portanto, o poder costuma nascer do medo que, por sua vez, dá à luz mais medo. O sonho estava compelindo a insegurança de Nabucodonosor a vir à tona, e isso era um incômodo extremo. Pessoas poderosas não gostam de admitir quão frágeis realmente se sentem.

O medo da impotência

Nabucodonosor é um estudo de caso clássico do que Niebuhr afirma sobre pecado, política e poder em *The nature and destiny of man* [A natureza e o destino do homem]. No capítulo “Man as sinner”, Niebuhr argumenta que “o homem é inseguro e [...] busca superar sua insegurança pela vontade de potência. [...] Ele finge não ser limitado”.²³ Os seres humanos têm bem pouco poder real sobre a própria vida. Noventa e cinco por cento do que determina o curso de sua vida está absolutamente fora de seu controle. Isso envolve o século e o lugar em que nascem, quem são seus pais e família, o ambiente em que passam a infância, a estatura física, os talentos geneticamente programados e a maior parte das circunstâncias em que se descobrem. Resumindo, tudo o que somos e temos nos é dado por Deus. Não somos criadores infinitos, mas criaturas finitas, dependentes.

O poeta britânico W. E. Henley teve uma perna amputada na adolescência. Mesmo assim, seguiu em frente e construiu uma carreira de crítico e escritor. Quando ainda era jovem, Henley escreveu audaciosamente o famoso *Invictus*, o termo latino para “invicto”.

Não importa quão estreita seja a passagem,
quão pleno de castigos o livro,
sou o mestre do meu destino:
capitão da minha alma.

Como Niebuhr destaca, esse é um exagero enorme, uma visão da realidade distorcida e “contaminada pelo pecado do orgulho”.²⁴ Ninguém deseja reduzir a importância de aprender a superar obstáculos na vida, mas o sucesso de Henley seria impossível tivesse ele nascido sem talento literário, com um QI abaixo da média ou com pais e relacionamentos sociais diferentes. E, de alguma forma semelhante a Nabucodonosor, Henley foi obrigado a enfrentar a própria impotência quando a filha de cinco anos morreu, um golpe do qual jamais se recuperou. Era um homem finito e limitado em um mundo de forças indomáveis.

Se Niebuhr estiver correto e os seres humanos tiverem um medo profundo de impotência oriundo do fato de terem se afastado de Deus, então deve haver várias maneiras com as quais tentam lidar com o problema, não somente por meio da política e do governo. Ídolos de poder são “ídolos profundos” que podem expressar-se mediante grande variedade de outros ídolos “superficiais”.²⁵

Durante meus anos de faculdade, conheci um homem que, antes de professar fé em Cristo, era um notório conquistador de mulheres. O comportamento padrão de James consistia em seduzir a mulher e, depois de fazer sexo com ela, perder o interesse e passar para a próxima. Quando abraçou o cristianismo, mais que depressa ele renunciou a suas escapadas sexuais. Tornou-se ativo no ministério cristão. Todavia, seu ídolo profundo não mudou. Em toda aula ou estudo, James se mostrava controverso e dominador. Em toda reunião ele tinha de ser o líder, mesmo que não designado para isso. Era ríspido e desagradável com os céticos ao conversar com eles sobre sua fé recém-descoberta. Por fim, ficou claro que o senso de propósito e valor não tinham mudado para Cristo, mas continuavam fundamentados no exercício de poder sobre as pessoas. Era o que o fazia se sentir vivo. A razão pela qual James tinha vontade de ter relações sexuais com as mulheres não era por sentir-se atraído, mas porque buscava o poder de se ver capaz de dormir com elas se assim o desejasse. Uma vez conquistado esse poder, ele perdia o interesse por elas. O motivo por que desejava participar do ministério cristão não era por se sentir atraído pelo serviço a Deus ou às pessoas, mas pelo poder de saber que estava certo, que era detentor da verdade. Seu ídolo de poder assumiu uma forma sexual e, depois, religiosa. Ele se escondia bem.

Ídolos de poder, portanto, não são só para os poderosos. Você pode correr atrás do poder de pequenas maneiras, triviais, tornando-se o valentão local do bairro ou um burocrata de baixo escalão que dá ordens às poucas pessoas do seu campo de autoridade. A idolatria do poder está em toda a nossa volta. Qual é a cura para ela?

O rei castigado

Os sábios de Nabucodonosor não conseguiram interpretar o sonho para ele. Por fim, um oficial da corte chamado Daniel, que também era um dos exilados judeus, apresentou-se. Pelo poder de Deus, foi capaz de dizer ao rei o conteúdo do seu sonho, mesmo sem Nabucodonosor revelá-lo. Em seguida, Daniel interpretou o sonho.

Ó rei, tu viste uma grande estátua em tua visão. Essa estátua, imensa e impressionante, estava em pé diante de ti, e tinha uma aparência terrível. A cabeça da estátua era de ouro fino; o peito e os braços, de prata; o ventre e o quadril, de bronze; as pernas, de ferro; e os pés, em parte de ferro e em parte de barro. Enquanto estavas vendo isso, uma pedra soltou-se sem auxílio de mãos e feriu a estátua nos pés de ferro e de barro, e os esmigalhou. Então o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram despedaçados e viraram pó, como a palha das eiras no verão. O vento os levou sem deixar nenhum vestígio; porém a pedra que feriu a estátua se tornou uma grande montanha e encheu toda a terra (Dn 2.31-35).

A estátua representava os reinos da terra. Parecia um ídolo gigante e simbolizava a idolatria do poder e da realização humanos. Ela era a civilização humana — comércio e cultura, governo e poder, todos exercidos por seres humanos com o objetivo de se glorificarem. O que estraçalhou o ídolo foi uma pedra. Em contraste com o restante dos materiais na estátua, ela “soltou-se sem auxílio de mãos”. Ela vinha de Deus. Embora menos valiosa que qualquer um dos metais da estátua, em última análise a pedra era o componente mais poderoso. Como diz Daniel, ela era o reino de Deus (v. 44) a ser instaurado na terra em um momento futuro.

O sonho era um chamado à humildade. Embora as circunstâncias com frequência pareçam favorecer os tiranos, Deus os derrubará no final, de modo gradual ou repentino.²⁶ Quem está no poder deveria ver que não o conquistou, mas apenas o recebeu de Deus, e que todo poder humano desmorona no final.

Nabucodonosor estava sendo chamado a mudar sua concepção de Deus. Como pagão, é provável que ele cresse no pluralismo, na existência de muitos deuses e forças sobrenaturais no mundo. No entanto, não cria na existência de um legislador preeminente e todo-poderoso a quem todos deviam prestar contas, incluindo ele próprio. Estavam lhe dizendo que

havia um Deus supremo, soberano e juiz, diante de quem ele era responsável pelo uso do poder.

Nabucodonosor aceitou a mensagem.

Então o rei Nabucodonosor caiu com o rosto em terra e reverenciou Daniel, e ordenou que lhe trouxessem uma oferta de cereal e incenso. O rei respondeu a Daniel: Verdadeiramente, o vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis, e o revelador dos mistérios, pois pudeste revelar este mistério (Dn 2.46,47).

O rei confessou que Deus é “o Senhor dos reis”. O homem mais poderoso no mundo se prostrou — um gesto de humildade bastante distinto do orgulho costumeiro de Nabucodonosor.

A ilusão de que estamos no controle

Aprendemos aqui que a teologia tem sua importância, que muito do nosso vício em poder e controle se deve às concepções falsas acerca de Deus. Deuses criados por nós permitem sermos “senhores do nosso destino”. O sociólogo Christian Smith deu o nome de “deísmo moralista e terapêutico” ao entendimento dominante acerca de Deus que descobriu entre americanos mais jovens. No livro *Soul searching: the religious and spiritual lives of American teenagers* [Exame da alma: a vida religiosa e espiritual dos adolescentes americanos], ele descreve esse conjunto de crenças. Deus abençoa e leva para o céu aqueles que tentam ter uma vida moral e decente (a crença “moralista”). O objetivo central é não se sacrificar ou negar a si mesmo, mas ser feliz e sentir-se bem consigo mesmo (a crença “terapêutica”). Embora Deus exista e tenha criado o mundo, não precisa estar particularmente envolvido em nossa vida, exceto quando há um problema (isso é “deísmo”).²⁷

Essa visão de Deus faz literalmente de você senhor do seu destino e comandante da sua alma. Salvação e felicidade dependem de você. Alguns têm chamado nossa atenção para o fato de que o “deísmo moralista e terapêutico” só poderia se desenvolver entre pessoas privilegiadas de uma sociedade tranquila e próspera. Gente que está “no auge” sente-se ávida por

atribuir sua posição ao próprio intelecto, astúcia e trabalho duro. A realidade é bem mais complicada. Relacionamentos pessoais, ambiente familiar e o que parece ser pura sorte determinam quão bem-sucedida uma pessoa é. Somos o produto de três fatores — genética, ambiente e escolhas pessoais — mas sobre dois deles não detemos qualquer poder. Não estamos nem perto de sermos responsáveis por nosso sucesso como a visão popular de Deus e da realidade nos levam a pensar.

A cultura popular costuma dizer aos jovens: “Você pode ser *qualquer* coisa que estabelecer em sua mente”. Mas é cruel dizer uma coisa dessas para um menino de oito anos de 1,62 metro de altura que anseia, mais que tudo na vida, jogar na defesa de um time da National Football League dos Estados Unidos. Para usar um exemplo extremo, se você nascesse em uma tenda no interior da Mongólia, não importaria o quanto se esforçasse ou como usasse seus talentos — você acabaria pobre e impotente. Aproximando-nos mais da nossa situação, pense no impacto do seu histórico familiar sobre sua vida. Você pode passar os anos de juventude dizendo para si mesmo que *não* será igual a seus pais, que será dono do próprio nariz. No entanto, mais ou menos na metade da sua vida, ficará mais claro o quanto sua família o influenciou de maneira indelével.

O livro *Outliers*, de Malcolm Gladwell, está repleto de estudos de caso que demonstram como o sucesso é, em grande medida, produto do nosso ambiente. O autor cita como exemplo uma série de advogados judeus de Nova York, todos nascidos por volta de 1930. Uma “casualidade temporal” lhes conferiu muitas vantagens. Frequentaram escolas com poucos alunos em que receberam mais atenção dos professores. Tinham à disposição faculdade e educação jurídica da melhor qualidade, embora barata, na época. Por causa de atitudes antissemitas, foram excluídos de escritórios de advocacia famosos, o que os obrigou a optarem por especializações relacionadas a disputas entre acionistas pelo controle de empresa, área em que advogados com uma carreira bem estabelecida não se envolveriam. Mas acontece que isso lhes deu enorme vantagem competitiva nos anos 1970 e 1980 quando aquisições agressivas começaram. Todos ganharam quantias enormes de dinheiro.²⁸ Embora, diferentemente de Gladwell, eu conferiria

igual importância aos três fatores da hereditariedade, do ambiente e da escolha pessoal, o livro dele defende com vigor a tese de que não somos tão responsáveis por nosso sucesso quanto gostaríamos de pensar. A maior parte das forças que fazem de nós quem somos estão nas mãos de Deus. Não deveríamos nos encher “de orgulho em favor de um contra o outro”, escreveu o apóstolo Paulo. “Pois, quem te faz diferente dos demais? E o que tens que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te orgulhas, como se não o tivesse recebido?” (1Co 4.6,7).

Nabucodonosor havia assumido o crédito pela própria ascensão à notoriedade. Agora, começou a ser humilhado, e suas visões inverídicas acerca de Deus foram mudando, mas sem transformações muito profundas. Outra intervenção de Deus seria necessária.

O rei louco

No capítulo 4, Nabucodonosor se descreve como estando em seu palácio, satisfeito e próspero, quando teve outro sonho, este não só perturbador, mas também aterrador. Foi um sonho envolvendo uma árvore enorme: “... a sua altura chegou até o céu, e era vista até os confins da terra. [...] e toda criatura se sustentava dela” (Dn 4.11,12). Mas então se ouviu uma voz ordenando: “... Derrubai a árvore...”. E a voz começou a falar sobre a árvore, tratando-a, no texto hebraico, por “ele”. E dizendo: “Mas deixai na terra o tronco com as raízes [...]. Seja mudada a sua mente, que deixará de ser humana, e lhe seja dada a mente de animal; até que se passem sete anos”.

Com medo e tremor, o rei mandou chamar Daniel, que ouviu o sonho e empalideceu. Depois de permanecer em silêncio por algum tempo, o profeta apresentou a interpretação.

Esta é a interpretação, ó rei: é o decreto do Altíssimo, que é enviado ao rei, meu senhor: Tu serás expulso do meio dos homens, e a tua morada será com os animais do campo, e te farão comer grama como os bois; serás molhado pelo orvalho do céu, até que passem sete tempos, até que reconheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer. E quanto ao que foi dito, que deixassem o tronco com as raízes da árvore, o teu reino voltará para ti, depois

que tiveres reconhecido que o céu reina. Portanto, aceita o meu conselho, ó rei: Abandona teus pecados, praticando a justiça, e renuncia às tuas maldades, usando de misericórdia com os pobres, se quiseres prolongar a tua tranquilidade (Dn 4.24-27).

O primeiro sonho, de certa forma, havia sido uma lição acadêmica. Falava em termos gerais sobre o caráter de Deus e o caráter do poder humano. Dessa vez, Deus estava sendo mais pessoal. As lições acadêmicas não tinham ajudado. O rei continuava um tirano. Ainda oprimia determinadas raças, classes e os pobres (v. 27). Agora, Deus lhe ensinaria o que ele precisava aprender. Mas há esperança. A árvore seria cortada, mas o tronco permaneceria no chão para voltar a crescer. Deus não estava à procura de retribuição, vingança ou destruição. A questão era disciplina — dor imposta com o propósito de correção e redenção.

Assim, que lição Deus queria incutir no coração de Nabucodonosor? A seguinte: “O Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer, e estabelece sobre ele o mais humilde dos homens”. Isso significa que qualquer pessoa bem-sucedida simplesmente é receptora do favor imerecido de Deus. Mesmo as que estão no topo da hierarquia de poder, riqueza e influência mundiais são na verdade “as mais humildes” — em nada melhores que ninguém. Essa é uma forma rudimentar do evangelho — o que temos é resultado da graça, não de “obras” ou esforços próprios.

Deus estava dizendo algo mais ou menos assim: “Rei Nabucodonosor — você precisa entender que seu poder lhe tem sido conferido pela graça de Deus. Se soubesse disso, você estaria mais descontraído e seguro e mais humilde e justo. Se pensa que conquistou sua posição por mérito próprio e obras, continuará se sentindo assustado e a ser cruel”.

Depois de doze meses, quando andava no palácio real da Babilônia, o rei disse: Não é esta a grande Babilônia que edifiquei para a morada real, pela força do meu poder, e para a glória da minha majestade? (Dn 4.29,30).

O rei olhou para seus domínios e, ao fazê-lo, o orgulho de seu coração o dominou. Naquele momento, uma voz do céu disse: “... O reino te foi tirado. Serás expulso do meio dos homens e a tua morada será com os

animais do campo; te farão comer grama como os bois, e passarão sete tempos até que reconheças que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens e o dá a quem quer” (Dn 4.31,32). Na mesma hora, Nabucodonosor passou por um período, ao que tudo indica, de doença mental grave, em que ficou muito demente para habitar no interior do palácio, passando a viver em seu entorno, entre os animais.

A ressurreição da morte causada pelo orgulho

O que aconteceu? Uma das grandes ironias do pecado é que quando os seres humanos tentam se tornar mais do que são, igualando-se a deuses, caem a ponto de tornar-se inferiores a seres humanos. Ser seu próprio deus e viver para a própria glória e poder leva ao tipo mais bestial e cruel de comportamento. O orgulho faz de você um predador, não uma pessoa.²⁹ Foi o que aconteceu ao rei.

No livro de C. S. Lewis para crianças *The voyage of the Dawn Treader*,³⁰ um dos personagens principais é um rapaz chamado Eustáquio Scrubb. Era evidente seu desejo apaixonado por poder, mas ele o expressava de maneiras cruéis e mesquinhas, como só um estudante poderia fazer, provocando, torturando animais, fazendo fofocas e buscando agradar as autoridades adultas. Um aprendiz de Nabucodonosor.

Certa noite, Eustáquio encontrou uma pilha enorme de tesouros no interior de uma caverna. Extasiado, começou a imaginar a vida de facilidades e poder que teria agora. No entanto, quando acordou, para seu horror, transformara-se em um dragão medonho. “Dormindo em cima do tesouro feito um dragão a guardá-lo, cheio de ideias gananciosas da natureza de um dragão em seu coração, ele se transformara em dragão”.³¹

Tornar-se um dragão foi uma “consequência cósmica natural”. Pelo fato de pensar como dragão, Eustáquio havia se transformado em dragão. Quando colocamos o coração no poder, transformamo-nos em predadores embrutecidos. Tornamo-nos iguais ao que adoramos.³²

Eustáquio era agora um ser muito poderoso, muito mais poderoso do que jamais sonhara, mas também medroso, horrendo e completamente só. Claro, é o que o poder por si só faz conosco. O choque da transformação de Eustáquio o humilhou e ele ansiou voltar a ser um menino normal. À medida que seu orgulho diminuía, a idolatria em seu coração começou a ser curada.

Uma noite, Eustáquio, o dragão, encontrou um leão misterioso. O leão o desafiou a “tirar suas escamas”, a tentar arrancar sua pele de dragão. Ele conseguiu se desfazer de uma camada, mas descobriu que continuava sendo um dragão por baixo. Repetiu a experiência outras vezes, mas sem sucesso. Afinal o leão disse:

“Eu tiro a sua pele.” Fiquei com medo das garras dele, pode ter certeza, mas a essa altura eu já beirava o desespero. Deitei-me de costas e deixei que ele tirasse a minha pele. A primeira incisão que ele fez foi tão funda que pensei ter atingido meu coração. E quando começou a retirar a pele, senti a pior dor da minha vida [...] Bem, tirou-me toda a pele animal — do modo que eu pensava que havia feito nas outras três vezes, só que não tinha doído — e lá estava ela sobre a grama: só que muito mais grossa, escura e aparentando ter muito mais nódulos do que as outras. E ali estava eu, liso e polido como um graveto sem casca, e menor do que antes. [...] Eu havia voltado a ser menino outra vez.³³

O leão do conto de fadas, Aslam, representa Cristo, e a história testemunha o que todos os cristãos têm descoberto: o orgulho leva à morte, ao colapso, à perda da humanidade. Mas se você permitir que ele o humilhe, em vez de amargurá-lo, e voltar-se para Deus, em vez de viver para a própria glória, então a morte do seu orgulho pode levá-lo a uma ressurreição. Você pode surgir, no fim, plenamente humano, com o coração terno e não endurecido.

Algo parecido aconteceu com Nabucodonosor. Conforme as palavras do testemunho dele mesmo:

Mas ao fim daqueles dias, eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu e voltou a mim o meu entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei e glorifiquei ao que vive para sempre; porque o seu domínio é um domínio eterno, e o seu reino é de geração em geração. [...] No mesmo tempo, voltou a mim o meu entendimento; e voltou a mim a minha majestade e o meu resplendor, para a glória do meu reino. Os meus conselheiros e os meus nobres se preocuparam; e fui restabelecido no meu reino, e minha grandeza se tornou ainda maior (Dn 4.34,36).

Quando ele “[levantou] os olhos ao céu”, voltando-se para Deus, o resultado foi mais do que a restauração da sua sanidade. E sua “grandeza se tornou ainda maior” (v. 36). Trata-se de um padrão profundo de graça, que vemos em grau máximo em Jesus. Nosso coração declara: “Eu me levantarei e serei como o Altíssimo por amor de mim mesmo”. Jesus, no entanto, disse: “Eu me humilharei, descerei bem baixo, por amor a eles”. Tornou-se humano e foi para a cruz a fim de morrer por nossos pecados (Fp 2.4-10). Jesus *perdeu* todo poder e serviu para nos salvar. Morreu, mas isso levou à redenção e à ressurreição. Portanto, se como Eustáquio, Nabucodonosor e Jesus, você experimentar grande fraqueza, mas disser: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito...” (Lc 23.46), haverá crescimento, transformação e ressurreição.

O exemplo e a graça de Jesus curam nosso desejo pelo poder. A reação normal a nosso senso de impotência é negá-lo, encontrar pessoas para dominar e controlar a fim de vivermos nessa negação. Mas Jesus nos apresenta outro caminho. Ao abrir mão de seu poder e servir, tornou-se o homem mais influente que já viveu. Todavia, ele não é apenas um exemplo; é um Salvador. Somente se reconhecermos nosso pecado, necessidade e impotência e nos rendermos à sua misericórdia, então nos tornaremos seguros em seu amor e, assim, seremos revestidos de poder de uma maneira que não nos leva a oprimir as pessoas. A insegurança se foi, o desejo intenso de poder foi arrancado pela raiz. Como um pregador disse, certa vez: “O caminho para cima é descer; o caminho para baixo é subir”.

¹ Citado em Bob Goudzwaard, *Idols of our time* (Downers Grove: Inter Varsity, 1984), p. 9.

² Parte do discurso completo de Robespierre citado em Richard Bienvenu, *The ninth of Thermidor* (Oxford: Oxford University Press, 1970), p. 32-49.

³ Al Wolters; Michael Goheen, *Creation regained: basics for a reformational worldview*, 2. ed. (Grand Rapids: Eerdmans, 2005), p. 61 [edição em português: *A criação restaurada: base bíblica para uma cosmovisão reformada*, tradução de Denise Pereira Ribeiro Meister (São Paulo: Cultura Cristã, 2006)].

⁴ “O desejo ardente de poder é instigado por uma constatação obscura e consciente de sua insegurança” (Reinhold Niebuhr, *The nature and destiny of man* [New York: Scribner, 1964], vol. 1: *Human nature*, p. 189).

5 “As formas mais evidentes de idolatria são aquelas em que o mundo do sentido é organizado em torno de um centro [...] como a vida de uma tribo ou nação, o que é claramente contingente e não definitivo” (Niebuhr, p. 165).

6 Goudzwaard, p. 23.

7 “Sua [da Alemanha] autoafirmação contemporânea ilimitada, que literalmente transgride todas as fronteiras previamente conhecidas da religião, da cultura e da lei, é uma forma muito acentuada de ímpeto de poder...” (Niebuhr, p. 189, nota).

8 *Mere Christianity* (New York: HarperCollins, 2001), p. 11 [edição em português: *Cristianismo puro e simples*, tradução de Álvaro Oppermann; Marcelo Brandão Cipolla (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009)].

9 “... faz-se um esforço no sentido de abranger o significado do mundo somente pelo princípio da causalidade natural [...] [o que] implica a deificação da razão. O fato de que essa identificação represente idolatria e que as leis da razão e da lógica sejam incapazes de compreender plenamente o significado global do mundo é confirmado pelo fato de que vida e história estão repletos de contradições que não podem ser solucionadas por princípios racionais” (Niebuhr, p. 165).

10 C. E. M. Joad, *The recovery of belief* (London: Faber and Faber, 1952), p. 62-3.

11 Richard Crossman, org., *The god that failed* (New York: Harper, 1949).

12 Veja o estudo interessante de Stewart Davenport, *Friends of the unrighteous Mammon: Northern Christians and market capitalism 1815-1860* (Chicago: University of Chicago, 2008). Davenport tenta descobrir por que alguns líderes cristãos adotaram a versão do capitalismo de Adam Smith, quando ela era claramente “ideológica”, asseverando que, se as únicas preocupações de um governo fossem de ordem econômica, a moralidade e a comunidade floresceriam naturalmente.

13 Uma voz ponderada que vem expondo a natureza ideológica do capitalismo moderno tem sido a de Wendell Berry, que conclama os americanos a “desperdiçarem menos, gastarem menos, usarem menos, desejarem menos, necessitarem menos”. Veja seu livro *Sex, economy, freedom, and community: eight essays* (New York: Pantheon, 1994). Berry de fato não é um liberal social, uma vez que se posiciona contra o governo gigantesco; nem conservador ou libertário, pois equilibra direitos individuais e o bem comum mais do que fariam os conservadores. Isso faz de seu pensamento uma boa proteção contra o desenvolvimento de ideologias modernas.

14 Stephen Marglin, *The dismal science: how thinking like an economist undermines community* (Cambridge: Harvard University Press, 2008). Marglin defende a ideia de que a economia moderna se tornou ideológica, concebendo os seres humanos como indivíduos que maximizam lucros sem precisar da comunidade humana, que se definem da perspectiva do quanto podem consumir, não dos papéis que desempenham em um conjunto de relações humanas. Ao longo dos últimos quatro séculos, essa ideologia econômica se tornou dominante em grande parte do mundo.

15 Richard A. Posner, *A failure of capitalism: the crisis of '08 and the descent into depression* (Cambridge: Harvard University Press, 2009). Posner apresenta sua argumentação contra uma parte importante do dogma capitalista, isto é, a de que os mercados são capazes de autocorreção.

16 Veja William T. Cavanaugh, *Being consumed: economics and Christian desire* (Grand Rapids: Eerdmans, 2008). O autor aborda a tentação de os cristãos isolarem sua vida particular da pública em uma sociedade dominada pelo capitalismo de mercado. Por tradição, a ganância (ou avareza) é um dos sete pecados capitais, e de alguma forma se espera que a evitemos em nossa vida privada ao mesmo tempo que a perseguimos em nossa vida pública, comercial. Além disso, em nossa sociedade, somos chamados para nos definirmos pelo que consumimos, ao passo que o cristianismo nos chama a nos

definirmos pelo que amamos. A lógica e os valores do mercado, diz Cavanaugh, estão se espalhando por todas as áreas da vida. Isso porque o capitalismo moderno é “ideológico”.

17 Larry Elliott; Dan Atkinson, *The gods that failed: how blind faith in markets has cost us our future* (New York: Nation Books, 2009).

18 Niebuhr definiu a idolatria como a elevação de algo finito e relativo a “valor definitivo e supremo” (Niebuhr, p. 225).

19 Roy Clements, *Faithful living in an unfaithful world* (Downers Grove: InterVarsity, 1998), p. 153.

20 Reinhold Niebuhr, *The nature and destiny of man* (New York: Scribner, 1964), vol. 1: *Human nature*, p. 189.

21 Diana R. Henriques, “Madoff, apologizing, is given 150 years”, *New York Times* (June 30, 2009).

22 “Bernard Madoff gets 150 years in jail for epic fraud”, *Bloomberg New* (June 29, 2009), disponível em: https://www.business-standard.com/article/economy-policy/bernard-madoff-gets-150-years-in-jail-for-epic-fraud-109063000045_1.html.

23 Niebuhr, p. 179-80.

24 Ibidem.

25 O que estou descrevendo neste parágrafo é como “ídolos superficiais” — sexo, religião, dinheiro — podem servir ao “ídolo profundo” de poder. Compare com o que foi dito sobre ídolos profundos e superficiais no capítulo 3.

26 Ao longo dos anos, muitos intérpretes têm se dedicado a identificar cada parte do ídolo com um reino histórico. Como está escrito que Nabucodonosor era “a cabeça” (v. 36-39), tem-se concluído que cada uma das outras partes de metal do ídolo devem ser o poder dominante mundial seguinte. Mas é provável que o sonho não possa ser interpretado de maneira tão específica. Observe que o versículo 35 nos informa que a pedra (o reino de Deus) despedaça o ídolo inteiro “ao mesmo tempo”. Se séculos separam esses reinos, como poderia a pedra despedaçá-los todos ao mesmo tempo? Penso que, em virtude disso, a estátua representa os reinos do mundo em geral, com toda a sua força, formas e poder. O sonho não nos está dando uma sequência de reinos específicos nem enfatizando épocas específicas. Está nos dizendo que Deus é soberano a despeito do aumento da injustiça e da tirania, e que todo poder humano será julgado no final. Para ter acesso a um comentário que expõe essa abordagem interpretativa, veja Tremper Longman, *The NIV application commentary: Daniel* (Grand Rapids: Zondervan, 1999), p. 79-93.

27 Christian Smith, *Soul searching: the religious and spiritual lives of American teenagers* (Oxford: Oxford University Press, 2005), p. 162-70.

28 Malcolm Gladwell, *Outliers* (New York: Little, Brown and Company, 2008), p. 125-8, 132-3, 156-8 [edição em português: *Fora de série: outliers*, tradução de Ivo Korytowski (Rio de Janeiro: Sextante, 2008)]. Gladwell reconhece que talento (hereditariedade) e trabalho duro são importantes para o sucesso, mas argumenta que o ambiente é o fator mais relevante: incluindo tempo adequado, contexto familiar e cultura.

29 Para uma abordagem extensa sobre o assunto, veja o livro de Edward P. Meadors, *Idolatry and the hardening of the heart: a study in biblical theology* (London/New York: T&T Clark, 2006).

30 C. S. Lewis, *The chronicles of Narnia: the voyage of the Dawn Treader* (New York: Harper Trophy, 2000), p. 91 [edição em português: *As crônicas de Nárnia: viagem do Peregrino da Alvorada*, tradução de Paulo Mendes Campos (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010)].

31 Ibidem, p. 91.

32 Para uma abordagem extensa sobre o assunto, veja o livro de G. K. Beale, *We become what we worship: a biblical theology of idolatry* (Downers Grove: Inter Varsity Press, 2008) [edição em português: *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*, tradução de Marcus Throup (São Paulo: Vida Nova, 2014)].

33 C. S. Lewis, *The chronicles of Narnia: the voyage of the Dawn Treader*, p. 108-10.

SEIS

OS ÍDOLOS OCULTOS EM NOSSA VIDA

Até agora, analisamos ídolos pessoais como o amor romântico, a prosperidade financeira ou o sucesso político. Esses deuses falsos não são difíceis de reconhecer. Há outros, no entanto, que nos influenciam, mas estão mais escondidos. Não são os ídolos do nosso coração, mas da nossa cultura e sociedade.

O deus do lucro

Um dos colunistas da seção dominical “Opinion” do *New York Times* recentemente contou o caso de uma amiga de 29 anos, chamada Melissa, vice-presidente da J. P. Morgan até ser demitida pouco tempo atrás. Embora “praticamente todo mundo continua com raiva em Wall Street [...] Melissa não corresponde muito bem ao clichê abominável da operadora gananciosa que ajunta milhões em bônus enquanto sua empresa vai para o buraco”. Ela ganhava bem, mas era muito generosa no uso de seu dinheiro com amigos e organizações beneficentes sem fins lucrativos. No entanto, sua especialidade era securitizar hipotecas imobiliárias de alto risco, empréstimos estudantis e dívidas com cartões de crédito. “Nunca lhe ocorreu que toda essa dívida reunida por ela como um quebra-cabeça e vendida para os investidores desempenharia um papel tão sinistro na derrocada da economia — embora isso provavelmente deveria lhe ter ocorrido”.¹ Por que não lhe ocorreu? Como disse Nathan Hatch no capítulo 4, nossa cultura não prepara os estudantes para fazer essas perguntas em

relação a determinado emprego. Em geral, a única pergunta que se faz é: Quanto esse emprego paga?

Em uma cerimônia não oficial, no dia anterior da formatura, quase metade da turma de 2009 da Harvard Business School prometeu “agir com o máximo de integridade”, abster-se de “decisões e comportamento que promovam minhas ambições limitadas” e trabalhar para “realçar o valor que minha empresa pode criar para a sociedade em longo prazo”.² Na cobertura desse “juramento de MBA”, a *The Economist* evocou a declaração de Milton Friedman de que os administradores de empresas têm somente um objetivo: maximizar o valor do acionista.³ O argumento tradicional afirma que esse é o único modo que um negócio promove o bem comum, criando empregos e gerando novos produtos. O próprio mercado recompensa a integridade e pune a desonestidade; se você mentir ou trapacear, ele o apanhará e você perderá dinheiro. O único objetivo dos negócios, então, é maximizar lucros. Todas as outras conversas sobre gestão ética ou negócios com consciência social, alega-se, são desnecessárias.

Os signatários do juramento pedem licença para discordar. Administradores em busca de lucro podem fazer coisas para subir rápido o preço das ações à custa da saúde de longo prazo da empresa, e também à custa do bem de seus trabalhadores, clientes e do ambiente. Depois, podem vender suas ações e deixar todos os demais envolvidos mais pobres. Embora alguns argumentem que pagar mais aos empregados e dar-lhes um bom ambiente de trabalho são práticas que garantem lucros maiores em longo prazo, isso não é evidente. Isso deveria ser feito simplesmente por ser algo bom e correto a se fazer, não apenas como meio para o fim de obter lucros mais altos.

Além disso, não é legítimo dizer que honestidade e integridade sempre resultam em bons negócios. Em determinadas situações, agir com honestidade talvez seja financeiramente prejudicial, portanto, de acordo com uma análise estritamente de custo-benefício, é evidente que vale a pena o risco de ser pego em uma mentira. Coisas como honestidade e comprometimento com os trabalhadores e com o ambiente devem ser

adotadas como bens em si — tão importantes quanto o lucro — ou a integridade não será mantida.

Os signatários, portanto, argumentavam que o lucro havia se tornado um falso deus — algo bom, mas convertido em valor absoluto. O resultado tem sido o colapso moral e social. O juramento daquela turma era um esforço de enfrentar um ídolo cultural que tem tido uma influência ampla e sistêmica sobre a maneira que a sociedade está organizada.

Ídolos em nossa cultura

Em seu livro *The real American dream: a meditation on hope* [O verdadeiro sonho americano: uma meditação sobre a esperança], Andrew Delbanco escreveu: “Usarei a palavra *cultura* com o sentido de relatos e símbolos pelos quais tentamos esconder a desconfiança melancólica de que vivemos em um mundo sem sentido”.⁴ No cerne de toda cultura está sua principal “Esperança”, o que ela diz ser a vida para seus integrantes. Delbanco identifica três fases da civilização americana ao observar a esperança fundamental de cada era, as quais ele classifica em sequência: “Deus, Nação e Eu”. Na primeira era, “a esperança era expressa acima de tudo por meio de um relato cristão que dava sentido ao sofrimento e ao prazer de igual forma e prometia libertação da morte”. Na segunda fase, “o Iluminismo removeu um Deus pessoal [...] e o substituiu [...] pela ideia de uma nação divinizada”.⁵ Essa segunda fase, que Delbanco afirma só ter começado a desvanecer na década de 1960, transferiu ideias antigas de sacralidade para a própria América, que passou a entender-se como a “nação redentora”, cujo sistema de governo e modo de vida era a esperança para o mundo inteiro.

Hoje, a necessidade de transcendência e sentido se desprende de qualquer coisa mais importante do que o eu individual e sua liberdade de ser o que quiser. Entre os mais jovens, a velha mentalidade nacionalista, “América acima de tudo”, está ausente. Agora, a vida diz respeito a criar um

“eu” pela maximização da liberdade individual ao superar as restrições da comunidade.

A análise cultural feita por Delbanco é, basicamente, a análise de um ídolo. A era do “eu” explica por que a maximização do lucro assumiu o poder que tem hoje. Vemos agora a complexidade do que nos influencia e motiva. Qualquer “esperança” cultural dominante que não seja o próprio Deus é um falso deus. Portanto, os ídolos não só assumem forma individual, mas podem ser corporativos e sistêmicos. Quando estamos completamente imersos em uma sociedade de pessoas que considera normal determinada afeição idólatra, torna-se quase impossível discerni-la pelo que de fato é.

Não deveríamos achar que uma cultura é menos idólatra que outra. Sociedades tradicionais tendem a fazer da unidade familiar e do clã um valor absoluto e supremo. Isso pode levar a assassinatos por honra, ao tratamento das mulheres como propriedade e à violência contra os homossexuais. As culturas ocidentais seculares criam ídolos da liberdade individual e isso leva ao colapso da família, ao materialismo desenfreado, ao carreirismo e à idolatria do amor romântico, da beleza física e do lucro.

Como podemos ser menos escravizados por nossos ídolos culturais? Delbanco indica que, no início da nossa história, a sociedade era edificada em torno de Deus e da religião. Então, a resposta para nosso problema cultural deve ser mais religião, certo? Não necessariamente. A idolatria é tão difusa que domina essa área também.

Ídolos em nossa religião

Ídolo é aquilo para o que nos voltamos em busca de coisas que só Deus pode dar. A idolatria opera, em ampla escala, dentro das comunidades religiosas quando a verdade doutrinária é elevada à posição de um deus falso. Isso ocorre quando as pessoas depositam confiança na exatidão da própria doutrina para sua aceitação diante de Deus, e não no próprio Deus e em sua graça. É um erro sutil, mas fatal. O indicador de que você resvalou nessa forma de autojustificação é tornar-se o que o livro de Provérbios chama de

“zombador”.⁶ Os zombadores sempre demonstram desprezo e desdém pelos oponentes, em lugar de benevolência. Esse é um sinal de que não se veem como pecadores salvos pela graça. Em vez disso, a confiança que depositam na exatidão das próprias convicções faz com que se sintam superiores.⁷

Outra forma de idolatria nas comunidades religiosas transforma dons espirituais e sucesso no ministério em um deus falso. Os dons espirituais (talentos, capacidades, desempenho, crescimento) costumam ser confundidos com o que a Bíblia chama de “fruto” espiritual (amor, alegria, paciência, humildade, coragem, bondade).⁸ Até ministros que creem, em sua mente, na frase “Sou salvo apenas pela graça” podem vir a sentir no coração que sua situação com Deus depende em grande parte de quantas vidas estão transformando.

Outro tipo de idolatria religiosa tem relação com o viver moral. Como tratei em detalhes em outro texto,⁹ o modo padrão de operação do coração humano é buscar controlar Deus e os outros por meio do desempenho moral. Por termos vidas virtuosas, sentimos que Deus (e as pessoas que conhecemos) nos devem respeito e apoio. Embora possamos dizer que recorremos a Jesus como nosso exemplo e inspiração, ainda nos voltamos para nós mesmos e para nosso esforço moral para alcançarmos a salvação.

Delbanco explica como a grande mudança cultural conhecida como Iluminismo abandonou a ortodoxia religiosa e pôs no lugar de Deus coisas como o sistema americano ou a autorrealização individual. Os resultados não têm sido bons. Colocar a nação no lugar de Deus leva ao imperialismo cultural, e colocar o eu no lugar de Deus leva a muitas das dinâmicas disfuncionais que analisamos ao longo deste livro.¹⁰ Por que nossa cultura abandonou em ampla escala Deus e a esperança que ele dá? Acredito que tenha sido porque nossas comunidades religiosas foram e continuam sendo repletas desses deuses falsos. Fazer da exatidão doutrinária, do sucesso ministerial ou da retidão moral um ídolo resulta em conflito interno constante, arrogância, justiça própria e opressão daqueles cuja visão é distinta da nossa. Esses efeitos tóxicos da idolatria religiosa têm levado a uma ampla alienação da religião em geral e do cristianismo em particular.

Ao pensar que já provamos de Deus, voltamo-nos para outras esperanças, com consequências devastadoras.

A missão de Jonas

Não temos apenas ídolos do coração para confrontar. Deuses corporativos da cultura e da religião podem superalimentar os ídolos pessoais e criar uma mistura venenosa. Um jovem pobre que se sinta pessoalmente impotente pode ser cooptado com facilidade por movimentos sociais que inflamam o ódio racial e religioso. A jovem não amada pela família e criada em uma cultura consumista de imagem e *glamour* pode se ver afligida por uma desordem alimentar. Os ídolos que nos impulsionam são complexos, multiestratificados e, em grande parte, ocultos a nós.

Talvez o melhor exemplo disso na Bíblia seja visto na famosa história de Jonas. A maioria das pessoas a considera uma lição de escola dominical para crianças sobre um homem engolido por um peixe enorme. Ao contrário, ela é uma narrativa produzida com habilidade sobre os ídolos que motivam nossas ações em muitos níveis e nos afastam mais de Deus, mesmo quando achamos que estamos fazendo sua vontade. O que é verdadeiramente surpreendente nessa história aparece somente no fim, muito depois de Jonas ter deixado o peixe para trás. A primeira frase do livro apresenta um enredo cheio de tensão dramática.

A palavra do SENHOR veio a Jonas, o filho de Amitai: “Levante-se, vá para Nínive, aquela grande cidade, e proclame contra ela, pois a maldade deles subiu até minha presença” (Jn 1.1,2, TA).¹¹

Com base em 2Reis 14.25 sabemos que Jonas havia conclamado Jeroboão, rei de Israel, a seguir uma política militar expansionista para estender os limites da nação. Seus contemporâneos, Amós e Oseias, eram contra a corrupção das administrações reais. Jonas, contudo, parece ter ignorado deliberadamente os maus procedimentos do rei em seu zelo nacionalista de fortalecer o poder e a influência de seu país.¹² Um profeta

assim teria ficado assombrado com a ordem divina para que se dirigisse à cidade de Nínive e pregasse a ela.

Nínive era a cidade mais poderosa do mundo, sede do Império Assírio, cujas forças armadas ameaçavam aniquilar Israel e seus vizinhos. Fazer qualquer coisa que de alguma forma beneficiasse a Assíria teria sido visto como suicida para Israel. Embora a missão fosse apenas “pregar contra” a cidade por sua maldade, não teria havido motivo algum para enviar uma advertência a menos que houvesse uma possibilidade de o juízo ser evitado, como Jonas sabia muito bem (Jn 4.1,2).

Deus estendia as mãos em misericórdia ao grande inimigo do seu povo — não se poderia imaginar missão mais inusitada. Deus estava enviando um profeta judeu patriota para fazer isso — não se poderia escolher emissário mais improvável. Deus lhe havia pedido para fazer o que ele deve ter considerado algo sem sentido. Mas era essa a missão, e ele, o missionário.

O fugitivo

Mas Jonas se levantou para fugir da presença do SENHOR para Tárzis. Desceu até Jope e, encontrando um navio com destino a Tárzis, pagou a passagem e embarcou, fugindo da presença do SENHOR (Jn 1.3, TA).

Em oposição deliberada à ordem de ir para leste em direção a Nínive, Jonas se levantou e foi para Tárzis, cidade na margem ocidental do mundo conhecido. Fez exatamente o oposto do que Deus queria. Por quê? A motivação de Jonas não é plenamente revelada até o capítulo 4, mas a essa altura, o texto nos apresenta vários indícios da razão pela qual ele desobedeceria de maneira tão flagrante uma clara ordem divina.

Jonas teria medo do fracasso. Deus estava convocando um único profeta hebreu para entrar na cidade mais poderosa do mundo e exortá-la a ajoelhar-se diante de Deus. O único resultado possível parecia ser a zombaria ou, mais provável, a morte. Os pregadores gostam de ir onde serão persuasivos.

No entanto, a possibilidade de ter êxito em sua missão, por menor que fosse, também o deixaria igualmente amedrontado. A Assíria era um império cruel e violento. Ela já vinha cobrando tributos de Israel, uma espécie de tributo para proteção internacional. Jonas estava sendo chamado para advertir Nínive da ira divina, para dar a seus habitantes uma oportunidade de sobreviver e continuar a ser uma ameaça para Israel. Na condição de israelita patriota, ele não queria fazer parte dessa missão.

Então, por que ele fugiu? A resposta é, mais uma vez, a idolatria, mas de um tipo bastante complexo. Jonas tinha um ídolo pessoal. Ele queria o êxito ministerial mais do que obedecer a Deus. Além disso, o profeta havia sido influenciado por um ídolo cultural. Colocava os interesses nacionais de Israel acima da obediência a Deus e do bem-estar espiritual dos ninivitas. Por fim, Jonas tinha um ídolo religioso, mera justiça própria. Sentia-se superior aos ninivitas perversos e pagãos. Não queria vê-los salvos. Os ídolos cultural e pessoal de Jonas tinham se aliado em uma combinação tóxica totalmente oculta dele. Isso o levou a rebelar-se contra o próprio Deus a quem tanto se orgulhava de servir.

Jonas nas profundezas

Jonas embarcou em um navio com o intuito de fugir de Deus e de sua missão. Mas Deus mandou uma tempestade violenta que ameaçou afundar a embarcação (Jn 1.4-6). Os marinheiros perceberam a violência incomum daquela tempestade, por isso, lançaram sortes para ver quem havia trazido essa calamidade sobre eles. A sorte recaiu sobre Jonas.

Os homens foram tomados de grande pavor e — depois que Jonas admitiu estar fugindo da presença do SENHOR — disseram-lhe: “Como pôde fazer uma coisa dessas!”. Então lhe perguntaram: “O que temos de fazer com você a fim de que o mar se acalme conosco, pois ele está cada vez mais tempestuoso?”. Ele lhes respondeu: “Peguem-me e atirem-me ao mar; então o mar se acalmará com vocês, porque afirmo que é por minha causa que essa grande tempestade se abateu sobre vocês” (Jn 1.10-12, TA).

Temerosos pela própria vida, os marinheiros agiram conforme Jonas havia solicitado. Jogaram-no ao mar, e Deus providenciou um peixe para engoli-lo e, assim, salvá-lo. O peixe era a provisão divina para Jonas. Deu-lhe a oportunidade de recuperar-se e arrepender-se. Dentro do peixe, Jonas fez uma oração a Deus.

Então Jonas orou ao SENHOR, seu Deus, do ventre do peixe, dizendo: “Clamo ao SENHOR na minha angústia e ele me responde. Eu disse: ‘Fui expulso da tua presença; porém, continuo a olhar para o teu santo templo’. [...] Os que obedecem a ídolos vazios renunciam ao próprio amor da aliança. Mas eu oferecerei voz de ação de graças, oferecerei sacrifício a ti; cumprirei os meus votos. A salvação vem somente do SENHOR!” E o SENHOR falou ao peixe, e este vomitou Jonas em terra seca (Jn 1.17—2.1,4,8,10, TA).

Ele fez menção aos “que obedecem a ídolos vazios”. Adoradores de ídolos eram as pessoas para as quais Deus tinha enviado Jonas em Nínive. Mas então Jonas disse algo notável acerca delas: os idólatras “renunciam ao próprio *hesed*”. *Hesed* é a palavra hebraica para o amor da aliança de Deus, sua graça redentora e incondicional. Esse termo tem sido utilizado para descrever o relacionamento de Deus com Israel, seu povo. Agora, Jonas diz que os adoradores de ídolos renunciam “à *própria* graça”. De repente, como um raio, ocorreu-lhe que a graça de Deus era deles tanto quanto sua. Por quê? Porque graça é graça. Se é verdadeira graça, então ninguém era digno dela, e isso tornava todos iguais. Com essa constatação, ele acrescentou: “A salvação vem somente do Senhor!”. Não pertence a nenhuma raça ou classe de pessoas. Os religiosos não a merecem mais que os irreligiosos. Não é resultado de qualidade ou mérito em nós. A salvação vem somente do Senhor.

Há uma sugestão intrigante de autoconhecimento nessa oração. De acordo com Jonas, o que impede a manifestação da graça na vida de uma pessoa? Seu apego a ídolos. Por que, então, o próprio Jonas tinha se enganado tanto em seu entendimento da vontade e do coração de Deus? A resposta é — *sua* idolatria. Seu medo de fracasso pessoal, o orgulho que tinha de sua religião e seu amor intenso pelo país haviam se combinado em uma mistura idolátrica fatal que o cegara espiritualmente para a graça de

Deus. Em consequência disso, ele não quis estender essa graça a uma cidade inteira que dela necessitava. Queria vê-los todos mortos.

Raça e graça

O orgulho racial e a mesquinhez cultural não podem coexistir com o evangelho da graça. São mutuamente excludentes. Um repele o outro. Por causa da natureza autojustificadora do coração humano, é normal considerar as características da cultura ou classe à qual pertencemos superiores às de todo o restante do mundo. Mas essa tendência natural é detida pelo evangelho.

Vemos isso no confronto de Paulo com Pedro em Gálatas 2. Pedro, na condição de apóstolo judeu, havia sido criado para considerar os gentios “impuros” espiritualmente, pessoas com as quais não deveria comer. Nas culturas da antiguidade, comer com alguém simbolizava abertura e aceitação. Quando Paulo viu Pedro se recusando a comer com cristãos gentios, ele o confrontou por seu racismo. Mas como? Paulo não disse: “Você está violando a regra contra o racismo”, mas, sim, que Pedro não estava agindo “conforme a verdade do evangelho” (Gl 2.14). O preconceito racial, argumentou Paulo, era uma negação do próprio princípio da salvação pela graça. Ele argumentou: “Pedro, se somos todos salvos somente pela graça — como você pode se sentir superior a alguém? Como pode continuar a ser racial e nacionalmente exclusivista? Aplique o evangelho ao seu coração!”. Certamente, Pedro conhecia o evangelho em um nível específico, mas, em um nível mais profundo, não havia sido influenciado por ele. Não estava agindo “conforme” o evangelho.

Aqueles que não estão seguros em Cristo saem a procura de salva-vidas espirituais para sustentar sua confiança, e nessa busca frenética, agarram-se não apenas aos fragmentos de capacidade e justiça que encontram em si mesmos, mas também escolhem sua raça, sua filiação a um partido, os padrões sociais e eclesiais de sua família e sua cultura como meio de autorrecomendação. Revestem-se da cultura como se fosse armadura contra a falta de fé em si mesmos, mas ela se torna uma camisa de força mental que adere à carne e jamais pode ser removida, exceto por uma fé abrangente na obra salvadora de Cristo.¹³

No ventre do peixe, Jonas começou a entender o que não tinha percebido, bem como a razão por que havia sido tão hostil ao chamado divino original. Seu chamado era para ir e pregar a graça à maior cidade do mundo, mas ele mesmo não tinha compreendido essa graça. Devastado e humilhado, começou a entender a verdade. A salvação era pela graça, portanto, estava disponível para absolutamente todo o mundo. Seus ídolos culturais parecem ter sido removidos à medida que ele se tornava consciente de tudo isso. E, nesse momento, o peixe o vomitou em terra firme. Jonas, o profeta, teve mais uma oportunidade.

O fim surpreendente

Então a palavra do SENHOR veio a Jonas pela segunda vez, dizendo: “Levante-se, vá para Nínive, a grande cidade, e proclame a mensagem que estou lhe dizendo”. Então, Jonas se levantou e partiu para Nínive, conforme a palavra do SENHOR. Nínive agora era uma cidade muito grande — da largura de três dias de viagem — e importante para Deus. Jonas avançou cidade adentro por um dia e clamou: “Em quarenta dias, Nínive será destruída!”. E o povo de Nínive creu em Deus. Decretaram um jejum e se vestiram de pano de saco, do maior ao menor. [...] Quando Deus examinou suas obras, que tinham abandonado seus maus caminhos, desistiu de causar o desastre que pretendia contra eles e não o executou. Mas o que Deus fez era tão terrível aos olhos de Jonas que o profeta ardeu de raiva (Jn 3.1-5,10; 4.1, TA).

Agora vem a parte da história quase universalmente ignorada. Mais uma vez, Deus deu a Jonas a responsabilidade de ir a Nínive, e dessa vez ele obedeceu. Começou a pregar e, para sua (e nossa) surpresa, o povo da cidade reagiu positivamente. Começaram a arrepender-se enquanto alguns diziam: “Quem sabe? Deus ainda pode arrepender-se e com compaixão se afastar do furor de sua ira, de modo que talvez não pereçamos” (3.9). O resultado foi que a cidade abandonou “seus maus caminhos”, descritos pelo versículo 8 como “sua violência”. A nação da Assíria era de fato violenta ao extremo, mas aqui, ao menos por algum tempo, demonstrou arrependimento e disposição em corrigir-se.

Deus teve misericórdia deles. Não houve indício de que os ninivitas se tornaram judeus ou que se converteram ao serviço pleno do Deus de Israel.

Nada disso aconteceu, mas Deus se absteve de castigá-los, tão predominante é sua vontade de salvar e não punir.

Qualquer pessoa, ao ler essa história, esperaria que o livro terminasse nesse trecho maravilhoso. Contrariando as expectativas, Jonas retornou dos mortos e cumpriu sua missão, os ninivitas se arrependeram e demonstraram estar comprometidos em abandonar a violência e o imperialismo, e Deus havia mostrado como é misericordioso e amoroso com todos os povos. Tudo o que restaria agora para completar a história seria um versículo final, Jonas 3.11: “E Jonas voltou exultante para sua terra!”.

Mas *não* foi o que aconteceu. A grande surpresa da história ocorre no momento que deveria ter sido o de maior triunfo para Jonas. Ele pregara para a cidade mais poderosa do mundo e a deixara literalmente de joelhos. Contudo, a resposta positiva de Nínive à sua pregação o enfureceu de tal maneira que ele acusou Deus de maldade e pediu para ser morto ali mesmo!

E orou ao SENHOR e disse: “Ó SENHOR, não foi isso que falei quando ainda estava em minha terra natal? Por isso fugi depressa para Tárzis; pois sabia que és um Deus gracioso e compassivo, muito paciente e abundante em amor fiel, e que também renuncias a planos de produzir desastre. Por isso, agora, ó SENHOR, por favor, tira-me a vida, pois para mim a morte é melhor que a vida” (Jn 4.1-3, TA).

As motivações do coração de Jonas enfim são plenamente reveladas. “Eu sabia!”, ele declara. “Sabia que tu és um Deus compassivo, tão rápido em perdoar, muito desejoso em salvar, tão constante em tua paciência! *Sabia* que não podia confiar em ti! Antes de mais nada, eis a razão por que fugi! Tinha medo de que se pregasse um Deus como tu para esse povo, tu lhe perdoarias ao primeiro sinal de arrependimento. Chega! Desisto! Podes tirar-me a vida!” Não há discurso mais surpreendente na Bíblia, ou talvez em toda a literatura antiga. Enfim o ídolo de Jonas foi exposto, revelando sua repulsa por aquela raça e nação.

Jonas odiava tanto a raça assíria que considerava o perdão de Deus concedido a ela a pior coisa que poderia ocorrer. Estava disposto a confrontar e acusar os ninivitas, mas não podia amá-los. Não queria que fossem salvos; não queria que recebessem a misericórdia de Deus.¹⁴

O que aconteceu? No ventre do peixe, Jonas havia começado a entender a ideia de que todos os seres humanos são igualmente indignos do amor de Deus e que, por isso, todos têm igual acesso à graça divina. No entanto, os ídolos de Jonas tinham se reafirmado com fúria. Seu entendimento da graça divina no capítulo 2 havia sido principalmente intelectual. Não lhe penetrara o coração. Jonas serve de advertência de que o coração humano nunca muda rápida ou facilmente, mesmo quando a pessoa está sendo orientada pelo próprio Deus. Assim como Paulo precisou confrontar Pedro por seu fracasso em usar o evangelho para tratar seu racismo, assim a obra de Deus em Jonas está incompleta.

Alguém já disse que, se você quiser saber se há ratos no porão, não deveria descer os degraus devagar e fazendo muito barulho. Nesse caso, olhará em redor e não verá nada. Se quiser saber o que de fato tem lá embaixo, precisa surpreendê-los correndo e descendo os degraus aos saltos, bem depressa. Então verá um monte de rabinhos se escondendo. Também é sob estresse, na experiência da vida real, que a verdadeira natureza do nosso coração se revela. Por exemplo, todos os cristãos dizem e acreditam que Cristo é seu Salvador, não sua carreira profissional ou riqueza. O que Cristo pensa a nosso respeito é o que importa, não a aprovação humana. É o que *dizemos*. Mas, embora Jesus seja nosso Salvador em princípio, outras coisas continuam mantendo a posição funcional de salvadores em nosso coração. Jonas nos mostra que uma coisa é crer no evangelho com a mente, outra é incutir o evangelho no fundo do nosso coração para influenciar tudo o que pensamos, sentimos e fazemos. Ele ainda está sendo controlado, em vasta medida, pela idolatria.

Ídolos, pensamento e sentimento

A idolatria distorceu o modo de pensar de Jonas.¹⁵ Ele se entrega a um discurso inflamado que a maioria das pessoas consideraria insano. Como Jonas podia se enfurecer com o fato de Deus ser um Deus de compaixão, amor e paciência?! Pela mesma razão que o apaixonado Jacó pôde ser

ludibriado com tanta facilidade, e o ganancioso Zaqueu pôde trair seu país e todos a seu redor. Eles estavam cegos por seus ídolos.

Quando um ídolo se apodera de seu coração, ele produz um conjunto de definições falsas de sucesso e fracasso e felicidade e tristeza. Redefine a realidade segundo os próprios termos. Quase todo mundo pensa que um Deus todo-poderoso de amor, paciência e compaixão é algo bom. Mas, caso o poder e a condição de seu povo seja seu bem supremo, seu ídolo, então qualquer coisa que se intrometa no caminho será, por definição, ruim. Quando o amor de Deus evitou a destruição do inimigo de Israel, Jonas, por causa de seu ídolo, viu-se obrigado a ver o amor de Deus como algo ruim. Afinal, os ídolos tornam possível chamar o mal de bem e o bem de mal.¹⁶

Os ídolos distorcem não apenas nosso pensamento, mas também nossos sentimentos.

E o Senhor disse: “É bom que você arda com tanta raiva?”. Jonas então deixou a cidade e sentou-se ao oriente dela, onde construiu para si um abrigo. Sentou-se à sombra dele, esperando para ver o que aconteceria com a cidade. A fim de livrá-lo de seu abatimento, o Senhor Deus ordenou que uma *gigayon* crescesse rapidamente sobre Jonas para fazer sombra sobre sua cabeça. E Jonas ficou contentíssimo e feliz com a planta. Mas ao raiar do dia seguinte, Deus ordenou que uma lagarta atacasse a *gigayon*, de modo que ela secasse. E quando o sol se ergueu mais, Deus designou um vento oriental cortante e que o sol batesse na cabeça de Jonas de modo que ele ficasse desfalecido e fraco. E ele desejou muito morrer, pensando: “Para mim é melhor morrer do que viver”. Mas Deus disse a Jonas: “É razoável que você fique com tanta raiva e tão abatido por causa da planta?”. E ele respondeu: “Sim, é. Estou com raiva e abatido o suficiente para morrer” (Jn 4.4-9, TA).

Jonas deixou a cidade que desprezava e construiu para si um abrigo do sol. Ainda esperava que Deus voltasse atrás e castigasse Nínive. Mas agora a preocupação de Deus era Jonas. Ele permitiu que uma “planta *gigayon*”, uma videira de rápido desenvolvimento, crescesse, refrescasse seu abrigo e lhe desse sombra. As folhagens e o conforto serviram de consolo para o profeta abatido. No entanto, depois disso, Deus introduziu uma nova decepção em sua vida, ainda que em pequena escala, fazendo a planta morrer. Jonas estava com a sensibilidade tão à flor da pele que o novo desalento também lhe provocou irritação. De novo, sentiu-se irado demais para viver. Dessa vez, quando Deus lhe perguntou se sua raiva era

justificada, Jonas retrucou que sim, que estava “com raiva [...] o suficiente para morrer”.

Deus o confrontou por isso. Não disse que é errado ter raiva, uma vez que ele mesmo fala de modo regular sobre o próprio “furor da ira” contra a injustiça e o mal. No entanto, a raiva de Jonas era injustificada e desproporcional.

A idolatria distorce nossos sentimentos. Do mesmo jeito que os ídolos são coisas boas convertidas em supremas, assim os desejos que eles geram se tornam paralisantes e dominantes. Os ídolos geram crenças falsas como “Se não puder ter ‘x’, minha vida não valerá de nada” ou “Como perdi ou desapontei ‘y’, agora nunca mais conseguirei ser feliz ou me sentir perdoado”. Essas crenças ampliam decepções e fracassos cotidianos, transformando-os em experiências que acabam com a vida.

Uma jovem chamada Mary, musicista talentosa, frequentou minha igreja durante um período. Por anos, havia lutado contra uma doença mental e sido internada em instituições psiquiátricas. Deu-me permissão, como seu pastor, para conversar com seu terapeuta a fim de que minha orientação pastoral para ela tivesse uma boa informação. “Mary praticamente adora a aprovação dos pais”, ele me disse, “e eles sempre quiseram que ela fosse uma artista de primeira qualidade. Ela é muito boa, mas nunca atingiu o auge da profissão, e não consegue conviver com a ideia de que decepcionou os pais”. Medicamentos ajudaram a administrar sua depressão, mas não tinham como tratar da raiz do problema: uma crença falsa, motivada por um ídolo. Mary dizia para si mesma: “Se eu não posso ser uma violinista renomada, decepcionei meus pais e minha vida é um fracasso”. Vivia aborrecida e sentindo-se culpada o suficiente para morrer. Quando começou a crer no evangelho, que a salvou pela graça, não pela habilidade musical, e na verdade de que ainda que seus pais a abandonassem, o SENHORA acolheria (Sl 27.10), começou a encontrar alívio de sua necessidade idolátrica da aprovação dos pais. Com o tempo, a depressão e ansiedade começaram a melhorar, e ela foi capaz de retomar a vida e a carreira musical.

Há uma culpa legítima que é removida pelo arrependimento e pela restauração, e existe uma culpa irremediável. Quando as pessoas dizem: “Sei que Deus me perdoa, mas não consigo perdoar-me”, querem dizer que decepcionaram um ídolo, cuja aprovação é mais importante para elas que a de Deus. Os ídolos funcionam como deuses em nossa vida, e assim, se fizermos da carreira profissional ou da aprovação dos pais nosso deus e o decepcionarmos, então o ídolo nos amaldiçoa em nosso coração pelo resto da vida. Não conseguimos nos livrar do sentimento de fracasso.

Quando a idolatria se projeta para o futuro — quando nossos ídolos são ameaçados —, o medo e a ansiedade paralisantes se instauram. Quando ela se projeta para o passado — ao e nos lembra que decepcionamos nossos ídolos —, resulta em culpa irremediável. Quando a idolatria se projeta para a vida presente — quando nossos ídolos são detidos ou removidos pelas circunstâncias —, ela nos perturba com raiva e desespero.¹⁷

Tudo isso ocorria no coração de Jonas. Por que ele perdeu a vontade de viver? Ninguém perde a vontade de viver a menos que tenha perdido o sentido da vida. O sentido da vida de Jonas era a liberdade da nação à qual pertencia. Isso é um bom desejo, mas havia se tornado algo supremo. Por isso, os assírios o enchiam de ódio e raiva profundos, pois eram um obstáculo para que ele alcançasse seu ídolo. Agora, era o próprio Deus e sua misericórdia que enchiam Jonas de raiva e desespero, pois o Senhor havia se tornado um obstáculo no caminho para o futuro de Israel desejado por Jonas.

O verdadeiro Jonas

E o Senhor disse: “Você se afligiu pela planta *gigayon*, que não plantou, não fez crescer e que veio à existência e pereceu em uma noite. E eu não deveria ter compaixão de Nínive, a grande cidade, em que há mais de 120 mil pessoas que não sabem discernir entre mão direita e esquerda, e muitos animais?” (Jn 4.10,11).

Deus confrontou Jonas com o fato de ele se aborrecer mais em ficar queimado de sol do que com os milhares de pessoas “que não sabem

discernir entre mão direita e esquerda”. Seu amor idolátrico pelo próprio país e sua presunção moral tinham eliminado a compaixão de Jonas pelas grandes cidades e nações do mundo. A única coisa que lhe importava era o próprio país.

Deus agiu de maneira diferente. Terminou sua instrução a Jonas estabelecendo um contraste deliberado entre si mesmo e o profeta. Deus pediu a Jonas que deixasse sua zona de conforto e sua segurança e fosse, em atitude de amor, ministrar a um povo que poderia prejudicá-lo. De início, Jonas se recusou a ir, mas, depois foi, mesmo que sem compaixão. Deus respondeu: “Você não teve compaixão dessa cidade, mas eu terei”. Deus sugeriu que amaria a cidade ímpia e violenta de uma maneira que Jonas havia se recusado a fazer.

O que isso significa? Como Deus fez o que Jonas não fez?

Séculos mais tarde, apareceu alguém que a seus ouvintes atônitos disse ser o Jonas supremo (Mt 12.39-41). Ao vir à terra, Jesus Cristo deixava a zona de conforto máxima para vir e ministrar não só às pessoas que *poderiam* prejudicá-lo, mas àquelas que de fato o fariam. E, a fim de salvá-las, teria de fazer muito mais que pregar; teria de morrer por elas. Enquanto o Jonas original foi supostamente dado como morto, Jesus morreu de verdade e ressuscitou. Foi o que ele chamou de o sinal de Jonas (Mt 12.39, NIV).

Considere outro sentido em que Jesus foi o Jonas supremo. Em Marcos 4, temos um relato da vida de Jesus que remete deliberadamente à história do Antigo Testamento. Uma tempestade terrível se abateu sobre um barco em que, como Jonas, Jesus continuou dormindo. Como os marinheiros, seus discípulos ficaram apavorados e o acordaram para dizer que estavam prestes a morrer. Nos dois casos, a tempestade foi milagrosamente acalmada, e os passageiros das duas embarcações foram salvos pelo poder de Deus.

Mas aqui está a grande diferença. Jonas foi lançado apenas em uma tempestade de água e vento. Sobre a cruz, no entanto, Jesus foi lançado na tempestade suprema — de toda a justiça e castigo divinos que nós merecemos por nossas transgressões. Quando luto com meus ídolos, penso

em Jesus, curvando a cabeça voluntariamente para dentro dessa tempestade suprema, assumindo-a sem titubear, por mim. Ele afundou naquela tempestade terrível a fim de que eu não temesse mais nenhuma outra tempestade na vida. Se fez isso por mim, então sei que meu valor, confiança e missão na vida estão nele. As tempestades aqui na terra podem levar embora muita coisa, incluindo minha vida física, mas não a minha Vida.

Deus indicou a Jonas que amaria as grandes cidades perdidas da terra de uma maneira que Jonas não o faria. No evangelho de Jesus Cristo, o verdadeiro Jonas, esse compromisso se cumpriu.

Jonas e nós

O livro de Jonas termina com uma questão. Deus lhe pergunta: “Seu amor não deveria ser igual ao meu? Não quer deixar seu egocentrismo e sua idolatria e começar a viver para mim e pelos outros?”. Esperamos uma resposta que nunca vem! Porque o livro acaba.

O fim é brilhante e satisfatório. Porque não precisamos nos perguntar se Jonas se arrependeu e viu a luz. Deve tê-lo feito. Como sabemos disso? Bem, de que outra forma conheceríamos essa história, a menos que Jonas a relatasse para alguém? E quem *haveria* de contar uma história em que é visto como um tolo maldoso em cada página, a não ser um homem em quem a graça de Deus alcançou o centro de seu coração?

Por que, então, não nos é apresentada a resposta de Jonas no livro? É como se Deus mirasse uma seta de repreensão em amor no coração do profeta, disparasse e, de repente, Jonas desaparecesse, deixando-nos no trajeto da seta. A pergunta vem diretamente a nós porque você e eu somos Jonas. Estamos de tal modo escravizados a nossos ídolos que não nos importamos com pessoas que são diferentes, que vivem nas grandes cidades ou que até pertencem a nossa família, mas são muito difíceis de amar. Será que, como Jonas, estamos dispostos a mudar? Em caso afirmativo, precisamos olhar para o Jonas Supremo e seu sinal, para a morte e ressurreição de Jesus Cristo.

¹ Sheelah Kolhatkar, “Trading down”, *New York Times*, July 5, 2009.

² O juramento podia ser acessado em 10 de junho de 2009 em: mbaoath.org/take-the-oath.

³ “Forswearing greed”, *The Economist*, June 6, 2009, p. 66. Veja tb. Leslie Wayne, “A promise to be ethical in an era of immorality”, *New York Times*, May 29, 2009.

⁴ Andrew Delbanco, *The real American dream: a meditation on hope* (Cambridge: Harvard University Press, 1999), p. 3, 23.

⁵ *Ibidem*, p. 5.

⁶ O “zombador” (*lêts* em hebraico) costuma ser traduzido por “escarnecedor” ou “aquele que caçoa, ridiculariza”. Esse personagem aparece 14 vezes no livro de Provérbios. Seu problema é a soberba e a arrogância (14.6; 21.24). Veja Bruce Waltke, *The book of Proverbs: chapters 1—15* (Grand Rapids: Eerdmans, 2004), p. 114 [edição em português: *Comentários do Antigo Testamento: Provérbios*, tradução de Susana Klassen (São Paulo: Cultura Cristã, 2011), vol. 1].

⁷ Entre os cristãos ortodoxos há muita gente e igreja que faz admoestações contra a incredulidade e o erro. De fato, isso precisa ocorrer com frequência, e Provérbios 26.28 diz que as “palavras bajuladoras” de quem reluta em criticar os que estão no poder destroem a igreja. Mas muitos dos que creem, mesmo quando chamam a atenção para ensinamentos e práticas para os quais é preciso chamar atenção, fazem-no com as características do zombador do livro de Provérbios. Em resposta a essa acusação, alguns deles ressaltam que oradores e escritores bíblicos fizeram uso de sarcasmo. É verdade — pode-se vê-lo no debate de Elias com os profetas de Baal em 1Reis 18, ou em especial na crítica de Paulo a seus críticos em 2Coríntios 10—13. Sarcasmo e ironia talvez sejam maneiras eficazes de enfatizar alguma ideia, mas o escárnio e o desdém não podem ser a maneira estabelecida e principal que pecadores dirigem-se a outros pecadores.

⁸ “Os dons do Espírito são excelentes, mas [...] não são inerentes à natureza, como a graça e a santidade verdadeiras o são [...] os dons do Espírito são, por assim dizer, joias preciosas que o homem carrega em si. Mas a graça verdadeira no coração é, por assim dizer, a preciosidade do coração, pela qual [...] a própria alma se converte em uma joia preciosa. [...] O Espírito de Deus pode produzir efeitos em muitas coisas com as quais não se relaciona. Assim, o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas, mas não a ponto de relacionar-se com as águas. Todavia, quando o Espírito, por sua influência ordinária, concede graça salvadora, ele se relaciona com a alma. [...] Sim, graça é, por assim dizer, a natureza santa do Espírito de Deus transmitida para a alma” (Jonathan Edwards, “Charity and its fruits, sermon two”, in: Paul Ramsey, org., *Works of Jonathan Edwards* [New Haven: Yale University Press, 1989], vol. 8: *Ethical writings*, p. 152-73).

⁹ Veja Timothy Keller, *The prodigal God* (New York: Dutton, 2008) [edição em português: *Deus pródigo: recuperando a essência da fé cristã* (São Paulo: Vida Nova, 2018)].

¹⁰ Kenneth Gergen relaciona mais de vinte problemas psicológicos surgidos só no século 20 em razão da ênfase contemporânea na autorrealização — anorexia, bulimia, estresse, baixa autoestima. Veja *The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life* (Basic Books, 1991), p. 13.

¹¹ As passagens bíblicas citadas na publicação original deste livro são tiradas em sua maioria da New International Version (NIV). Neste capítulo, no entanto, contarei com minha própria tradução do livro de Jonas. (Para isso, dependi quase sempre dos *insights* de Jack Sasson, *Jonah: a new translation with introduction, commentary, and interpretation*, The Anchor Bible [New York: Doubleday, 1990]; Phyllis Trible, *Rhetorical criticism: context, method, and the Book of Jonah* [Minneapolis: Augsburg Fortress, 1994]; e Young’s Literal Translation of the Bible.)

12 Leslie C. Allen indica que a lembrança do nacionalismo cego de Jonas seria semelhante ao modo que recordamos a declaração de Hitler relacionada à necessidade de *Lebensraum* [espaço de vida]. (*The books of Joel, Obadiah, Jonah, and Micah* [Grand Rapids: Eerdmans, 1976], p. 202; cf. Rosemary Nixon, *The message of Jonah* [Downers Grove: InterVarsity, 2003], p. 56-8). Nixon e Allen acreditam que os ouvintes se lembrariam de Jonas como um sectário e xenófobo agressivo, portanto, ficariam surpresos ao saber que ele havia sido chamado para pregar e advertir espiritualmente as pessoas em Nínive, capital da Assíria.

13 Richard Lovelace, *The dynamics of spiritual life* (Downers Grove: Inter Varsity, 1982), p. 198, 212 [edição parcial em português: *Dinâmicas da vida espiritual* (São Paulo: Shedd, 2018)].

14 Jonathan Edwards, em sua obra sobre filosofia moral *The nature of true virtue*, entende que se você ama seu país mais do que Deus, será beligerante com outras nações e raças. Ele ressalta que os romanos consideravam o amor ao país a mais elevada de todas as virtudes, mas essa prioridade “era usada para a destruição do restante da humanidade” (P. Ramsey, org., *Works of Jonathan Edwards*, vol. 8: *Ethical writings*).

15 Halbertal e Margalit analisam com profundidade essa dinâmica — ou seja, que a idolatria se origina do erro e da ilusão na mente, e crenças errôneas levam, por sua vez, à idolatria. Veja os capítulos “Idolatry and representation”, “Idolatry as error”, “The wrong god” e “The ethics of belief” em *Idolatry* (Cambridge: Harvard University Press, 1992).

16 Da perspectiva bíblica, a idolatria e o erro mental andam juntos, e isso nos ajuda a entender o relacionamento entre o primeiro e o segundo mandamentos: “Não terás outros deuses diante de mim” e “Não farás para ti imagem de escultura”. Não só somos proibidos de adorar deuses falsos como não devemos tentar fazer uma imagem visual do Deus verdadeiro. Por quê? Halbertal e Margalit investigam em detalhes essa questão e concluem que a tentativa de produzir imagens de Deus leva qualquer um a distorções e reduções. Por exemplo, uma imagem poderia mostrar Deus bastante majestoso, mas conseguiria ao mesmo tempo retratar seu grande amor? No fim, qualquer pessoa que tente produzir uma imagem da divindade criará uma distorção, portanto, um deus falso, mesmo que a intenção seja adorar o Deus verdadeiro. Assim, uma das grandes esferas da idolatria é o erro doutrinário ou teológico. Se alguém acredita em um Deus de amor, mas não de justiça; ou de santidade e não de misericórdia, o entendimento dessa pessoa está aquém do Deus bíblico, de modo que ela, na verdade, adora um deus falso. Veja Margalit; Halbertal, caps. 2, 4, 5 e 6. A resposta do Novo Testamento para a questão do motivo por que Deus nos proíbe fazer uma imagem física dele (Êx 20.4) é que ele próprio nos concedeu sua imagem — Jesus Cristo, que é (literalmente) o *ícone* do Deus invisível (Cl 1.15).

17 Esse parágrafo resume o capítulo 6 de *Two worlds*, de Thomas Oden.

SETE

O FIM DOS DEUSES FALSOS

Nada é mais comum

No século 17, o ministro inglês David Clarkson pregou um dos sermões mais abrangentes e penetrantes sobre deuses falsos já escritos.¹ A respeito de idolatria, ele disse: “Embora poucos a admitam, nada é mais comum”. Se pensarmos em nossa alma como uma casa, ele disse: “Os ídolos estão dispostos em todos os cômodos, em cada canto”. Preferimos a nossa sabedoria à sabedoria de Deus, nossos desejos à vontade de Deus, e nossa reputação à honra de Deus. Clarkson observou os relacionamentos humanos e mostrou que temos a tendência de torná-los mais influentes e importantes para nós do que Deus. De fato, mostrou que “muitos tornam até transformam seus inimigos em deuses [...] quando estão mais preocupados, inquietos e perplexos em seu receio dos perigos impostos pelos homens a sua liberdade, propriedades e vida” do que preocupados com o que causa descontentamento em Deus.² O coração humano é mesmo uma fábrica de produção em série de ídolos.

Existe alguma esperança? Sim, se começarmos a entender que os ídolos não podem ser simplesmente removidos. Têm de ser substituídos. Se você tentar apenas erradicá-los, eles voltam a crescer; mas pode-se colocar outra coisa no lugar. O quê? O próprio Deus, claro. Mas por *Deus* não queremos dizer uma crença genérica em sua existência. A maioria das pessoas tem essa crença, no entanto, vive com a alma repleta de ídolos. Necessitamos de um encontro vivificante com Deus.

Jacó, com quem nos encontramos no capítulo 2, certamente acreditava em Deus, mas precisava de algo mais para derrotar os deuses falsos que o

escravizavam. Em Gênesis 32, ele encontrou. Essa é uma das narrativas mais poderosas e dramáticas da Bíblia. É também uma das mais misteriosas, mas que se estabelece claramente como o ponto central da vida de Jacó.

O irmão que regressa

Jacó havia fugido para um país distante e, apesar de muitas lutas, tinha prosperado. Contudo, seu tio Labão e seus primos se ressentiam de Jacó e o invejavam (Gn 31.1,2). Ele concluiu que tinha de partir ou enfrentar a discórdia, talvez até um conflito violento. Por fim, resolveu regressar para a terra natal com sua enorme família, as duas mulheres, Leia e Raquel, e todos os servos, rebanhos e animais.

O autor de Gênesis escreveu um breve enredo secundário, mas significativo, sobre Raquel, esposa de Jacó, a qual, ao partir, “furtou os ídolos que pertenciam a seu pai” (Gn 31.19). Por que ela fez isso? Pode ter sido uma espécie de apólice de seguro espiritual. Talvez, pensou Raquel, o Senhor a ajudasse da próxima vez que estivesse em apuros, como parecia ajudar Leia, mas, caso contrário, ela invocaria os antigos deuses. No entanto, o Senhor não pode ser acrescentado à vida como mais uma garantia contra o fracasso. Ele não é mais um recurso a ser empregado com o intuito de nos ajudar a alcançarmos nossos interesses. Ele é um interesse totalmente novo. Raquel não tinha aprendido isso. A família que haveria de trazer a salvação do Senhor no futuro tinha profundos defeitos e era carente da graça.

Jacó partiu para sua terra natal com a família inteira e suas propriedades. Ao se aproximar de seu destino, recebeu notícias alarmantes. “... Fomos ao encontro de teu irmão Esaú; na verdade, ele está vindo para encontrar-te, acompanhado de quatrocentos homens” (Gn 32.6). Os piores temores de Jacó pareciam se concretizar. Por que outro motivo Esaú estaria vindo com um pequeno exército senão para atacá-lo? Jacó decidiu agir. Primeiro, orou a Deus pedindo socorro. Em seguida, enviou uma enorme porção de seu rebanho de presente a Esaú, acompanhada de alguns servos. Depois disso,

repartiu a família e as outras pessoas que o acompanhavam em dois grupos, pensando que, se Esaú atacasse metade de seu povo, a outra teria tempo para fugir (Gn 32.7,8). Com todos os preparativos concluídos e tendo enviado os dois grupos na frente, Jacó se sentou para passar a noite sozinho.

A luta por bênção

Na mente de Jacó, o dia seguinte seria o momento definitivo de sua vida. Ele tinha lutado com Esaú a vida inteira. No ventre da mãe, os gêmeos Esaú e Jacó tinham se mantido ativos de forma incomum, lutando um contra o outro (Gn 25.22). Quando cresceram, Jacó disputou com Esaú o favor e o amor do pai, bem como a honra e a liderança da família. Constantemente, o pai favorecia Esaú em detrimento de Jacó, e há poucas coisas mais dolorosas para um filho. Afinal, chegou o dia em que Isaque concederia a Esaú a bênção ritual que acompanhava seu direito de primogenitura, a maior parte dos bens da família. Jacó, no entanto, disfarçou-se de Esaú e enganou o quase cego Isaque por tempo suficiente para que o pai proferisse a bênção. Em seguida, fugiu. Quando Esaú descobriu o que havia ocorrido, jurou matar Jacó. Assim, Jacó fugiu para o exílio a fim de salvar a própria vida.

Por que Jacó roubou a bênção de Esaú? Os leitores modernos acham difícil entender esse tipo de motivação. Com certeza, Jacó sabia que seu artifício seria descoberto muito depressa e que Isaque jamais teria lhe dado a maior parte da riqueza da família. Toda a esperança de Jacó estava na ratificação cerimonial. Por que ele resolveu perder tanto para ganhar tão pouco? Creio que foi porque Jacó, mesmo sob falsos pretextos, ansiava por ouvir o pai dizer: “Deleito-me em você mais do que em qualquer outra pessoa do mundo!”. Portanto, todo ser humano necessita de bênção. Todos precisamos da afirmação de uma fonte externa a respeito de nosso valor único. O amor e a admiração daqueles que você mais ama e admira estão acima de todas as recompensas. Todos procuramos essa admiração profunda em nossos pais, cônjuge e pares.

A vida de Jacó tinha sido uma longa luta para obter a bênção. Ele havia lutado com Esaú com o intuito de ouvi-la dos lábios do pai. Lutara com Labão para encontrá-la no rosto de Raquel. Mas isso não tinha dado certo. Continuava carente e vazio por dentro. Os relacionamentos no seio de sua família eram turbulentos. Sua idolatria centrada em Raquel e nos filhos dela tinham envenenado a vida de Leia e seus filhos e resultaria em um fruto amargo no futuro.

Agora, Esaú vinha a seu encontro, o homem que o mantivera longe do amor do pai, da herança, de seu destino, da felicidade. Acompanhava-o um exército. O dia seguinte seria o da batalha final. Não era de surpreender o desejo de Jacó de passar a última noite sozinho para se preparar para o dia do acerto de contas. Naquela noite, porém, na escuridão profunda, ele foi atacado de forma inesperada por um vulto solitário, e os dois lutaram durante horas.

O estranho misterioso

A história dramática é descrita com grande parcimônia.

Porém Jacó ficou sozinho. E um homem pôs-se a lutar com ele até o romper do dia. E quando viu que não prevalecia contra ele, tocou a junta da coxa de Jacó, e esta se deslocou enquanto lutava com ele. Disse o homem: Deixa-me ir, porque o dia já vem rompendo. Porém Jacó respondeu: Não te deixarei ir se não me abençoares. E ele lhe perguntou: Qual é o teu nome? E ele respondeu: Jacó. Então disse: Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste. Perguntou-lhe Jacó: Peço-te que me digas o teu nome. O homem respondeu: Por que perguntas o meu nome? E ali o abençoou. Por isso Jacó deu ao lugar o nome de Peniel, dizendo: De fato vi Deus face a face, e a minha vida foi preservada. E o sol nascia quando ele atravessou Peniel; e mancava de uma perna (Gn 32.24-31).

Quem era o personagem misterioso? O narrador, de forma proposital, oculta a identidade desse personagem para o leitor, mas dá algumas pistas. Primeiro, houve o toque poderoso (v. 25). O sentido literal do termo hebraico traduzido por “tocou” indica o mais leve contato ou um tapinha. O oponente de Jacó se limitou a tocar-lhe a coxa com o dedo e, no mesmo instante, ela se deslocou, incapacitando-o de modo permanente. Com isso

fica claro que o adversário de Jacó se contivera o tempo todo para não o matar. Tinha um poder enorme, sobre-humano.

Além disso, esse personagem insistiu em que precisava partir à medida que foi se aproximando a alvorada. Por quê? Jacó sabia que ninguém podia olhar para a face de Deus e viver (Êx 33.20). Mais tarde, ele constatou ser a razão pela qual seu oponente quisera ir embora antes que o sol nascesse: para a proteção do próprio Jacó. Como ele disse: “... vi Deus face a face, e a minha vida foi preservada”. Isso pode significar que, ao primeiro tom de cinza do início da aurora, ele conseguiu distinguir os traços no rosto do lutador divino, pouco antes que desaparecesse. Se tivesse visto a face de Deus à luz brilhante do dia, teria perecido.

Vencendo por meio da fraqueza

Jacó reconheceu com quem lutava — o próprio Deus! Quando entendeu isso e viu o sol surgindo, ele fez a coisa mais surpreendente de sua vida. Não fez a coisa mais lógica, que teria sido gritar: “Solte-me! Solte-me! Não quero morrer!”. Em vez disso, fez exatamente o oposto. Agarrou-se com força e disse: “Não te deixarei ir se não me abençoares!”.

Jacó estava dizendo algo mais ou menos assim:

Que idiota tenho sido! Aqui está o que procurei a vida inteira. A tua bênção! Procurei-a na aprovação do meu pai. Procurei-a na beleza de Raquel. Mas ela estava em ti. Agora não te deixarei ir enquanto não me abençoares. Nada mais importa. Não me interessa se morrerei nesse processo, porque se não puder contar com a tua bênção, nada terei. Nada mais bastará.

Em consequência disso, lemos que Deus “ali o abençoou”. Palavras maravilhosas, misteriosas. Uma bênção na Bíblia é sempre verbal, de modo que Deus deve ter proferido palavras ao coração de Jacó. Quais foram elas? Não nos é revelado. Foi algo parecido com a voz de bênção proferida do céu sobre o grande descendente de Jacó — “... Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado” (Mc 1.11)? Não sabemos quais foram as palavras exatas, mas não há nada superior à bênção de Deus. E Jacó foi embora como o retrato de alguém que cria no evangelho, pois estava aleijado permanentemente,

mas permanentemente realizado. Fora humilhado, mas encorajado — tudo ao mesmo tempo.

Assim, Jacó venceu! Deus disse: “Você lutou com Deus [...] e venceu”. Ele era vitorioso porque, ao identificar a natureza divina desse adversário misterioso, não fugiu, antes se manteve firme. Enfim conseguiu a bênção pela qual ansiara a vida inteira. Logo em seguida, Jacó se encontrou com Esaú e seu grupo de homens, e, para seu alívio, soube que o irmão fora até ali saudá-lo em paz e dar-lhe as boas-vindas à sua casa. Desse modo, a hostilidade entre eles chegara ao fim.

A fraqueza de Deus

Quem lê sobre a vida de Jacó poderia ficar perplexo nesse trecho. Em nenhum episódio de toda a sua vida, Jacó aparece como herói. Nunca se comportou como um paradigma moral; em vez disso, agiu o tempo todo de maneira tola, enganosa ou mesmo perversa. Absolutamente, não parecia merecer bênção alguma de Deus. Se Deus é santo e justo, por que foi tão gracioso com Jacó? Por que simularia fraqueza para evitar matá-lo, depois, dar-lhe indicações de quem era e, finalmente, abençoá-lo sem um motivo melhor do que o fato de ter permanecido lutando desesperadamente?

A resposta para nossa pergunta ocorre mais adiante na Bíblia, quando o Senhor apareceu de novo como homem. Na escuridão com Jacó, Deus fingiu fraqueza a fim de salvar-lhe a vida. Mas na escuridão do Calvário, o Senhor se mostrou como homem e se fez fraco de verdade para nos salvar. Jacó se manteve obediente mesmo sob o risco de morte, a fim de obter a bênção para si. Mas, ao enfrentar a cruz, embora pudesse tê-la recusado, Jesus se manteve na luta por obediência a custo da própria vida, a fim de obter bênção não para si, mas para nós.

Cristo nos resgatou da maldição da lei, tornando-se maldição em nosso favor [...]. Isso aconteceu para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios em Jesus Cristo, a fim de que recebêssemos a promessa do Espírito pela fé (Gl 3.13,14).

Por que Jacó pôde se aproximar tanto de Deus e ainda viver? Porque Jesus veio em fraqueza e morreu na cruz para pagar a pena por nosso pecado. A bênção de Deus, prometida a Abraão, está “em Jesus Cristo, a fim de que [recebamos] a promessa do Espírito pela fé”. O que era essa “promessa do Espírito”? Mais adiante, em Gálatas, Paulo escreve que “Deus enviou ao nosso coração o Espírito de seu Filho, que clama: Aba, Pai” (Gl 4.6). *Abba* era o diminutivo em aramaico para “pai”, que pode ser traduzido, de forma aproximada, por “papai”. É a expressão de fé confiante da criança no amor paterno. Paulo está dizendo que, se você crê no evangelho, o Espírito tornará o amor e a bênção de Deus uma realidade existencial em seu coração.

Você já ouviu a bênção de Deus em seu mais profundo interior? As palavras “Tu és o meu Filho amado; em ti me agrado” são uma fonte inesgotável de alegria e força em sua vida? Já sentiu, pelo Espírito Santo, Deus dizê-las a você? Essa bênção — a bênção pelo Espírito que nos pertence por meio de Cristo — é o que Jacó recebeu, o único remédio contra a idolatria. Apenas essa bênção torna os ídolos desnecessários. Assim como Jacó, geralmente só descobrimos isso depois de uma vida “procurando bênção nos lugares errados”. Muitas vezes, é necessária uma experiência de fraqueza que nos aleija para enfim descobrirmos isso. Eis por que muitas das pessoas mais abençoadas por Deus mancam enquanto dançam de alegria.

Porque a loucura de Deus é mais sábia que a sabedoria humana, e a fraqueza de Deus é mais forte que a força do homem (1Co 1.25, NIV).

¹ David Clarkson, “Soul idolatry excludes men from heaven”, in: *The practical works of David Clarkson* (Edinburgh: James Nichol, 1865), vol. 2, p. 299ss.

² *Ibidem*, p. 311.

EPÍLOGO

DESCOBRINDO E SUBSTITUINDO SEUS ÍDOLOS

A importância de discernir os ídolos

É impossível entender seu coração ou sua cultura se você não discernir os deuses falsos que os influenciam. Em Romanos 1.21-25, Paulo mostra que a idolatria não é apenas um pecado entre muitos, mas o que há de fundamentalmente errado no coração humano:

Porque, mesmo tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças [...] substituíram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador (Rm 1.21,25).

Paulo continua apresentando uma lista de pecados que criam miséria e maldade no mundo, mas todos têm raiz nesse solo, o inexorável ímpeto humano por “produzir deuses”.¹ Em outras palavras, *a idolatria é sempre a razão pela qual fazemos algo errado*. Ninguém entendeu isso melhor que Martinho Lutero. Em seu Catecismo Maior (1529) e na obra *Treatise on good works* [Tratado sobre as boas obras], ele escreveu que os Dez Mandamentos começam com um preceito contra a idolatria. Por que essa prioridade? Porque, segundo Lutero, a motivação fundamental da transgressão da lei é a idolatria.² Nunca infringimos os outros mandamentos sem infringir o primeiro. Por que deixamos de amar ou manter promessas ou de viver de maneira altruísta? Claro, a resposta genérica é “porque somos fracos e pecadores”, mas a específica, em qualquer circunstância real, é a existência de algo que você sente que *precisa* ter a fim de ser feliz, algo mais importante para seu coração do que o próprio Deus. Não mentiríamos a menos que, primeiro, tivéssemos tornado alguma coisa

— a aprovação humana, a reputação, o poder sobre as pessoas, a vantagem financeira — mais importante e valiosa para nosso coração que a graça e o favor de Deus. O segredo para mudar é identificar e demolir os deuses falsos de seu coração.³

É impossível entender uma cultura sem discernir os ídolos dela. Os filósofos judeus Moshe Halbertal e Avishai Margalit deixam claro que a idolatria não é simplesmente uma forma de adoração ritual, mas toda uma sensibilidade e padrão de vida baseados em valores finitos e na conversão de coisas criadas em absolutos divinos. Portanto, na Bíblia, afastar-se dos ídolos envolve a rejeição da cultura que os ídolos produzem. Deus diz a Israel que eles devem não só rejeitar os outros deuses das nações, mas também que “nem imitem as suas práticas” (Êx 23.24). Não há como desafiar os ídolos sem fazer uma crítica cultural, e não há como fazer crítica cultural sem discernir e desafiar os ídolos.⁴ Um bom exemplo disso é a pregação de Paulo em Atenas (At 17) e em Éfeso (At 19). Paulo desafiou os deuses da cidade de Éfeso (At 19.26), o que levou a tamanha alteração nos padrões de consumo dos novos convertidos que transformou a economia local. Por sua vez, isso desencadeou uma insurreição promovida pelos comerciantes da cidade. Observadores contemporâneos têm notado com frequência que os cristãos modernos são tão materialistas quanto todas as outras pessoas em nossa cultura. Será que isso ocorre porque nossa pregação do evangelho não inclui, como a de Paulo incluía, a exposição dos deuses falsos da nossa cultura?

Identificando ídolos

Não estou lhe perguntando se você tem ou não deuses concorrentes. Presumo que todos os temos; estão escondidos em cada um de nós.⁵ A questão é: o que fazemos em relação a eles? Como podemos nos tornar cada vez mais perspicazes, em vez de permanecermos debaixo do poder deles? Como podemos ser libertos dos nossos ídolos a fim de sermos capazes de

tomar decisões sensatas e sábias que sejam melhores para nós e para quem nos rodeia? Como discernimos nossos ídolos?

Uma das maneiras exige que prestemos atenção à nossa imaginação. O arcebispo William Temple certa vez disse: “Sua religião é o que você faz com sua solidão”.⁶ Em outras palavras, o verdadeiro deus do seu coração é aquilo em que seus pensamentos se concentram sem o menor esforço quando nada mais requer sua atenção. Com o que você tem prazer de sonhar acordado? O que ocupa sua mente quando você não tem mais nada em que pensar? Você cria enredos potenciais relacionados com sua ascensão profissional? Ou com bens materiais, como a casa dos sonhos? Ou com o relacionamento com determinada pessoa? Um ou dois devaneios não são indício de idolatria. Pergunte então: em que você habitualmente pensa para se alegrar e experimentar conforto na privacidade de seu coração?

Outro modo de discernir o verdadeiro amor do seu coração é prestando atenção na maneira que você gasta seu dinheiro. Jesus disse: “Porque onde estiver teu tesouro, aí estará também teu coração” (Mt 6.21). Seu dinheiro é usado com mais facilidade naquilo que é o amor supremo do seu coração. Na verdade, a característica de um ídolo é você gastar dinheiro demais nele e precisar exercer seu autocontrole o tempo todo. Como Paulo escreveu, se Deus e sua graça forem o amor supremo de sua vida, você dará seu dinheiro ao ministério, à caridade e aos pobres em quantias extraordinárias (2Co 8.7-9). A maioria de nós, no entanto, tende a gastar demais com roupas, nossos filhos ou símbolos de status como casas e carros. Nossos padrões de consumo revelam nossos ídolos.

Uma terceira maneira de discernir os ídolos funciona melhor para aqueles que professam ter fé em Deus. Talvez você frequente um lugar de adoração. Talvez tenha um conjunto completo e piedoso de crenças religiosas. Talvez esteja tentando com muito empenho crer e obedecer a Deus. Contudo, qual é a sua verdadeira salvação funcional no dia a dia? Para o que você realmente vive, qual é o seu deus real — não aquele que professa? Uma boa maneira de identificar isso é verificar como você reage às orações sem resposta e às esperanças frustradas. Se você pede algo que não recebe, talvez fique triste ou desapontado. Depois, segue em frente. Ei, a

vida não acabou! Isso que você pediu não é seu senhor funcional. Mas quando ora e trabalha por algo que não alcança, e você reage explodindo de raiva ou com desespero profundo, então pode ser que tenha descoberto seu deus verdadeiro. Como Jonas, você sente raiva suficiente para querer morrer.

Um teste final se aplica a todo mundo. Veja quais são as suas emoções mais incontroláveis.⁷ Como o pescador em busca de peixe sabe que deve ir onde a água está mais turbulenta, procure seus ídolos no fundo de suas emoções mais dolorosas, em especial aquelas que nunca parecem passar, e que o motivam a fazer coisas que sabe serem erradas. Se sentir raiva, pergunte: “Tem alguma coisa importante demais para mim envolvida nessa história, algo que preciso ter a todo custo?”. Aplique esse mesmo processo a situações de grande medo, desespero e culpa. Pergunte-se: “Estou com todo esse medo porque algo em minha vida está sendo ameaçado, algo que considero uma necessidade, mas não é? Sou tão crítico comigo mesmo porque perdi ou fracasei em algo que considero uma necessidade, mas não o é?”. Se você trabalha em excesso, a ponto da exaustão por causa de uma atividade muito intensa, pergunte-se: “Sinto que *tenho de* ter isso para me sentir realizado e importante?”. Ao fazer esse tipo de perguntas a si mesmo, ao “arrancar suas emoções pela raiz”, por assim dizer, você sempre descobrirá seus ídolos agarrados a elas.

David Powlison escreve:

... a questão mais básica que Deus propõe a cada coração humano: “Alguma coisa ou alguém, além de Jesus o Cristo, tomou conta da confiança, da preocupação, da lealdade, do serviço, do medo e do deleite funcionais do seu coração? Dúvidas [...] trazem alguns sistemas de ídolos das pessoas para a superfície. ‘Para quem ou o que você se volta quando quer estabilidade, segurança e aceitação para o sustento da vida? [...] O que você realmente quer e espera [da vida]? O que o deixaria feliz [de verdade]? O que tornaria você uma pessoa aceitável? Onde você procura poder e sucesso?’ Essas perguntas ou outras semelhantes conseguem expor a verdade sobre nós: se servimos a Deus ou a ídolos, se procuramos a salvação de Cristo ou de falsos salvadores”.⁸

Substituindo ídolos

Na Carta aos Colossenses, Paulo exortou seus destinatários a “eliminar” os desejos perversos do coração, incluindo “a ganância, que é idolatria” (Cl 3.5, NIV). Mas como? Paulo explicou isso nos versículos anteriores.

Portanto, já que vocês ressuscitaram com Cristo, procurem as coisas que são do alto, onde Cristo está assentado à direita de Deus. Mantenham o pensamento nas coisas do alto, e não nas coisas terrenas. Pois vocês morreram, e agora a sua vida está escondida com Cristo. Quando Cristo, que é a sua vida, for manifestado, então vocês também serão manifestados com ele em glória. Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria (Cl 3.1-5, NIV).

Idolatria não é apenas deixar de obedecer a Deus, mas também colocar o coração inteiro em algo além de Deus. Isso não pode ser remediado apenas pelo arrependimento por se ter um ídolo, ou pelo uso da força de vontade para tentar viver de maneira diferente. Afastar-se dos ídolos não é menos do que essas duas coisas, mas também é bem mais. “Mantenham o pensamento nas coisas do alto” onde “a sua vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3.1-3, NIV) significa apreciação, alegria e descanso em tudo o que Jesus fez em seu favor. Isso envolve adorar com alegria, uma percepção da realidade de Deus em oração. Jesus deve tornar-se mais belo para a sua imaginação, mais atraente para o seu coração, do que seu ídolo. É isso que substituirá seus deuses falsos. Se você arrancar o ídolo e não “plantar” o amor de Cristo no lugar, o ídolo tornará a crescer.

Alegria e arrependimento devem andar juntos. Arrependimento sem alegria levará ao desespero. A alegria sem arrependimento é superficial e só fornecerá inspiração passageira, e não mudança profunda. De fato, quando nos alegramos no amor sacrificial de Jesus por nós de maneira plena, ainda que nos pareça paradoxal, somos mais verdadeiramente convencidos do nosso pecado. Quando nos arrependemos por medo das consequências, não lamentamos de verdade pelo pecado, mas por nós mesmos. O arrependimento com base no medo (“É melhor eu mudar ou Deus vai me pegar”) é autopiedade. No arrependimento com base no medo, não aprendemos a odiar o pecado em si, e ele não perde seu poder de atração. Aprendemos somente a nos conter diante dele por nossa própria causa. Mas quando nos regozijamos no amor sofredor e sacrificial de Deus por nós

— entendendo o quanto lhe custa salvar-nos do pecado — aprendemos a odiar o pecado pelo que ele é. Vemos o que o pecado custa para Deus. O que mais nos assegura do amor incondicional de Deus (a morte preciosa de Jesus) é o que mais nos convence do malefício do pecado. O arrependimento com base no medo faz com que nos odiemos. O arrependimento com base na alegria nos faz odiar o pecado.

A alegria em Cristo também é fundamental porque os ídolos são quase sempre coisas *boas*. Se transformarmos trabalho e família em ídolos, não queremos parar de amar nosso trabalho e nossa família. Em vez disso, desejamos amar a Cristo muito *mais*, a ponto de não sermos escravizados por nossos afetos. “Alegria” na Bíblia é algo muito mais profundo que simplesmente estar feliz por alguma coisa. Paulo orientou que deveríamos “[alegrarmo-nos] sempre no Senhor” (Fp 4.4), mas isso não pode significar: “sintamo-nos sempre felizes”, uma vez que ninguém é capaz de ordenar ninguém a experimentar uma emoção específica. Alegrar-se é entesourar algo, estimar o valor que ele tem para você, refletir sobre sua beleza e importância até o coração descansar nele e saborear sua doçura. “Alegrar-se” é um modo de adorar a Deus até o coração tornar-se doce e descansado, e até abrir mão de qualquer outra coisa de que pense necessitar.

Assistindo ao evangelho como a um vídeo

Henry e Kevin tinham perdido o emprego por causa de uma atitude injusta dos chefes e vieram ao meu encontro em busca de aconselhamento em um intervalo de um ano entre um e o outro. Henry perdoou o chefe e seguiu em frente. Estava indo muito bem, ao passo que Kevin não conseguia superar o ocorrido; continuava amargo e cético, e isso afetou sua carreira futura. Algumas pessoas tentaram ajudá-lo a trabalhar as emoções. Quanto mais simpatia lhe demonstravam, mais Kevin se sentia justificado em sua raiva e mais crescia sua autopiedade. Outras pessoas tentaram trabalhar diretamente em sua vontade (“dê a volta por cima e siga em frente”). Tampouco isso funcionou. O evangelho opera de uma maneira diferente.

Ele não trabalha diretamente nas emoções ou na vontade. Ele pergunta: “O que está operando no lugar de Jesus Cristo como sua salvação e seu salvador reais e funcionais?”. Para o que você está se voltando a fim de se justificar? Seja o que for, é um deus falso, e você precisa identificá-lo e rejeitá-lo como tal para experimentar uma mudança de vida.

Kevin recorria à carreira profissional para provar seu valor a si mesmo, e quando algo dava errado, sentia-se condenado. Ficou paralisado porque os fundamentos de sua identidade estavam se desintegrando. Não fez nenhum progresso até perceber que fizera da profissão sua autossalvação. O problema não era apenas que precisava perdoar o chefe; seu verdadeiro problema era que algo além de Jesus Cristo estava funcionando como seu salvador. Sempre tem algo por trás dos problemas, desejos, padrões, atitudes e emoções imoderados e fora de controle. Enquanto não descobrir o que é, você não consegue ter vida e paz.

Kevin acabou percebendo que, embora tecnicamente acreditasse ser amado com a graça preciosa de Deus, essa não era uma verdade entusiasmante que tinha cativado seu coração e sua imaginação. As palavras de seu chefe eram mais reais e impactantes para seu coração que as do Rei do universo. É possível ouvir a gravação de um áudio ao mesmo tempo que se faz outras coisas pela casa, mas assistir a uma apresentação visual e ouvi-la prende muito mais a atenção. Ela preenche toda a sua visão. De igual modo, você pode saber do amor de Deus com a mente, mas não com o coração, como no caso de Kevin. O que fazer para remediar isso? Como, em nossa vida, podemos assistir às verdades do evangelho como se fosse um vídeo, de modo que elas influenciem tudo o que sentimos e fazemos?

São necessárias aqui as chamadas “disciplinas espirituais” como a oração individual, a adoração em comunidade e a meditação.² As disciplinas pegam o conhecimento cognitivo e transformam-no em realidade que influencia a vida em nosso coração e em nossa imaginação. Disciplinas espirituais são basicamente formas de *adoração*, e adoração é a forma definitiva de substituição dos ídolos do seu coração. Você não pode obter alívio apenas descobrindo seus ídolos com o intelecto. Precisa alcançar a paz que Jesus dá, e ela só vem quando você adora. A análise pode ajudá-lo a descobrir

verdades, mas depois você precisa “incuti-las pela oração” em seu coração. Isso leva tempo. É um processo sobre o qual pode-se dizer muita coisa, mas não podemos falar sobre ele neste livro.

Seja paciente

Acredito que esse processo tomará nossa vida inteira. Nas décadas de 1960 e 1970, a rodovia Interstate 79 estava sendo construída na Pensilvânia. Minha esposa, Kathy, percorria essa rota com frequência de Pittsburgh, onde morava, até a faculdade em Meadville, Pensilvânia, e até o local em que a família tirava férias, no lago Erie. Durante anos, a rodovia permaneceu inacabada em determinado trecho, onde havia um pântano particularmente detestável. Ao menos em uma ocasião, os operários da construção estacionaram uma escavadeira da noite para o dia sobre o que parecia terreno sólido. Pela manhã, no entanto, descobriram que ela afundara. Costumavam fincar estacas no local, na tentativa de encontrar um leito de rocha, mas as estacas desapareciam.

Nosso coração é desse jeito. Pensamos que aprendemos sobre a graça, deixamos nossos ídolos de lado e chegamos a uma situação em que servimos a Deus não pelo que podemos obter dele, mas por quem ele é. Há um sentimento de que passamos a vida inteira pensando termos alcançado o fundo do nosso coração e descobrindo que esse fundo é falso. Cristãos maduros não são pessoas que alcançaram o leito de rocha por completo. Não acredito que isso seja possível nesta vida. Antes, são pessoas que sabem como continuar a perfurar e estão chegando cada vez mais perto.

O grande pastor e autor de hinos John Newton certa vez escreveu sobre essa luta:

Se puder falar de minha própria experiência, creio que manter os olhos só em Cristo como minha paz e minha vida é de longe a parte mais difícil do meu chamado. [...] Parece mais fácil negar a mim mesmo em mil situações de conduta exterior do que em meus incessantes esforços de agir como se fosse eu a fonte de minha própria justiça e poder.¹⁰

O homem e a mulher que conhece a diferença à qual Newton se refere, ou seja, obedecer a regras externas em vez de, realmente, colocar seu coração em Cristo para obter a verdadeira fonte de paz e vida, está no caminho para se libertar dos falsos deuses.

¹ Sobre Romanos 1.21-25, o comentarista Douglas J. Moo escreve: “De [...] modo paradigmático, [Paulo] descreve a terrível tendência de todas as pessoas de corromperem o conhecimento que têm de Deus criando deuses próprios. O processo trágico da ‘produção de deuses’ prossegue a passo acelerado em nossos dias. [...] Assim, conforme os versículos 24-31, toda a terrível coleção de pecados que infesta a humanidade tem raiz no solo dessa idolatria” (*The Epistle to the Romans* [Grand Rapids: Eerdmans, 1996], p. 110).

² “Todos que não confiam em Deus em todo tempo nem confiam no favor, na graça e na boa vontade divinos para todas as suas obras ou sofrimentos, vida e morte, mas buscam seu favor em outras coisas ou em si próprios, não guardam esse [primeiro] mandamento e praticam a verdadeira idolatria, mesmo que cumprissem o que determinam todos os outros mandamentos e ainda contassem com todas as orações, a obediência, a paciência e a castidade de todos os santos juntos. Pois a obra principal não está presente, sem a qual todas as outras nada são além de engano, exibição e vaidade, sem nada para as sustentar. [...] Se duvidarmos ou não crermos que Deus é gracioso para conosco e que se agrada de nós, ou se esperarmos com arrogância agradá-lo só por meio e por causa das nossas obras, então é tudo puro engano, honrando a Deus externamente, mas internamente estabelecendo o eu como um falso [salvador]...” (Excerto de Martin Luther, *Treatise concerning good works* [1520], partes X, XI).

³ Lutero não foi o único grande teólogo a observar que a idolatria está por trás de todo pecado. Agostinho escreveu: “Pecados são cometidos quando, graças a uma ladainha imoderada em favor [...] dos bens menores, abandonamos o melhor e mais elevado bem que és tu, ó Senhor, nosso Deus, e tua verdade e lei” (John K. Ryan, org., *The confessions of St. Augustine* [Doubleday, 1960], p. 71) [edição em português: *Confissões*, tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros (Rio de Janeiro: Ediouro, 1993)]. Veja tb. John Calvin, *Institutes of the Christian religion*, organização de J. T. McNeil (Westminster, 1961), I.II.8 e 3.3.12 [edição em português: João Calvino, *As institutas*, tradução de Waldyr Carvalho Luz (São Paulo: Cultura Cristã, 2006)]. Também a grande obra de Jonathan Edwards sobre a ética, *The nature of true virtue*, presume que a idolatria, um malogro em amar a Deus sobre todas as coisas, está na origem do fracasso humano em cultivar uma vida virtuosa.

⁴ M. Halbertal; A. Margalit, *Idolatry* (Cambridge: Harvard, 1992), p. 6. “Valores compartilhados [em comunidade], originários da combinação de percepções visuais estabelecidas, criam uma sensibilidade comum nas pessoas. [...] O mandamento ‘nem sigam as suas práticas’, que implica uma rejeição ao estilo de vida da cultura idólatra, reflete um tecido complexo de modo de vida, ritual e fé. [...] A categoria de idolatria envolve uma crítica à cultura em que a idolatria se desenvolveu”.

⁵ Eis uma breve lista de categorias de ídolos. Ela pode nos ajudar a entender o amplo espectro de idolatria a fim de identificar melhor quais são nossos ídolos: *Ídolos teológicos*. Erros doutrinários que produzem visões tão distorcidas de Deus que acabamos adorando um deus falso. *Ídolos sexuais*. Vícios como pornografia e fetichismos que prometem, mas não concedem, um sentimento de intimidade e aceitação; ideais de beleza física em você mesmo e/ou no parceiro/parceira; o idealismo romântico. *Ídolos mágicos/rituais*. Feitiçaria e ocultismo. Toda idolatria é, no fim, uma forma de mágica que busca

se rebelar contra a ordem da realidade transcendente, em vez de se submeter a ela em amor e sabedoria. *Ídolos políticos/econômicos*. Ideologias de esquerda, direita e libertária que transformam em absoluto algum aspecto da ordem política e fazem dele a solução. A deificação ou demonização dos livres mercados, por exemplo. *Ídolos raciais/nacionais*. Racismo, militarismo, nacionalismo ou orgulho étnico que se torna amargo ou opressivo. *Ídolos relacionais*. Sistemas familiares disfuncionais de codependência; “atrações fatais”; viver a vida por meio dos filhos. *Ídolos religiosos*. Moralismo e legalismo; idolatria de sucesso e dons; a religião como pretexto para abuso de poder. *Ídolos filosóficos*. Sistemas de pensamento que fazem de algo criado o problema central da vida (e não o pecado) e faz de algum produto ou iniciativa humanos a solução para os nossos problemas (e não a graça de Deus). *Ídolos culturais*. O individualismo radical, como ocorre no Ocidente, que transforma em ídolo a felicidade individual às custas da comunidade; culturas da vergonha que transformam em ídolo a família e o clã às custas dos direitos individuais. *Ídolos profundos*. Inclinações motivacionais e temperamentos elevados à condição de absolutos: a) Idolatria do poder: “A vida só tem sentido/Eu só tenho valor se tenho poder e influência sobre as pessoas”. b) Idolatria da aprovação: “A vida só tem sentido/Eu só tenho valor se sou amado e respeitado por _____”. c) Idolatria do conforto: “A vida só tem sentido/Eu só tenho valor se eu tiver esse tipo de experiência de prazer, uma condição particular de vida”. d) Idolatria do controle: “A vida só tem sentido/Eu só tenho valor se for capaz de ter o controle sobre minha vida na área de _____”.

6 A declaração costuma ser atribuída ao arcebispo, mas não consegui confirmá-lo ou identificar uma fonte. Pode ser uma paráfrase.

7 De acordo com a Bíblia, todos os adoradores de ídolos procuram deuses falsos a fim de obter mais liberdade e controle, mas, no fim, o resultado é menos liberdade e controle, uma espécie de escravidão. Pensamos que ao correr atrás de sexo, de dinheiro e de poder no lugar do Deus verdadeiro estamos alcançando libertação, porém, no fim, tornamo-nos escravizados a essas coisas. Usando a metáfora conjugal para a idolatria, Jeremias 2 e Ezequiel 16 mostram que quando abandonamos nosso Cônjuge Verdadeiro em troca de outros amantes, caímos em uma espécie de vício sexual espiritual. “... Mas tu dizes: Não há esperança, porque tenho amado deuses estrangeiros e continuarei indo atrás deles” (Jr 2.25). “... Contudo, em todo monte elevado e debaixo de toda árvore frondosa te deitaste, prostituindo-te” (Jr 2.20).

8 David Powlison, “Idols of the heart and vanity fair”, *The Journal of Biblical Counseling*, n. 2 (Winter 1995), vol. 13.

9 Um bom ponto de partida poderia ser Kenneth Boa, *Conformed to his image* (Grand Rapids: Zondervan, 2001). Um livro importante a ser lido como introdução às disciplinas espirituais é Edmund P. Clowney, *CM: Christian meditation* (Vancouver: Regent, 1979). Clowney faz distinções importantes entre técnicas de meditação do misticismo oriental e do cristianismo ortodoxo.

10 *Works of John Newton* (Edinburgh/Carlisle: Banner of Truth, reimpr.), vol. 6, p. 45.

BIBLIOGRAFIA

- BARTON, Stephen C., org. *Idolatry: false worship in the Bible, early Judaism, and Christianity* (London/New York: T&T Clark, 2007).
- BEALE, G. K. *We become what we worship: a biblical theology of idolatry* (Downers Grove: InterVarsity, 2008).
- _____. *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. Tradução de Marcus Throup (São Paulo: Vida Nova, 2014). Tradução de: We become what we worship.
- BENSON, Bruce Ellis. *Graven ideologies: Nietzsche, Derrida, and Marion on modern idolatry* (Downers Grove: InterVarsity, 2002).
- BOBICK, Michael W. *From slavery to sonship: a biblical psychology for pastoral counseling*. Tese não publicada de doutorado em ministério (Westminster Theological Seminary, 1989).
- CLARKSON, David. "Soul idolatry excludes men from heaven". In: *The practical works of David Clarkson* (Edinburgh: James Nichol, 1865). vol. II. p. 299ss.
- GOUDZWAARD, Bob. *Idols of our time* (Sioux City: Dordt College Press, 1989).
- HALBERTAL, Moshe; MARGALIT, Avishai. *Idolatry* (Cambridge: Harvard University Press, 1992).
- KEYES, Richard. "The idol factory". In: GUINNESS, Os; SEEL, John, orgs. *No god but God: breaking with the idols of our age* (Chicago: Moody, 1992).
- LINTS, Richard. "Imaging and idolatry: the sociality of personhood in the Canon". In: LINTS, Richard; HORTON, Michael; TALBOT, Mark, orgs.,

Personal identity in theological perspective (Grand Rapids: Eerdmans, 2006).

LUTHER, Martin. *Larger catechism: with study questions*. Edição de Samuel Janzow (Saint Louis: Concordia, 1978).

_____. [LUTERO, Martinho]. *Catecismo maior* (São Leopoldo: Sinodal/Concórdia, 2017).

MEADORS, Edward P. *Idolatry and the hardening of the heart: a study in biblical theology* (London/New York: T&T Clark, 2006).

NIEBURH, Reinhold. “Man as sinner”. In: *The nature and destiny of man* (New York: Scribner, 1964). vol. 1: *Human nature*.

NIETZSCHE, Friedrich. *The twilight of the idols and The Anti-Christ*. Tradução para o inglês de R. J. Hollingdale (New York: Penguin, 1990)

_____. *O crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Paulo César de Souza (São Paulo: Companhia das Letras, 2006). Tradução de: *The twilight of the idols*.

ODEN, Thomas C. *Two worlds: notes on the death of modernity in America and Russia* (Downers Grove: InterVarsity, 1992).

_____. “No other Gods” in: BRAATEN, Carl; SEITZ, Christopher, orgs. *I am the Lord your God: Christian reflections on the Ten Commandments* (Grand Rapids: Eerdmans, 2005).

POWLISON, David. “Idols of the heart and vanity fair”. *The Journal of Biblical Counseling*, n. 2, Winter 1995, vol. 13. Disponível em: <http://www.ccef.org/idols-heart-and-vanity-fair>. Esse artigo circula há mais de duas décadas e tem sido inspirador para minha reflexão.

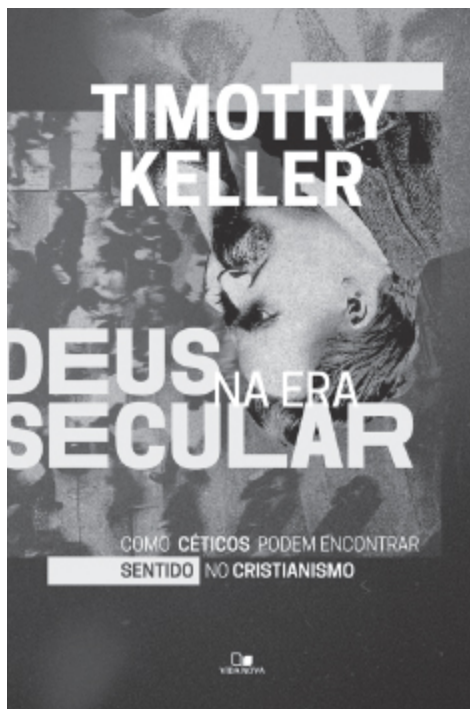
RAMACHANDRA, Vinoth. *Gods that fail: modern idolatry and Christian mission* (Downers Grove: InterVarsity, 1996).

_____. *A falência dos deuses*. Tradução de Milton Azevedo Andrade (São Paulo: ABU, 2000). Tradução de: *Gods that fail*.

ROSNER, Brian S. *Greed as idolatry: the origin and meaning of a Pauline metaphor* (Grand Rapids: Eerdmans, 2007).

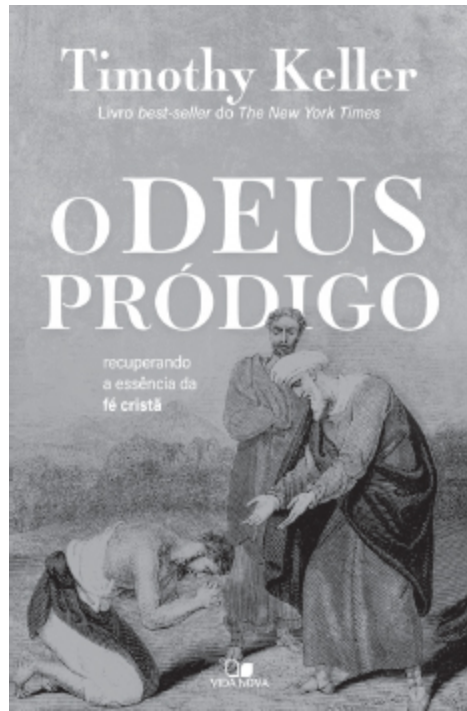
WESTPHAL, Merold. *Suspicion and faith: the religious uses of modern atheism* (Bronx: Fordham University Press, 1999).

Conheça outras obras de Tim Keller



Vivemos em uma época que valoriza a razão empírica, a evolução do progresso humano e o direito de todos escolherem sua própria expressão de significado, propósito e alegria. Para muitos hoje, a ideia de Deus ou de um poder superior não faz mais nenhum sentido. Para muitos, a fé e a religião já não podem oferecer nada de valor. Como seres humanos, não podemos viver sem satisfação, sentido, liberdade, identidade, justiça e esperança.

Por isso, Timothy Keller convida o cético e o estudante de filosofia e de religião a considerar que o cristianismo ainda é a resposta para todas essas necessidades.

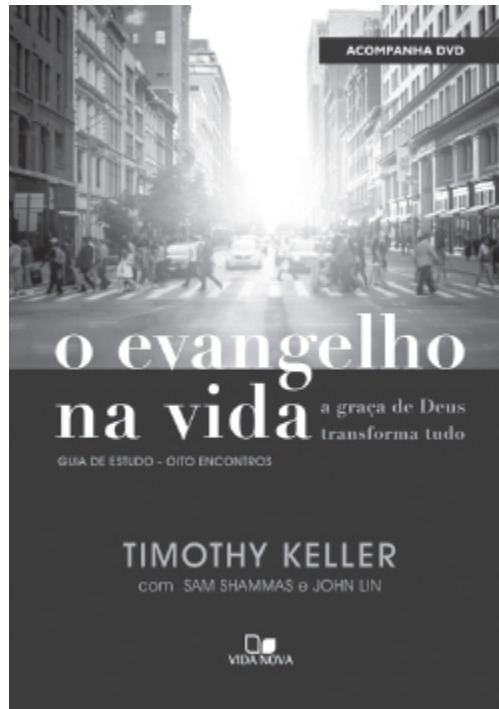


Nessa famosa passagem, que o autor denomina a “Parábola dos Dois Filhos Perdidos”, Jesus revela a abundante graça de Deus tanto para o irreligioso e licencioso quanto para o religioso e legalista. Neste livro, Keller se propõe expor os fundamentos da fé cristã. Seus argumentos certamente desafiarão e encorajarão recém-convertidos, cristãos já familiarizados com essa parábola e os que estão longe da fé.



Jesus mudou a vida de cada pessoa com quem se encontrou nos Evangelhos por meio de experiências e palavras poderosas que ofereceram às indagações dessas pessoas respostas inesperadas e transformadoras. Esses diálogos podem oferecer respostas a nossos questionamentos e dúvidas ainda hoje.

Este belo livro ocupa-se de vários desses encontros, mostrando que os acontecimentos centrais da vida de Jesus oferecem caminhos para encontrá-lo sempre de novo ou mesmo pela primeira vez.

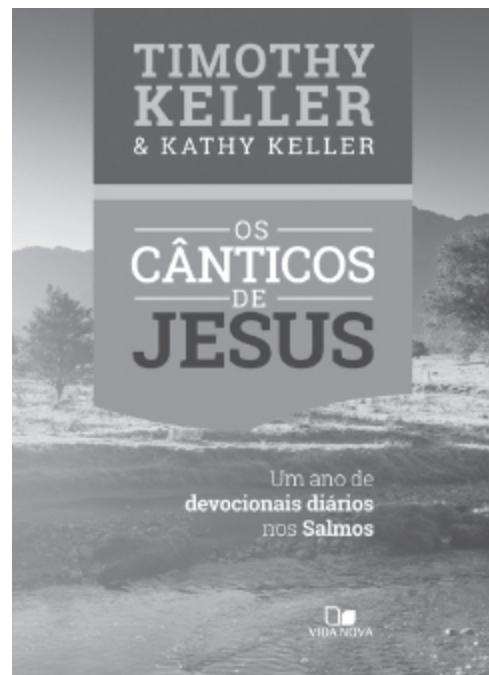


O evangelho na vida é um curso intensivo com oito encontros acerca do evangelho e sobre como vivê-lo — primeiro em seu coração, depois em sua comunidade e, por fim, no mundo.

Além de estudos bíblicos e perguntas para debate, esse livro traz um DVD com palestras do autor sobre o tema de cada capítulo. Os líderes também encontrarão uma ampla seção de notas para ajudá-los a se preparar para conduzir os encontros.



Com as percepções e a energia que já são sua marca registrada, Keller apresenta orientação bíblica sobre o assunto e oferece orações específicas para lidar com determinadas situações relacionadas à dor, à perda, ao amor e ao perdão. Reflete sobre como tornar as orações mais pessoais e poderosas e como estabelecer uma prática de oração que funcione para cada leitor.



Salmos é o livro de cânticos das Escrituras. Jesus conhecia intimamente todos os 150 salmos e se valeu deles ao enfrentar várias situações, até mesmo a morte.

Se você ainda não tem vida devocional, este livro é um maravilhoso começo. Se já dedica tempo ao estudo e à oração, entender cada versículo dos salmos intensificará ainda mais sua intimidade com Deus e lhe dará mais clareza sobre o propósito que ele tem para você em seu reino.

Esta obra foi composta em Adobe Caslon Pro, impressa em papel off-set 75 g/m², com capa em cartão 250 g/m², na Imprensa da Fé, em dezembro de 2018.